

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**CARLOS THANIEL MOURA**

**RAMOS DE AZEVEDO E ERNESTO DIAS DE CASTRO:  
ALIANÇAS DOMÉSTICAS E ESPACIAIS EM SÃO PAULO**

**GUARULHOS  
2017**

**CARLOS THANIEL MOURA**

**RAMOS DE AZEVEDO E ERNESTO DIAS DE CASTRO:  
ALIANÇAS DOMÉSTICAS E ESPACIAIS EM SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel e Licenciado em História

Orientação: Prof. Dr. Fernando Atique

**GUARULHOS  
2017**

MOURA, Carlos Thaniel.

Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro : Alianças domésticas e espaciais em São Paulo / Carlos Thaniel Moura. – 2017.  
125 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2017.

Orientação: Fernando Atique.

1. História da Arquitetura. 2. Domesticidade. 3. Mercado Imobiliário. I. Prof. Dr. Fernando Atique. II. Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro : Alianças domésticas e espaciais em São Paulo.

**CARLOS THANIEL MOURA  
RAMOS DE AZEVEDO E ERNESTO DIAS DE CASTRO:  
ALIANÇAS DOMÉSTICAS E ESPACIAIS EM SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel e Licenciado em História

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Fernando Atique  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla  
Universidade Federal de São Paulo

---

Profa. Dra. Roseli Maria Martins D' Elboux  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

À Edineide Moura Vieira e André B. de Oliveira,  
*alicerces da minha morada.*

## AGRADECIMENTOS

Não é preciso dizer que a casa é um lugar de memória. É nas lembranças de cada indivíduo que ela tem uma percepção diferenciada a partir de seu morador. Minha mãe nunca esteve nas estatísticas dos que possuíam casa própria, mas minha primeira lembrança é de morar na casa de uma tia no bairro do Imirim, na Zona Norte de São Paulo. Ao conhecer o meu futuro padrasto, minha mãe mudou para a cidade de Guarulhos, em uma comunidade conhecida por Vila São Rafael, onde continua a morar até hoje. Lembro das paredes levantadas de madeira e pensar que ali era a minha fortaleza, o lugar que me remetia à segurança. Quando criança, não percebia a precariedade da moradia em que vivia e menos ainda o descaso dos governantes com as populações mais pobres e o lugar que residiam. Para estes, estas famílias poderiam morar onde quisessem, até debaixo da ponte, mas o menos próximo possível dos bairros mais *chiques* da cidade. Foi depois de alguns anos que entendi o que era a luta de classes e como os menos afortunados são tratados como massa. E aquela massa em que o padeiro joga para cima, deixa cair no balcão, bate e amassa para dar o *ponto*, mas esquece de colocar o fermento. É o que acontece com as populações carentes, com a não subvenção do governo para projetos de moradia sociais dignas de serem habitadas.

Quando me tornei adulto, tive a oportunidade de morar com minha avó e meu irmão em uma casa de alvenaria de tijolos e percebi como o modo de morar era diferente. As paredes rebocadas, os azulejos instalados na cozinha e banheiro, e um quarto que poderia ser meu. A percepção mudara. E quando na universidade, o universo da história trouxe para o meu mundo, questões relacionadas a este modo de morar que foi se modificando ao longo dos séculos, pois nem tudo foi sempre do mesmo jeito que aprendemos a relacionar como o mais lógico e possível. A casa como conhecemos hoje, não tem pouco mais que um século!

Quando um historiador (a) se debruça em suas pesquisas, ele (a) parte de seus questionamentos para desenvolver e encontrar respostas para si mesmo, e em contrapartida para a sociedade em geral. Nem sempre as encontramos. Mas no deleite das pesquisas que pude realizar nesses três anos sobre o espaço doméstico em São Paulo, compreendi as noções dos modos de morar. E com isso aprendi que muitos não têm um lar edificado, com portão e jardins, e se encontram em péssimas condições como moradores de rua ou em comunidades sem nenhum saneamento básico, acesso à educação e saúde, por não possuírem um endereço. Mas essa não é política que esperamos dos governantes que estão no poder.

A cidade é direito de todos e não apenas de uma parcela da população. Enquanto muitos projetos de residências foram pensados para o conforto de seus moradores *ilustres* no

final do século XIX em São Paulo, e durante todo o século XX, a insalubridade reinava em cortiços espalhados pelas regiões da cidade, com mais de uma família morando em espaços menores que um dormitório de um *palacete*. Por isso, a Arquitetura Social veio romper com essas ideias conservadoras e muitos arquitetos souberam contribuir na medida do possível, pensando em projetos habitacionais mais elaboradas para uma família menos abastada. A História alinhada a essas percepções permite que enxerguemos essas distâncias sociais entre as classes e perceber como o projeto urbanístico de uma cidade está para além da arquitetura. Deixo aqui, portanto, registrado, como o tema da habitação tornou-se algo tão prazeroso e tema pertinente do meu trabalho.

E diante de toda essa minha trajetória, gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha mãe, Edineide Moura Vieira e ao meu irmão, André Barbosa de Oliveira por serem minha base em todas as frentes dos meus estudos. Estiveram sempre envolvidos com minhas escolhas nos meus estudos, sendo ponto de apoio em todos os momentos difíceis dos quais passei, e enfrentando comigo as batalhas conquistadas ao longo do caminho. Aos meus irmãos Aline Éllen e Marcos Vinícius pela parceria nessa jornada, pelas risadas e pelo ombro acalentador em momentos alegres e tristes.

À família Barbosa de Oliveira por todo o carinho e cumplicidade durante todos esses anos para com minha pessoa, em especial à Terezinha, Sandra, Renata, Roseli e Patrícia. As minhas primas do coração Danielly e Amanda Pozzi, Isabela, Rafaela, Rebeca e Bianca de Oliveira.

Às minhas amigas e mais chegadas que irmãs, Ana Cláudia Squarça e Fernanda Rodrigues por esses anos partilhando momentos inesquecíveis e aventuras para lá de memoráveis. Em meio às muitas angústias que cada trabalho apresentava, ter vocês ao meu lado foi fundamental para continuar seguindo em frente. Vocês sempre estarão no meu coração e que esta amizade continue por muitos anos, para velhinhos contarmos muitas histórias.

Gostaria de agradecer aos meus colegas de curso que também estiveram comigo ao longo desses anos, em risadas, preocupados com seminários e trabalhos, em comidinhas especiais e eventos: Aline Medeiros, Aline Rodrigues, Arthur Balthazar, Augusto Aigner, Bianca Almeida, Carolina Müller, César Rodrigues, Cibele Santos, Fábio Cupertino, Gabriela Demutti, Jaíne Diniz, Larissa Alves, Letícia Alves, Lídia Ananda, Lillian Souza, Marcelo Tanami, Mariana Popperl, Marina Passos, Mauricio Scaglione, Monaliza Caetano, Orlando Guarnier, Raphael Augusto, Samuel Morais, Stella Lima, Thaís Fogaça, Vanessa Isidoro, Vinícius Faustino e Vitor Paffile

À minha querida amiga Michele Dias por todo o suporte nos meus últimos anos na graduação. As conversas sobre Arquitetura e História foram sempre fantásticas, e eu sempre saía empolgado com as reflexões. Agradeço também por me mostrar um pouco mais de São Paulo, lugares que não imaginava existir, hoje estão na minha lista de preferidos da cidade.

À Renata Geraissati pela amizade e conversas sempre tão produtivas e que por vezes saíam ideias maravilhosas. Agradeço pelo aprendizado nesses meus últimos anos de graduação e espero continuar aprendendo muito mais, com a historiadora e amiga especial que você se tornou para mim.

Ao querido amigo e historiador, Philippe Arthur dos Reis pelas oportunidades a mim dirigidas nesse último ano, pelas experiências compartilhadas em eventos acadêmicos e conversas sobre arquitetura, urbanismo e história sempre recheadas de muitas risadas e reflexões valiosas.

Ao grupo de estudos Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica pelas ótimas discussões nas reuniões, conhecendo cidades históricas e participando de cantorias: Bruna Malorga, Clara Carvalho, Diógenes Sousa, Flaviane Mariano, Hennan Gessi, Lucas Florêncio, Luis Fernando, Luis Gustavo, Osvaldo Meca, Paola Pascoal, Rafael Conti, Raíssa Marcondes, Thiale Garcia e Vanessa Lima.

Aos professores do departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP pelas contribuições na minha jornada de estudante de história: Alexandre Pianelli Godoy, Ana Lúcia Lana Nemi, André Roberto de Arruda Machado, Andrea Slemian, Elaine Lourenço, Gilberto da Silva Francisco, Jaime Rodrigues, Janes Jorge, José Carlos Vilar daga, Lucília Santos Siqueira, Luigi Biondi, Luis Antonio Coelho Ferla, Luís Filipe Silvério Lima, Márcia Eckert Miranda, Mariana Martins Villaça, Patrícia Teixeira Santos, Rosângela Ferreira Leite e Rossana Alves Baptista Pinheiro. Além das professoras Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Ana Lúcia Duarte Lanna, ambas do departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, por me receberem em algumas de suas aulas que foram fundamentais para a compreensão da História da Arquitetura. À professora Maria Aparecida Borrego, do Museu Paulista, pela disciplina tão cara aos estudos sobre o espaço doméstico em São Paulo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNIFESP pelos dois anos de financiamento às pesquisas de Iniciação Científica e que culminaram com o desenvolvimento dessa monografia.



E por fim, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Fernando Atique, que desde 2014 me ajudou a ter outra perspectiva para o ofício do historiador. Durante esses anos, a amizade e suporte foram essenciais no meu trajeto como pesquisador. Não esperava que o destino me reservasse em ter além de um orientador, um grande amigo, que pacientemente foi me mostrando como melhor escrever e produzir textos científicos, ter um olhar mais apurado para as edificações e problematizar as questões candentes ligadas ao patrimônio. Agradeço pelas oportunidades ofertadas durante todos esses anos e por acreditar em mim, mesmo quando eu não tinha mais certeza do que o futuro me reservava.

*“Não se pode afirmar, nem mediante uma análise histórica, nem mediante uma descrição da situação atual, que a residência é uma coisa amorfa, pouco mais que uma zona cuja conversão seja fácil e imediata. A forma com que se realizam os tipos de edificações residenciais, o aspecto tipológico que os caracteriza, está intimamente ligado à forma urbana.”*

Aldo Rossi, A arquitetura da cidade

## RESUMO

A busca pela compreensão do espaço doméstico na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX, por meio do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, direcionou esta monografia ao estudo das relações dos negócios de seu diretor-proprietário Ramos de Azevedo. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é entender as alianças espaciais e domésticas que este engenheiro-arquiteto manteve ao longo de sua trajetória profissional, especificamente com o engenheiro Ernesto Dias de Castro, seu aluno, sócio nos negócios e genro. Por meio da estrutura biográfica que possibilita o descortinar de outras facetas da história urbana e da arquitetura, intentamos que esta monografia contribua para a compreensão do comércio e da política ligada ao setor da construção em São Paulo, mostrando como as alianças entre Castro e Ramos de Azevedo, tomaram a cidade como um negócio.

Palavras-chave: História da Arquitetura; Domesticidade; História Urbana; Mercado Imobiliário.

## **ABSTRACT**

This monograph intends to comprehend built space in the city of São Paulo in the first half of the twentieth century, through the Technical Office F. P. Ramos de Azevedo. As strategy for the research, we had focused our efforts in the analysis of the owner and director of this bureau, the engineer-architect Ramos de Azevedo. Thus, the objective of the research is to understand the spatial and domestic alliances that this professional maintained at the time of his professional career, specifically with the engineer Ernesto Dias de Castro, his student, business partner and son-in-law. The biographical structure allowed us to discover other facets of urban history and architecture, and, as consequence, to contribute, with this study, to the understanding of trade and politics related to the construction sector in São Paulo. The monograph shows how the alliances between Castro and Ramos Azevedo took the city as a business in that period.

**Keywords:** History of Architecture; Domesticity; Urban History; Real Estate Market.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1 O Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo como chave de investigação da domesticidade burguesa em São Paulo</b>	<b>15</b>
1.1 A casa como máquina: uma breve análise de objetos domésticos no interior das residências na cidade de São Paulo	27
1.2 O Álbum	30
1.2.1 Figuras do Álbum: os proprietários dos palacetes	36
<b>Capítulo 2 Para além da Arquitetura: a pulverização de negócios de Ramos de Azevedo e o aparecimento de estratégias de um mercado imobiliário</b>	<b>50</b>
2.1 Algumas estratégias para o mercado imobiliário em São Paulo	50
2.1.1 Políticas de um engenheiro	54
2.1.2 Ensino, prática e profissão em Ramos de Azevedo	57
2.1.3 Administrações para um mercado imobiliário	62
2.2 Mapeamento dos Negócios Urbanos de Ramos de Azevedo em São Paulo	66
<b>Capítulo 3 Um engenheiro na vida comercial: Ernesto Dias de Castro e a formação de um comércio de importação para a construção civil</b>	<b>71</b>
3.1 Um gaúcho na Pauliceia	72
3.2 A Casa comercial <i>Ernesto de Castro &amp; Cia</i>	79
<b>Considerações finais</b>	<b>89</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>92</b>
<b>Fontes Históricas</b>	<b>97</b>
<b>Anexos</b>	<b>99</b>

## *Introdução*

A história da habitação está intimamente ligada à história das cidades. Duas atividades profissionais estiveram presentes na reestruturação da cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o XX: o arquiteto e o engenheiro. Esses profissionais, ao lado de tantos outros atrelados à fatura da cidade, apoderaram-se de técnicas e materiais, e forjaram um discurso profissional que os guindaram a agentes privilegiados do processo de urbanização que, em São Paulo, assumiu preponderância após a década de 1870. A urbanização, entendida como uma relação entre sociedade e política, esteve inserida dentro de si reformas e projetos *ex-novo* para a cidade, muitos deles realizados a partir dos interesses da iniciativa privada. Nessa engrenagem do capitalismo com as elites paulistanas, a população trabalhadora e pobre foi esquecida da pauta da moradia e usufruto do espaço urbano que se criava.

O mercado imobiliário, meio do qual os investidores usaram como mecanismo de proteção de suas riquezas e posses, crescia em grande escala, quer econômica ou financeira. O ambiente de *crises* ocorridas em São Paulo – e no Brasil – durante as primeiras décadas do século XX, com a implantação da República, foi o mote para que a corrida pelos loteamentos e os negócios da construção civil se tornasse alvo dos empreendimentos das famílias abastadas e, mais tarde um pouco, dos setores médios também.

O *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo* que por mais de 80 anos participou da projeção da cidade de São Paulo, foi um precursor na construção de palacetes, edificações públicas e institucionais pela cidade. O caráter empreendedor também de seu diretor, o engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o colocou à frente no mercado imobiliário e da construção civil que passava por uma guinada na virada dos séculos citados.

À vista disso, este estudo propõe uma análise histórica a respeito das alianças desse engenheiro-arquiteto com outras figuras que estiverem presentes em seu círculo de influência e familiar para as muitas obras da cidade de São Paulo. Especificamente, para este trabalho, com o auxílio e envolvimento de outro engenheiro, Ernesto Dias de Castro, que porventura era seu genro, procuraremos mostrar como interesses de vários matizes ou procedências, perpassaram a teia de relações de Ramos de Azevedo. A partir do jogo de escalas, ou seja, pelo olhar da micro história, como bem apontou o historiador Carlo Ginzburg, a análise dessas relações nos permite proximidade do conjunto que estudamos para chegar a elaborações mais compreensíveis do que comumente entende-se por uma história macro e geral das cidades. Para tanto, a elaboração da biografia desses dois engenheiros é parte dos estudos aqui realizados.

Os resultados apresentados nessa monografia são em sua maioria produtos de duas pesquisas de Iniciação Científica, sendo a primeira, intitulada “*Domesticidade em Esquadro*”: *O Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo e algumas propostas para o espaço doméstico paulistano na virada dos séculos XIX e XX*, e, a segunda, de título “*Cada coisa em seu lugar*”: *A domesticidade das casas paulistanas e os objetos industriais (Séculos XIX e XX)*, ambas fomentadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNIFESP.

As fontes utilizadas para a construção desse trabalho foram diversas, das quais podemos destacar: jornais, plantas, mapas, imagens e fotografias, processos de tombamento, por exemplo. Essa diversificação se constata pela falta de fontes organizadas – e pela dificuldade de acesso em algumas instituições – das duas figuras públicas aqui estudadas. Para o recorte temporal, o ponto de partida foram os trabalhos de Ramos de Azevedo iniciados em 1886, no edifício da Secretaria do Tesouro, passando por seu falecimento em 1928, até a mudança da direção da Ernesto de Castro & Cia em 1956. Em relação ao espaço circunscrito desta pesquisa, concentramos nossos estudos na cidade de São Paulo.

Por consequência disso, as análises realizadas sobre os modos de morar, mercado imobiliário e construção civil pelas lentes do comércio foram estruturados em três capítulos na elaboração desta monografia.

O primeiro, sob o título *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo como chave de investigação da domesticidade burguesa em São Paulo*, aborda a relação da domesticidade para a compreensão dos modos de morar em perspectiva histórica. Neste capítulo apresentamos, também, o *Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo* e as reflexões obtidas a partir de um recorte das fotografias relacionadas aos palacetes que o mesmo projetou por volta de 1900. Concentramos-nos em apontar como o escritório esteve relacionado aos novos modos de morar em São Paulo e a percepção de uma clientela abastada nestas residências a quem eram destinadas.

O segundo capítulo, *Para além da Arquitetura: a pulverização de negócios de Ramos de Azevedo e o aparecimento de estratégias de um mercado imobiliário* destinou-se a compreender a face empreendedora de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, por meio de outros negócios e instituições ligados a ele como diretor ou simplesmente sócio. Compreendendo, de início, que estes negócios estavam imbricados com a forma de trabalho do próprio engenheiro-arquiteto, de forma que ampliasse a atuação do escritório no mercado imobiliário de São Paulo.

O último, *Um engenheiro na vida comercial: Ernesto Dias de Castro e a formação de um comércio de importação para a construção civil*, parte do entendimento da biografia profissional de Ernesto Dias de Castro para a compreensão de um comércio de importação de equipamentos para a casa paulistana e do próprio desenvolvimento da urbanização da cidade. Seguiremos com o estudo da casa de importação que o próprio Ernesto em sociedade com Ramos de Azevedo inaugurou em 1903, a *Ernesto de Castro & Cia*.

A opção por mostrar Ernesto Dias de Castro neste trabalho é porque descobrimos que Ramos de Azevedo foi legando, gradualmente ao seu ex-estudante, posterior sócio e genro, a condução de diversos de seus empreendimentos. Se a historiografia já começou a se debruçar sobre outro de seu genro, Arnaldo Dumont Villares, como no trabalho de Cristina Mehrtens,<sup>1</sup> Ernesto Dias de Castro ainda se encontra obliterado, o que nos leva a perguntar: seria este silêncio sobre Castro uma estratégia cunhada por Ramos de Azevedo e os Castros de maneira a aplacar questões de época? Tentamos perseguir tal raciocínio neste trabalho.

---

<sup>1</sup> MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.



## Capítulo 1

### *O Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo como chave de investigação da domesticidade burguesa em São Paulo*

*Cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações  
de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário  
habita para sempre.*

PERROT, Michelle<sup>2</sup>

Por séculos, a casa carregou o sinônimo de abrigo, mas foi somente na segunda metade do século XIX que as transformações dos hábitos sociais na Europa Ocidental trouxeram uma ressignificação para o “lar”<sup>3</sup>. A habitação se configurou como um símbolo de distinção social e, para Walter Benjamin, este é o momento em que “pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho”<sup>4</sup>.

Dessa forma, propomos aqui compreender o estabelecimento da casa como reflexo de uma nova organização social através da domesticidade.<sup>5</sup> Os elementos presentes nesse espaço doméstico, criados a partir de paradigmas da sociedade emergente do século XIX, atravessaram dois séculos nos conduzindo ao que conhecemos hoje por *morar*:

A casa deixara de ser meramente um abrigo perante os elementos da natureza, uma proteção contra o invasor – apesar destas terem continuado sendo funções importantes – e tornara-se o ambiente para uma unidade social nova e compacta: a família. Junto com a família veio o isolamento, mas também a vida familiar e a domesticidade. A casa estava se tornando um lar e, após a privacidade e a

---

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. **História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 299.

<sup>3</sup> Sobre a abrangência do termo em inglês, Witold Rybczynski diz: “A palavra ‘home’ [lar] reuniu os significados de casa e família, de moradia e abrigo, de propriedade e afeição. ‘Home’ significa a casa, mas também tudo que estivesse dentro ou em torno dela, assim com as pessoas e a sensação de satisfação e contentamento que emanava tudo isso. Podia-se sair da casa, mas sempre se retornava ao lar”. RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 73.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 37.

<sup>5</sup> De acordo com Vânia Carneiro de Carvalho, a domesticidade compreende o espaço doméstico onde é possível serem percebidas as rotinas do trabalho doméstico, o consumo dos alimentos, o uso de objetos decorativos e aparelhos funcionais, novos padrões organizacionais de moradia, as relações sentimentais entre os moradores, a experiência e aproximação do indivíduo com o seu corpo e outras percepções para o que se constitui como lar. Ver em: CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 293-324, jan. 2001.

domesticidade, o palco estava armado para a terceira descoberta: a noção de conforto.<sup>6</sup>

Essa ideia, da casa como espaço da individualidade e conforto, não se limita, portanto, a entender que a organização do espaço da moradia se manteve estática após esta nova percepção, antes, permite afirmar que esse processo foi composto de transformações diversas e de detalhes minuciosos. Quanto a essa dinâmica da casa, as ideias relacionadas aos projetos de habitação seguiriam novos rumos para o seu *uso, composição e direcionamento arquitetônico* em duas vertentes, a francesa e inglesa, como aponta Jean-Louis Cohen:

O modelo de composição elaborado na *École des Beaux-Arts* continuou a dominar a concepção da arquitetura cívica, ao mesmo tempo em que uma arquitetura doméstica inspirada pela Paris do barão Georges-Eugène Haussmann se propagava por inúmeras cidades, de Bucareste a Buenos Aires ou Nova York. Ainda assim, a centralidade do papel desempenhado pela Grã-Bretanha permanecia incontestável na esfera dos projetos habitacionais.<sup>7</sup>

Identificamos aqui, *referenciais* arquitetônicos, em especial às edificações residenciais, tornando-se referências para outras cidades do mundo. Em Paris com a *École des Beaux-Arts*, percebe-se a formação de um sistema capaz de romper as fronteiras nacionais em pleno século XX.<sup>8</sup>

Os estudos sobre arquitetura residencial propõem uma perspectiva para o espaço não somente com suas fachadas e composições externas, mas pela análise e desenvolvimento de seus interiores, mediante plantas que apresentavam para aquele período uma *nova* composição interna *estilística* da casa. Os profissionais que atuavam na formatação do espaço doméstico, não necessariamente estavam ligados a algum movimento/estilo arquitetônico, mas participavam de um processo de modernização e reflexão do *morar*.

No campo da História da Arquitetura, o conceito de domesticidade vem sendo trabalhado mais habitualmente quando se quer realizar uma narrativa em que as relações sociais são pertinentes às particularidades de cada espaço do interior das residências com os seus moradores, envolvendo, portanto, a intimidade e a percepção do corpo tanto no espaço privado, quanto no público. O espaço da individualidade crescente na casa e a busca por essa

---

<sup>6</sup> RYBCZYNSKI, Witold. *Op. Cit.*, p. 87.

<sup>7</sup> COHEN, Jean-Louis. **O futuro da Arquitetura desde 1889**: Uma história mundial. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 42.

<sup>8</sup> Maria Cristina Wolff de Carvalho dedica algumas páginas sobre a organização desse *sistema francês* de ensino das *Belas Artes* que se expandiu no continente europeu com a abertura de outras academias, originando um ensino politécnico. Ver em: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, pp. 25-28.

reflexão nos estudos históricos compreendem muitos elementos nos quais a domesticidade está envolvida.

A casa e o indivíduo são dois objetos referenciais, deflagradores, de fato, dos estudos sobre domesticidade, e como podemos verificar até o momento, carregam diversas perspectivas de análises. Isso pode ser considerado um problema para os historiadores que pesquisam o tema, já que este profissional terá que partir de outras fontes e análises de outros profissionais cujo campo de ação é regado por características próprias e com vocabulário especializado. Entretanto, isso pode ser considerado, em outro espectro, uma alternativa para que o historiador desbrave outros caminhos e descubra novas reflexões para sua ação profissional, obrigando-se a sair de sua *zona de conforto* e, trazendo especialmente para os estudos históricos, uma compreensão mais abrangente por meio do diálogo com outras áreas do conhecimento, sobre a prática que é universal: o morar.<sup>9</sup>

Em uma casa, seus espaços estão relacionados às relações de diferentes níveis, isto é: da organização de trabalhos domésticos, com a cozinha e lavanderia, os espaços sociais e de lazer, até os espaços privativos, com os dormitórios e os toaletes. Desta forma, nestas organizações, a memória é outro elemento que estará ligado a estes espaços pela atuação dos indivíduos. Michele Perrot narra essa importante estrutura de recantos de histórias, afirmando que:

a casa tem um sentido mais local que espacial. “Ser daqui” é reconhecer os elementos que formam uma paisagem: os sinais do céu e do tempo, os limites das propriedades e as histórias que os moldaram. “A terra, no sentido mais forte, é o espaço de um relacionamento radical, partilhado e reconduzido”, as histórias de família repetidas e repisadas: em suma, um espaço de memória.<sup>10</sup>

Esse espaço memorável, objeto de estudo para se compreender a domesticidade, revela um importante traço que não pode ser deixado de lado: os vestígios do tempo. A passagem do próprio edifício *pelo* tempo é um dos elementos que instiga os historiadores como fonte de análise dessa memória, mas não a única ferramenta possível de diagnóstico dos elementos que possam mostrar a domesticidade no lar, pois como bem retratou Carlos Lemos, “a arquitetura

---

<sup>9</sup> Alguns autores apontam que mesmo quem está em condição de rua, “mora”, habita. Face especular e excludente que se mostra cada vez mais presente em metrópoles mundo afora.

<sup>10</sup> PERROT, Michelle. *Op. Cit.* p. 290

não é só a exterioridade, a arquitetura não é só o volume arquitetônico, não é a cor do edifício. A arquitetura é também o seu espaço e como esse espaço é usado”.<sup>11</sup>

Em uma reflexão histórica sobre domesticidade apontamos uma das definições que Witold Rybczynski faz sobre esse termo em seus estudos:

A domesticidade é um conjunto de emoções sentidas, e não um único atributo. Ela está relacionada à família, à intimidade, à devoção ao lar, assim como a uma sensação da casa como incorporadora – e não somente abrigo – destes sentimentos. [...] O interior não era só um ambiente para as atividades domésticas – como sempre havia sido – mas os cômodos, os seus objetos, agora adquiriam vida própria.<sup>12</sup>

Embora o autor aponte a ideia de vida própria aos cômodos e aos objetos, devemos explicitar que não se trata de uma improvável função animada, mas, sim, de uma possibilidade de especialização funcional que legou aos cômodos e aos seus objetos componentes, uma lógica de funcionamento e de geografia para a prática da vida privada. A domesticidade é o resultado do que podemos chamar de busca da intimidade do homem do século XIX. Se quisermos discutir a existência do espaço doméstico em períodos anteriores a este, não encontraremos grandes problemas. A casa que apresenta uma configuração de poucos ou muitos utensílios, não difere muito ao longo dos séculos, pois sempre foi considerada como um abrigo e um lugar de acúmulo de *coisas*. É, entretanto, com o século XIX que podemos abordar o conceito de domesticidade, já que este período veio para consolidar as ideias relacionadas à descoberta e percepção do corpo.<sup>13</sup> O quadro organizacional das residências passou a apresentar uma nova dinâmica, em que os corpos possuíam espaços próprios para si: a privacidade do Oitocentos marcou aquele século. Para a historiadora Vânia Carneiro de Carvalho, “a casa da segunda metade do século XIX organizou-se de modo a dar pleno impulso à expansão da intimidade como parte da identidade

---

<sup>11</sup> LEMOS, Carlos A. C. **Ecletismo atual**. CHIOZZINI, Daniel e GARDINI, André. Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN, n. 4, mar. / abr. de 2006. Disponível em: < <http://www.labjor.unicamp.br/patrimoni o/materia.php?id=172> > Acesso em 25 ago 2017.

<sup>12</sup> RYBCZYNSKI, Witold. *Op. Cit.*, p. 85.

<sup>13</sup> Mesmo diante da intensidade dessas percepções no Oitocentos, Georges Vigarello apresenta o século XVIII como importante chave de investigação para as questões relacionadas à percepção dos sentidos do corpo. Segundo este autor, o século XVIII inova neste ponto: “Uma atuação específica destinada aos sentidos internos é assim engajada. Ali o indivíduo consegue desdobrar-se, rejubilar-se diferentemente com seu ‘si’, renovar seus imaginários, experimentar-se e expressar-se melhor. É seu ser mesmo que é transformado, tornando mais autônomo, mais afirmado, menos dependente de uma sobrenatureza que o sobrecarrega, menos atravessado pelo divino que o ‘submete’, mais imerso num corpo que o identifica. O futuro cidadão já perfila a manifestação de uma emancipação tão inelutável quanto inédita.” In.: VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, pp. 68-69.

de cada membro da família”<sup>14</sup> e, assim, naquele mesmo século verifica-se um *novo* acondicionamento de bens materiais e conforto para o indivíduo dentro da “casa”. Sobre essa conjuntura, Perrot observa que:

a casa é objeto de lutas internas, microcosmo percorrido por sinuosidades e fronteiras onde se defrontam o público e o privado, homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados, família e indivíduos. A distribuição e o uso dos cômodos, escadas e corredores de circulação das pessoas e coisas, locais de descanso, para cuidados e prazeres do corpo e da alma, tudo obedece a estratégias de encontro e evasão que trespassam o desejo e preocupação para consigo. Gritos e cochichos, risos e soluções sufocados, murmúrios, ruídos de passos que se espreitam, ranger de portas, o impiedoso pêndulo tecem as ondas sonoras da casa. O sexo está no coração de seu segredo.”<sup>15</sup>

Esse espaço que passou a acomodar as individualidades das pessoas, também recebeu os mais variados objetos, tanto decorativos, quanto os de crescente requisição no cotidiano da casa. Essa domesticidade também pode ser percebida como parte do processo de globalização que começara com a Revolução Industrial e o comércio de exportação dos gostos europeus e americanos:

Isto foi particularmente verdadeiro no final do século XIX, um tempo digno de atenção para a sua domesticidade cosmopolita - isto é, para o entusiasmo das famílias burguesas por bens importados e estilos considerados estrangeiros, em grande parte por sua própria alienação. As ligações internacionais da época constituem o fundamento material e ideológico para essa tendência (tradução nossa).<sup>16</sup>

Na cidade de São Paulo, alvo também das trocas comerciais que se iniciara com a exportação de café para os principais países da Europa, o desejo de se equiparar às *modas* internacionais atravessou o Atlântico tanto por produtos importados, como para os estilos arquitetônicos:

As elites emergentes imputavam-se o dever de livrar o país do que consideravam “atraso”, atribuído ao passado colonial e imperial do país, e visível na aparente confusão dos espaços urbanos, povoados de ruas populosas e barulhentas, de

---

<sup>14</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920.** São Paulo: EDUSP / FAPESP, 2008, p. 298.

<sup>15</sup> PERROT, Michelle. *Op. Cit.* p. 288.

<sup>16</sup> “This was particularly true in the late nineteenth century, a time noteworthy for its cosmopolitan domesticity - that is, for bourgeois householders' enthusiasm for imported goods and styles perceived to be foreign, in large part because of their very foreignness. The international linkages of the age lay the material and ideological groundwork for this trend.” HOGANSON, Kristin. **Cosmopolitan Domesticity: Importing the American Dream, 1865-1920.** *The American Historical Review* 107, n. 1, 2002, p. 55-83 (57).

habitações superlotadas, de epidemias que se alastravam com rapidez pelos bairros, assolando continuamente as grandes capitais litorâneas.<sup>17</sup>

Como dito anteriormente, tanto o modelo francês, quanto o inglês relacionados à arquitetura doméstica se tornaram referência para a constituição de um gosto “internacional” nas principais cidades do Brasil. Os *cafeicultores* e industriais que circulavam por estes países, traziam para a cidade de São Paulo engenheiros e arquitetos formados em instituições consagradas internacionalmente, apadrinhados por esta elite, para que se constituísse na cidade um modelo de civilidade equiparado à Europa e aos Estados Unidos.

Assim, como em Paris, com o Barão Haussmann, e em diversos outros lugares ao redor do globo, os políticos e industriais de São Paulo estavam preocupados com o *embelezamento* da cidade, que era justificado, tantas vezes, pelo epíteto de “melhoramentos urbanos.” A ideia mais interessante é que a relação casa-espço urbano se constitui numa outra chave, pois

Mais do que qualquer outro tipo de construção funcional, foram as casas e os edifícios residenciais aqueles mais intensamente atingidos pelas cirurgias capitaneadas por Haussmann. As moradias foram alvo da enxurrada de discursos e práticas normativas que procurava chegar ao cidadão em seu espaço mais difuso, mais suspeito – e menos alcançado pelos tentáculos do Estado. A privacidade das populações parisienses deveria sujeitar-se ao interesse “público”, apanágio definido por outras intenções “privadas” alojadas no aparelho institucional.<sup>18</sup>

A domesticidade paulistana pode ser percebida nesse novo despojamento das elites na edificação de seus palacetes, com uma nova configuração semelhante aos programas de residências da Europa e Estados Unidos. Os espaços domésticos imbricados aos processos geridos pela Revolução Industrial foi objeto de estudo para as novas políticas públicas de habitação que percorreram as principais cidades do Brasil:

As casas e os espaços domésticos foram então o mais possível submetidos a uma ordem estável, necessária às novas funções urbanas promovidas pelo capitalismo industrial. O privado passava a ser, portanto, controlado não apenas pelos desígnios do indivíduo, mas pela ordem imposta pelo Estado. Esse modelo de convívio urbano, trespassado pelos procedimentos de especialização espacial e segregação social, esteve pulsando no cerne dos procedimentos de controle da habitação e vizinhanças implementados nas capitais brasileiras a partir do advento da República.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> MARINS, P. C. G.. Habitação e vizinhança - limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando A. (dir.). (Org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 3 (Da Belle Époque à Era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 132-133.

<sup>18</sup> Idem, p.135.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 136.

Ao contrário do que se podia ver nas casas térreas do período *colonial* em que a casa era estruturada por alcovas e materiais não tão díspares entre as classes sociais, a cidade que emergia como *moderna*<sup>20</sup> passou a buscar uma perceptível mudança espacial, material e simbólica. Diferenciar o habitat dos burgueses, inclusive por meio de um nome – o palacete<sup>21</sup> – era permitir uma estratificação também no espaço da cidade.

É neste contexto que vemos a organização das casas se alterando e tomando forma a partir de elementos que configuram as questões de privacidade e, sobretudo questões ligadas ao sanitário:

A diferenciação espacial entre as ruas e os lotes das residências abastadas prosseguia nos ambientes internos. As plantas arquitetônicas e as residências que restaram do período evidenciam uma intensa especialização dos cômodos, estabelecendo uma gramática rígida para as atitudes privadas das famílias – o que dificilmente ocorria nos cômodos superlotados das habitações populares. As áreas sociais são repartidas em salões numerosos, com funções específicas: hall, recepção formal, estar (living), jogos, *fumoir*, música, escritório, gabinete etc. Cada aspecto da vida privada das famílias devia se processar em seu espaço correto, característica que distinguia também os cômodos para homens, mulheres e crianças. Nos cômodos íntimos as separações prosseguiram mediante saletas íntimas (*boudoirs*), quartos para vestir e o uso do maior número possível de dormitórios, assegurando a intimidade dos membros da família. Os cômodos de serviço permaneciam segregados na parte posterior das construções, assim como as acomodações de empregados domésticos.<sup>22</sup>

É neste aspecto que vemos nesse tipo arquitetônico de residência a privacidade como um elemento de distinção social. Neste contexto em que é apresentada uma nova composição do morar, as “classes endinheiradas são as que melhor puderam criar e garantir espaços de privacidade, já que a forma mais bem acabada de promoção da interioridade está na especialização dos espaços, cujo modelo é o palacete”.<sup>23</sup> Sendo assim, a domesticidade destes

---

<sup>20</sup> Em seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman nos apresenta brilhantemente os aspectos do moderno e seu desenvolvimento nos processos de *modernização* e *modernismos*: “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se ‘modernização’.” BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 24 e 25.

<sup>21</sup> Os palacetes, que também podem ser chamados de *mansões*, representavam residências luxuosas de acordo com os projetos arquitetônicos europeus de um lar salubre e funcional, com pés-direitos altos; seu exterior refletia o *status* social, poder e riqueza de seu proprietário diante da sociedade. Em seus interiores a decoração era luxuosa com espaços específicos para cada função e indo de contraponto com a antiga casa térrea. Para Maria Cecília Naclério Homem, “O termo palacete é o diminutivo irregular de palácio, residência urbana, vasta e suntuosa, de príncipes e outros nobres, ou de chefes de Estado, e até local onde se instalam setores do poder público”. In. HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 18.

<sup>22</sup> MARINS, P. C. G. *Op. Cit.*, p. 178.

<sup>23</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Op. Cit.*, p. 334.

ambientes já era notável para este tipo de residência na sua própria concepção arquitetônica, enquanto que nas demais moradias para as camadas populares a composição espacial se dará adiante com as novas políticas de habitação pertencentes ao século XX, mas cujo deflagrador são os códigos sanitários, desde a década de 1880, que, pensados por bacharéis em medicina, engenharia e direito, impuseram uma lógica burguesa aos espaços de operários e outras camadas urbanas.

Neste cenário de inúmeras transformações na urbanização da cidade de São Paulo, um engenheiro-arquiteto<sup>24</sup> esteve ativo e participativo na transformação do espaço doméstico, especificamente para as camadas mais abastadas, com a propagação de *palacetes* em regiões específicas da cidade. Francisco de Paula Ramos de Azevedo é este personagem. Paulistano, nascido no dia 8 de dezembro de 1851 na região central da cidade, logo após seu nascimento retornou para a cidade de Campinas, de onde sua família era oriunda. Ficou apresentado como campineiro, numa época em que a cidade detinha grande importância no cenário agroexportador. Ramos de Azevedo era filho do casal Dona Ana Carolina de Azevedo<sup>25</sup> e Senhor João Martins de Azevedo; o pai era comerciante de tecidos e armarinhos, comandante do esquadrão da Guarda Nacional e, posteriormente, foi tesoureiro do Tesouro Nacional, a partir de 1884, em Campinas.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> A formação de engenheiro-arquiteto na Escola Especial de Engenharia Civil de Gante na qual Ramos de Azevedo ingressou, estruturou-se em um ensino que estivesse à frente de “um mundo novo, da técnica e da precisão”. Segundo Maria Cristina Wolff de Carvalho, “a questão principal ali, na classe de arquitetura, não era discutir qual a forma mais adequada para a arquitetura, mas se as formas correspondiam aos materiais utilizados e se, antes de tudo, serviam às necessidades”; por outro lado, quando relacionado às questões destinadas à composição, à história e ao treinamento do desenho, a EEEC direcionava seus alunos para a Academia Real de Belas-artes de Gante, onde se poderia obter complementação, como no caso de F. P. Ramos de Azevedo. Ver em: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Ramos de Azevedo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, pp.72, 73 e 94. No Brasil, o ensino profissional da Escola Politécnica para além dos cursos de Engenheiro civil, industrial e agrônomo, segundo Sylvia Ficher, em 20 de novembro de 1894 o curso de engenheiro-arquiteto entrou em vigor com o 2º regulamento da escola, baixado pelo decreto Estadual n. 270-A. A Escola Politécnica de São Paulo seguiu o modelo francês apenas na duração do curso fundamental de três anos e no curso preparatório para as demais *engenharias*, assemelhando-se mais ao sistema germânico que “tinha a particular característica de unificar o ensino do *curso fundamental* e dos  *cursos especiais* [engenheiro civil, arquiteto, industrial e agrônomo] em uma única escola”. Por fim, o curso de arquitetura naquela Escola tinha como objetivo formar “engenheiros-arquitetos preparados para *projetar e construir* edificações, em contraste com seus colegas engenheiros civis, que deveriam *projetar e construir* obras de engenharia: pontes, viadutos, portos, canais, estradas de ferro e de rodagem, redes de água e esgoto etc. Ver em FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005, p. 26.

<sup>25</sup> Escola Politécnica Universidade de São Paulo. **Prof. Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo - 1917-1928**. Disponível em: < <http://www.poli.usp.br/pt/a-poli/historia/galeria-de-diretores/200-prof-dr-francisco-de-paula-ramos-de-azevedo-.html> >. Acesso em 15 de abril de 2017.

<sup>26</sup> LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993, p. 3-5.



Thaís Carneiro Mendonça afirma que Ramos de Azevedo cursou o ensino secundário na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que tinha como formação a carreira militar estruturado nos estudos de matemática, física e engenharia civil. Mas dos 7 anos que o curso propunha, Ramos de Azevedo ficou apenas 3 e retornou para Campinas.<sup>27</sup> De volta à Província de São Paulo, embarcou, com outros futuros colegas, como A. Francisco de Oliveira e Hyppolito Quirino dos Santos,<sup>28</sup> para a cidade de Gante, na Bélgica com o desafio de formar-se engenheiro-arquiteto, o que ocorreu em 6 de junho de 1878. Ele permaneceu alguns meses na Europa até o seu retorno ao Brasil, em 16 de maio de 1879.

De volta ao Brasil, estabeleceu-se em Campinas, e lá iniciou seu trabalho na construção civil, com a abertura de seu escritório<sup>29</sup> com amostras de projetos e plantas desenvolvidos em seu tempo estudantil na Bélgica. Ainda em 1879 associou-se a Antonio Francisco de Paula Souza<sup>30</sup>, dando continuidade aos seus projetos no escritório recém-montado.

---

<sup>27</sup> MENDONÇA, Thaís Carneiro. Técnica e Construção em Ramos de Azevedo: A construção civil em Campinas. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2010, p. 18.

<sup>28</sup> Conforme notícia na *Gazeta de Campinas*, em 5 de março de 1875: “*Estudantes para a Europa – Seguem hoje para a Europa, a estudar, os nossos patrícios F. A. Ramos de Azevedo e A. Francisco de Oliveira, devendo incorporar-se na corte com Hyppolito Quirino dos Santos que toma o mesmo destino*”.

<sup>29</sup> Este escritório é o primeiro montado no início de sua carreira. Carlos A. C. Lemos, faz uma sistematização das sociedades que ao longo dos anos Ramos de Azevedo foi formando e com isso, até sua morte, o empreendimento passa a ter o nome de “Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo”. Em estudo recente sobre o escritório, a historiadora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno divide o mesmo em duas fases: antes e depois da morte de Ramos de Azevedo. Na primeira fase ela identifica como *Escritório Ramos de Azevedo* e na segunda, *Escritório F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares*. Ver em: BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade**. Catálogo da Exposição patrocinada pelos Correios. São Paulo: ECT, 2015.

<sup>30</sup> A respeito de Antonio Francisco Paula Souza e sua atuação na cidade de São Paulo ver: CAMPOS, Cristina. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2007.



**Figura 1** - Arquitetos e engenheiros da cidade de São Paulo: 1) Dr. A. C. de França Meirelles; 2) Dr. Antonio Prudente de Moraes; 3) O falecido dr. C. H. Cörner; 4) Dr. Benjamin G. Cörner; 5) Carlos Ekman; 6) José Rossi; 7) Dr. Domiziano Rossi; 8) M. E. Hehl; 9) Ricardo Severo; 10) Augusto de Toledo; 11) Hippolyto Gustavo [Pujol Junior]; 12) Dr. F. P. Ramos de Azevedo; 13) Dr. Victor Dubugras; 14) Dr. George Krug; 15) Dr. Alexandre de Albuquerque; 16) Dr. João Duarte Junior; 17) Dr. Augusto Fried; 18) Dr. Domingos Alves Matheus.

Fonte: *Impressões do Brazil no seculo vinte- Sua historia, seo povo, commercio, industrias e recurso*. Lloyd's greater Britain publishing Company, Limited, 1913 p. 674.

Ramos de Azevedo exerceu suas atividades em Campinas até o ano de 1886. Naquele mesmo ano iniciou suas atividades em São Paulo. Em 1891, o arquiteto concluiu a obra de sua residência na Rua Pirapitingui, 111, na região da Liberdade, porção da cidade que estava recebendo investimentos dos setores médios urbanos, naquele período.

Começou a projetar edifícios públicos e institucionais a pedido de homens ligados à elite paulistana.<sup>31</sup> Vale lembrar que durante esses primeiros anos após seu retorno da Bélgica, Ramos de Azevedo participou de alguns concursos de arquitetura, dentre eles, o do Monumento do Ipiranga, com o projeto *Trojano*,<sup>32</sup> saindo em primeiro lugar com o prêmio na

<sup>31</sup> Sobre este assunto verificar as obras de Carlos A. C. Lemos e Maria Cristina Wolff de Carvalho, respectivamente *Ramos de Azevedo e seu Escritório* e *Ramos de Azevedo*. Na primeira obra Lemos apresenta a empreitada de Ramos de Azevedo em São Paulo a convite do Conde de Parnaíba como ponto de partida para outras obras públicas no Estado de São Paulo; na segunda obra, a autora realiza uma análise arquitetônica e as relações de Ramos com seus clientes nos projetos realizados na esfera pública, institucional e particular a partir de seu escritório técnico, mostrando seu reconhecimento pela camada abastada da cidade de São Paulo.

<sup>32</sup> Maria Cristina Wolff de Carvalho faz algumas reflexões sobre este projeto descrevendo cada detalhe da escolha de Ramos de Azevedo por meio de uma análise de um crítico do Correio Paulistano em 9 de outubro de

quantia de 2:000\$000.<sup>33</sup> Sua presença constante em obras na cidade de São Paulo é resultado, em parte, de seu empenho e profissionalismo como engenheiro-arquiteto, mas, em grande medida, de sua rede de sociabilidade. Esta o inseriu num círculo de encomendas de projetos e obras, tanto públicas, quanto particulares, que o fizeram alcançar projeção social rapidamente.

A associação com outros empresários permite que enxerguemos uma rede de colaboradores que, ao longo dos anos, Ramos de Azevedo trouxe para o seu escritório. Isto possibilitou que ele estivesse envolvido com muitos projetos concomitantemente, valendo-se de colaboradores diversos por décadas.

Esta atuação em projetos de envergadura e com uma abrangência em diversos locais, tanto na capital, quanto na escala da Província, depois Estado de São Paulo, ajudou na criação de uma imagem do engenheiro-arquiteto como um homem “poderoso”, “onipresente” e “importante”. Mais especificamente, sobre sua importância precisamos ter em mente que Ramos de Azevedo esteve assessorado por muitos outros profissionais - diplomados e não-diplomados - para a realização de seus projetos arquitetônicos. Sobre esta perspectiva, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno ao analisar a iniciativa privada produzindo a urbanização da cidade, destaca que:

Sobressaem recorrentemente alguns nomes e escritórios de arquitetura, demonstrando que a dinâmica edilícia na capital já contava com um quadro muito bem preparado de profissionais envolvidos na construção civil, muitos inclusive professores das novas instituições destinadas à formação de engenheiros-arquitetos em São Paulo – Mackenzie (1894) e Escola Politécnica (1896): Alexandre Albuquerque, Carlos Ekman, Guilherme Krug & Filho, Hippolyto Pujol Jr, Julio Michelli, Maximilian Hehl, Ramos de Azevedo e Samuel das Neves. Além desses nomes mais consagrados, sobressaem firmas de construção civil e inúmeros engenheiros, arquitetos ou simples construtores práticos menos conhecidos.<sup>34</sup>

A ideia de rigor e modernidade que o discurso técnico enfeixava, era adossado à própria imagem do engenheiro. Os antigos “mestres” de obras, produtores de uma arquitetura não advinda da tradição (muitas vezes inventada) e de fundo bacharelesco,<sup>35</sup> fez com que perdêssemos os papéis adjacentes de outras figuras, como nos mostra Hugo Segawa:

A cidade afirmava-se como o palco do moderno - modernização tendo como referência a organização, as atividades e o modo de viver do mundo europeu. Os

---

1884, na Seção Livre pela redação, e das respostas de Ramos ao jornal A Província de São Paulo. Sobre esse concurso ver: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Op. Cit.* pp. 105-112.

<sup>33</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 04 de dezembro de 1884.

<sup>34</sup> BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Aspectos do Mercado Imobiliário em perspectiva histórica**: São Paulo (1809-1950). 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 168.

<sup>35</sup> COHEN, Jean-Louis. *Op. Cit.*, p. 16.

engenheiros colocavam-se como agentes dessa modernização – era a corporação que apostava na ciência e na técnica como instrumentos de progresso material para o país, nos moldes do desenvolvimento industrial do Velho Mundo, vislumbrando, na industrialização, um objetivo nacional a se atingir.<sup>36</sup>

Desde o início do Escritório Ramos de Azevedo a presença dos profissionais que pertenciam aos dois mundos da técnica, o “moderno”, calcado na figura do diplomado, e o “antigo”, que ainda vigia, representado pelos arquitetos, construtores e decoradores não diplomados era notada. Na primeira fase do escritório de Ramos de Azevedo seu principal *associado* era o engenheiro diplomado em Hanover, na Alemanha, Maximilian Emil Hehl.<sup>37</sup> Junto dele, contavam-se outros a partir de 1886, como “Ricardo Severo, João Frederico Washington de Aguiar, Jorge Krug, Victor Dubugras, Calixto de Paula Souza, Carlos Wagner, Carlos Shalders” e desenhistas, como “Domiziano Rossi, Alexandre Behmer, Adolfo Bosioni e Felisberto Ranzini.”<sup>38</sup> Mesmo que alguns desses associados tenham aparecido apenas no século XX, o escritório do final do século XIX estava voltado para os projetos residenciais que Ramos de Azevedo desenvolveu com Hehl, estando, este último, à frente de muitos deles. Refletir sobre este recorte dentro do escritório nos possibilitou enxergar não somente as redes de colaboração em que Ramos de Azevedo estava envolvido, mas os planos de *modernização* da cidade por meio de prédios institucionais e públicos, e das residências, que pontuavam diversos espaços da cidade de São Paulo naquele período, desde as mais sofisticadas, ditas de elite, até as mais simples.

---

<sup>36</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 9.

<sup>37</sup> Maximilian Emil Hehl foi um engenheiro-arquiteto diplomado pela Politécnica de Hanover, Alemanha. Chegou ao Brasil no ano de 1888 para trabalhar na Estrada de Ferro Bahia-Minas. Em São Paulo atuou no escritório do Banco União junto com Ramos de Azevedo, e depois como sócio do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo. Foi professor na Escola Politécnica entre os anos de 1896 a 1915. No final da década de 1890 abriu seu próprio escritório de projetos. O projeto da *nova* Catedral da Sé, de sua autoria, iniciou as construções em 1913. Hehl faleceu no ano de 1916. In.: FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005, pp. 85-86.

<sup>38</sup> SILVEIRA, João Franciso Barbosa da. Ramos de Azevedo e sua atividade. São Paulo, edição particular, 1941, p. 28 apud LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993, p.54.

## 1.1 A casa como máquina: uma breve análise de objetos domésticos no interior das residências na cidade de São Paulo

As casas que o escritório projetava tendem a ser consideradas de elite e de setores médios,<sup>39</sup> por serem as primeiras a apresentarem um programa de moradia interno diferente do que até então era comum na cidade, e as que possuíam capital para que fossem estabelecidas mudanças do modo de vida em São Paulo.

As contribuições da indústria e da ciência para a transformação das residências não podem ser mensuradas facilmente. É evidente, contudo, que os objetos para o lar levaram à cristalização de uma ideia de “que todos os problemas da vida doméstica pod[iam]ser resolvidos com a aplicação da ciência, atitude que teria efeitos importantes sobre o caráter e a aparência do ambiente doméstico”,<sup>40</sup> como analisou Adrian Forty:

Na Grã Bretanha, o desenvolvimento desses produtos estava intimamente relacionado à mudança estrutural na economia, que passava das indústrias de exportação para as que faziam bens de consumo destinado ao mercado interno. Essas indústrias conseguiram criar uma demanda por aparelhos domésticos graças, em parte, à pressão exercida sobre as pessoas para obter maior eficiência em seus lares. Os anúncios desses aparelhos deixam claro que os fabricantes se aproveitaram da intensificação do sentimento de responsabilidade doméstica.<sup>41</sup>

Anterior a essas ideias, no final do século XIX, o trabalho da mulher em casa era visto como algo primordial para o seu desenvolvimento moral e da sua família. Visto que o ócio era o seu destino em uma casa grande, os trabalhos domésticos foram gradativamente estimulados pelos manuais de vida doméstica, revistas femininas e outras publicações de cunho moralizante do feminino. Ao lugar recluso que mantinha ainda no período colonial em São Paulo, a mulher passou a ocupar visibilidade com o estabelecimento de aparelhos ligados aos seus afazeres. João Luiz Máximo da Silva nos permitiu refletir sobre essa alteração no espaço de trabalho da mulher ligando a cidade e a própria circulação das pessoas:

as mudanças com a mecanização e presença do gás e eletricidade tiveram um papel importante, forçando novas dinâmicas que afetaram estruturalmente o morar, a cidade e as relações sociais. A própria composição da família e o papel de seus

---

<sup>39</sup> Ver essa discussão sobre os setores médios em: CARVALHO, C. C. V. A. de. **Os setores médios e a urbanização de São Paulo: Vila Mariana 1890 a 1914.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015.

<sup>40</sup> FORTY, Adrian. **Objetos do desejo: design e sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 158.

<sup>41</sup> Idem, p. 161.

membros também sofreram modificações, distanciando-se de alguns hábitos coloniais.<sup>42</sup>

No que se refere a essa *nova* composição, a Revolução Industrial trouxe consigo possibilidades de um arranjo diferente do que até então se propunha para viver em sociedade. Ela forjou duas situações: “o nascimento de um modo de vida metropolitano, [...] e a afirmação da família nuclear como modelo de família moderno”.<sup>43</sup> Assim, compartilhamos da ideia de que não apenas a fábrica, mas também a casa especializada são resultados da era industrial:

É óbvio que as fábricas são resultado da revolução industrial, mas raramente pensamos que os lares, tal como os conhecemos hoje, são uma criação da mesma revolução. Antes, a maior parte da produção e do comércio era realizada nas residências dos artesãos, comerciantes ou profissionais envolvidos, e compreendia-se a casa como um lugar que incorporava o trabalho às atividades habituais de morar, comer, dormir e assim por diante. Porém, quando o trabalho produtivo foi removido para as fábricas, escritórios ou lojas, o lar tornou-se um lugar exclusivamente para comer, dormir, criar filhos e desfrutar o ócio. A casa adquiriu um caráter novo e diferenciado, que foi vivamente representado em sua decoração e no design de seus objetos.<sup>44</sup>

A procura por distanciar o lar da ideia do ambiente de trabalho ajudou na construção de uma decoração na qual estivesse sempre voltada para paredes aplicadas com papeis decorativos, móveis de assento confortáveis e que remetessem à natureza, ou seja, uma antítese<sup>45</sup> dos lugares de trabalhos dos patrões burgueses com cores sóbrias, e móveis que não apresentavam tanto conforto assim. Se formos comparar com o ambiente de trabalho do operariado, as máquinas eram o único objeto que podiam *contemplar*. Sobre a composição e o papel da decoração para esses ambientes, e principalmente da residência, Vânia Carneiro de Carvalho diz que:

Arrumar é dar uma “disposição agradável à vista”. A decoração corporifica uma ideia de bem-estar, que deve funcionar como uma estrutura eficaz para a realização de necessidades psicológicas de alheamento, relaxamento, previsibilidade e integração. Como a decoração envolve sempre um conjunto de objetos articulados, a visão parece ser o meio mais adequado para oferecer ao usuário do espaço o efeito de conjunto que deverá provocar instantaneamente uma sensação de empatia com o

---

<sup>42</sup> SILVA, João Luiz Máximo da. **Cozinha Modelo**: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 143.

<sup>43</sup> TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo, Tokyo**: uma reflexão sobre a habilitação contemporânea. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1998, p. 3.

<sup>44</sup> FORTY, Adrian. *Op. Cit.*, p. 137-138

<sup>45</sup> Idem, p. 142.

lugar, convidando-o para o seu usufruto, que consiste em diferentes formas de interação sensório-motora.<sup>46</sup>

Sendo assim, partindo dessas reflexões<sup>47</sup> nos direcionamos para refletir como o escritório de Ramos de Azevedo lidou com a formulação do espaço doméstico em São Paulo. A fonte escolhida por nós para tal tarefa foi produzida pelo próprio escritório, e se intitula *Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo*. Trata-se de uma publicação que amalhou obras públicas e particulares produzidas por Ramos de Azevedo e seus colaboradores, no período de 1886 a 1900.

Publicado por volta de 1900, em português e em inglês,<sup>48</sup> o álbum apresenta 50 fotografias de edifícios institucionais, públicos e residenciais projetados pelo escritório em sua primeira fase.<sup>49</sup> Desse número de edifícios, nosso recorte está direcionado a 13 residências que o escritório projetou e fez figurar nas páginas da publicação.

Portanto, aqui propomos a espacialização, por meio da produção de um mapa de SIG Histórico<sup>50</sup> das residências reveladas nesse álbum. Nosso objetivo com isto, não é o de nos inserirmos na ampla bibliografia que aborda o escritório como o construtor de uma cidade oficial, mas sim, o de compreender qual foi a narrativa que o escritório quis tecer sobre si em seu álbum. Não podemos deixar de explicitar, assim, que se trata de um álbum-portfólio do escritório, ou seja: é uma representação escolhida pelo titular da firma para mostrar sua produção.

Esta publicação não apresenta apenas as obras que o escritório projetou na cidade de São Paulo até os anos iniciais do século XX, mas revela uma aspiração de cidade que

---

<sup>46</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Op. Cit.*, p. 289.

<sup>47</sup> Sobre o papel da cultura visual nos interiores domésticos ver: MALTA, Marize. **O Olhar Decorativo: Ambientes Domésticos em fins do Século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X / FAPERJ, 2011.

<sup>48</sup> A versão em inglês se encontra no CONDEPHAAT e até o momento está sob processo de restauração.

<sup>49</sup> Para Carlos Lemos, o escritório particular de Ramos de Azevedo funcionou a partir de 1886 com variados auxiliares até a consolidação do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo entre os anos de 1907 e 1911. LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993, p. 59

<sup>50</sup> Segundo Eduardo Dutenkefer, o “Sistema de Informações Geográficas – SIG (em inglês: Geographic Information System – GIS) é um sistema fundamentalmente baseado em computador, por meio do qual o pesquisador coleta, manuseia e analisa dados georreferenciados, isto é, dados que têm referência espacial – a sua localização – ligados a determinado sistema de referencial espacial cartesiano. Contemporaneamente utiliza a combinação de *hardware*, *software*, dados e metodologias para produção e análise de informação geográfica e, [...] de informações geo-históricas.” DUTENKEFER, Eduardo. Metodologia para um saber e um fazer geo-histórico: análise de espacialidades pretéritas utilizando instrumentos computacionais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 65, p. 57-71, dez. 2016, p. 59. O SIG histórico utiliza de fontes diversas, para projetar espacialmente com referenciais geográficos as informações obtidas pela pesquisa histórica, formando assim um banco de dados capaz de cruzar com outras fontes que denominamos de *metadados*.

pretendia-se divulgar e inserir no rol de cidades capitalistas, permeada pelos discursos embelezadores e higienistas.<sup>51</sup> Outro fator que pode ser notado é a memória que o próprio escritório deixou para a compressão de sua história.

## 1.2 O Álbum



**Figura 2.** Capa do Álbum de Construções.

Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP

Possivelmente,<sup>52</sup> o álbum foi publicado no ano de 1900, e a edição que fotografamos<sup>53</sup> para a produção do mapa que apresentamos nesta monografia faz parte da Coleção Biblioteca Ramos de Azevedo, disponível na Biblioteca Central da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Há outro volume que não pertence à biblioteca particular de Ramos de

---

<sup>51</sup> Extensa é a bibliografia que se debruçou a respeito do tema. Apenas para citarmos alguns: CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares.** São Paulo: Perspectiva, 2015; LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana.** São Paulo: Edusp, 2016. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006; ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

<sup>52</sup> Maria Cristina Wolf data a publicação do álbum em 1900, porém Eudes Campos propõe a data de 1904, ver: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 165-200, jan. 1996 e CAMPOS, Eudes. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 11-57, junho 2005, p. 12

<sup>53</sup> Também fotografamos outro volume, este no acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e urbanismo da USP, na seção de obras raras, apresentando a encadernação original. Este volume foi escolhido para apresentação nesta pesquisa e pode ser visualizado na seção de *Anexos*.



Azevedo, à disposição do consulente na Biblioteca Central da EPUSP.<sup>54</sup> Ainda possuímos uma seleção de imagens do acervo do fotógrafo Otto Rudolf Quass<sup>55</sup> pertencentes ao Instituto Moreira Salles, detentor dos direitos autorais das mesmas, disponibilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa.



**Figura 3.** Terceira página do Album com fotografia da Secretaria da Fazenda  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP

No primeiro álbum sob guarda da Biblioteca Central da USP, temos a medida total da folha interna em papel poroso, ou seja, 39,1cm x 29,6 cm. A análise que aqui nos propomos fazer para o álbum-portfólio do escritório abrange as residências, identificadas nas próprias legendas das fotografias por *palacetes* e em apenas um caso como *propriedade*, constituindo um universo de 13 edifícios.

Seguem abaixo as medidas reais da reprodução das imagens do álbum:

---

<sup>54</sup> Outros quatro exemplares do álbum constam no sistema de catalogação da biblioteca, mas aparecem como extraviados.

<sup>55</sup> A realização das fotografias ficou a cargo de Otto Rudolf Quass, fotógrafo artístico responsável pela PHOTOGRAPHIA ARTÍSTICA QUAAS entre os anos de “ 1895 e [1928], na Rua do Gasômetro, 20, Rua São Bento, 30/46, Rua das Palmeiras, 59”. In: CAMARGO, Mônica Junqueira de; MENDES, Ricardo. **Fotografia:** cultura e fotografia paulista no século XX. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 29.

TABELA 1  
*Composição das Imagens do Álbum*  
 Elaboração do autor

<b>Sequência</b>	<b>Legenda</b>	<b>Largura</b>	<b>Altura</b>	<b>Posição</b>
1	Secretaria de Agricultura	28,8 cm	22,6 cm	Paisagem
2	Secretaria da Agricultura – Vestibulo	28,9 cm	22,9 cm	Paisagem
3	Secretaria da Fazenda	29 cm	22,6 cm	Paisagem
4	Secretaria da Fazenda - Sala Nobre	22,6 cm	29 cm	Retrato
5	Secretaria da Polícia	22,8 cm	29 cm	Retrato
6	Secretaria da Polícia –Vestíbulo Geral	22,8 cm	29 cm	Retrato
7	Escola Polytechnica	28,9 cm	22,6 cm	Paisagem
8	Escola Polytechnica	29 cm	22,6 cm	Paisagem
9	Escola Polytechnica – Vestibulo	22,7 cm	29 cm	Retrato
10	Escola Polytechnica – Laboratório de Chimica	28,4 cm	22,5cm	Paisagem
11	Escola Normal	29 cm	22,9 cm	Paisagem
12	Escola Normal	28,8 cm	22,6 cm	Paisagem
13	Escola Normal	28,2 cm	22,4 cm	Paisagem
14	Escola Prudente de Moraes	29 cm	22,9 cm	Paisagem
15	Escola Modelo do Braz	32 cm	22,6 cm	Paisagem
16	Jardim da Infancia	28,2 cm	22,3 cm	Paisagem
17	Jardim da Infancia	28,9 cm	22,5 cm	Paisagem
18	Hospital Militar	28,9 cm	22,7 cm	Paisagem
19	Hospital Militar	29 cm	22,7 cm	Paisagem
20	Hospício de Alienados – Juquery	28,9 cm	22,8 cm	Paisagem
21	Hospício de Alienados – Juquery	29 cm	22,7 cm	Paisagem
22	Hospício de Alienados – Juquery	29 cm	23 cm	Paisagem
23	Hospício de Alienados –Juquery	28,3 cm	22,4 cm	Paisagem
24	Hospício de Alienados – Juquery	29 cm	22,9 cm	Paisagem
25	Hospício de Alienados – Colonia Juquery	29 cm	22,9 cm	Paisagem
26	Instituto Vaccinogenico	29 cm	22,8 cm	Paisagem
27	Instituto Vaccinogenico	28,9 cm	22,5 cm	Paisagem
28	Quartel de Polícia	28,9 cm	22,7 cm	Paisagem
29	Quartel de Polícia Ingresso	22 cm	22,8 cm	Paisagem
30	Paço Municipal de Campinas	29 cm	22,6 cm	Paisagem
31	Cemitério da Consolação	28,9cm	22,6 cm	Paisagem
32	Cemitério da Consolação – Necroterio	29 cm	22,7 cm	Paisagem
33	Matadouro de Campinas	28,9 cm	22,6 cm	Paisagem
34	Palacete da Exma Marquesa de Ytú	22,8 cm	29 cm	Retrato
35	Palacete da Exma Marquesa de Ytú	22,4 cm	28,4 cm	Retrato
36	Palacete Paes de Barros	28,4 cm	21,3 cm	Paisagem
37	Palacete Paes de Barros	28,4 cm	22,5 cm	Paisagem

38	Palacete Lacerda Soares	22,7 cm	29,1 cm	Paisagem
39	Palacete Lacerda Soares	28,9 cm	22,6 cm	Paisagem
40	Palacete Padua Salles	29 cm	22,6 cm	Paisagem
41	Palacete Mello e Oliveira	28,3 cm	22,4 cm	Paisagem
42	Palacete Almeida Prado	28,9 cm	22,7 cm	Paisagem
43	Palacete Ignacio Penteado	22, 4 cm	28,4 cm	Retrato
44	Propriedade Ramos de Azevedo	22,6 cm	28,4 cm	Retrato
45	Palacete Barboza de Oliveira	22,5 cm	28,4 cm	Retrato
46	Palacete José Paulino	22,6 cm	28,5 cm	Retrato
47	Palacete Mello e Oliveira	28,3 cm	22,4 cm	Paisagem
48	Palacete Almeida Netto	22,6 cm	28,5 cm	Retrato
49	Palacete Aguiar Barros	27,3 cm	22,3 cm	Paisagem
50	Palacete Aguiar Barros	22,5 cm	27,6 cm	Retrato

Em relação à publicação deste material, alguns indícios apontam o próprio Liceu de Artes e Ofícios – LAO - de São Paulo como responsável pela sua impressão e acabamento gráfico, já que esta instituição possuía cursos profissionalizantes dentre os quais, o de Artes Gráficas. De acordo com uma publicação de Ricardo Severo sobre o LAO de São Paulo, a oficina de Artes Gráficas possuía uma estrutura apropriada para diferentes tipos de produções gráficas, como podemos ver a seguir:

#### Secção II.a – ARTES GRÁFICAS

*Tipografia:* - Atelier de composição manual tipográfica, e impressão mecânica.

*Máquinas e acessórios:* - 1 Máquina de impressão cilíndrica, formato 0,94 x 0,68, 1 Máquina de impressão tipo Minerva, formato 0,32 x 0,42, 9 Cavaletes com 175 fontes de tipos em diversos estilos.

Superfície: 80 m.q. – Capacidade para 10 lugares.

*Pessoal:* - Compõe-se de 1 Tipógrafo, 1 Impressor e 4 Aprendizes.

*Encadernação e Gravura:* - Encadernação de livros em branco e impressos, com capas de couros, madeira, pergaminho, veludos, etc., pastas, álbuns, bolsas, carteiras, etc.

Superfície: 100,00 m. q – Capacidade para 20 lugares.

*Pessoal:* - Compõe-se de 1 Mestre Geral, 1 Mestre de Secção, 4 Encadernadores e 6 Aprendizes.

*Máquinas e acessórios:* - 1 Máquina “Guilhotina”, 1 Tezoura para papelão, 1 Máquina para chanfrar, 1 Máquina para grampear, 1 Máquina para picotar, 1 Máquina para cantoneiras, 1 Máquina para encaixe, 1 Prensa e outros acessórios do gênero. 125 Coleções de tipos de bronze, vinhetas, florões, ornamentos, paletas, etc. Amplo e sortido “stock” de couros, camurças, papeis fantasia e em branco, cartões, pano-couro, percaline, chagrins.

*Atelier Fotográfico:* - Este atelier está aparelhado para atender a todas as necessidades do gênero com laboratório químico e todo o material complementar, bem como aparelhos fotográficos de vários modelos e dimensões.

Superfície: 56 m.q. – Capacidade para 10 lugares

*Pessoal*: - Compõe-se de 1 Fotógrafo e um ajudante.<sup>56</sup>

Em virtude destes equipamentos que compunham o Liceu e suas características, se torna possível compreender as etapas necessárias para confeccionar o material gráfico em análise. Sendo assim, o álbum produzido, e suas etapas de produção, como o processo de encadernação, o tamanho das folhas de papel que as impressoras suportavam e a própria revelação de fotografias nos permite supor que possivelmente sua impressão ocorreu naquela instituição.

O álbum se insere em uma estratégia de venda que era praticada desde a II Revolução Industrial, que era a de produção, impressão e distribuição de catálogos, tática que tanto ingleses, mas sobretudo estadunidenses incorporaram, como mostrou Jeffrey Cody.<sup>57</sup> A produção de catálogos era uma importante forma de circulação dos produtos, tanto para alcançar os mais abastados, quanto para viabilizar as vendas à distância.<sup>58</sup>

Padilha<sup>59</sup> propõe uma metodologia de análise para os anúncios que pode também ser aplicada para a produção do catálogo. A intenção para o qual este tipo documental é produzido se relaciona ao ato de venda dos produtos, o que implica estabelecer uma comunicação eficaz com o público que o consome, portanto, a seleção das imagens representadas indica uma operação de manejo de símbolos que são parte da sociedade para o qual ele é feito<sup>60</sup>.

Logo, o *livro-catálogo-portfolio* de Ramos Azevedo também ganha espaço como um cartão de visitas da firma de construção civil e decoração de São Paulo. Cristina Merthens pontua que o álbum possuía tanto um caráter comercial, quanto de relatório sobre as atividades do Escritório.<sup>61</sup> Como consequência de registrar suas atividades, algumas

---

<sup>56</sup> SEVERO, Ricardo. **Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo**: Histórico, Estatutos, Regulamentos, Programas, Diplomas. 1873-1934. São Paulo: Liceu de Artes e Ofícios, 1934, p. 146. Apesar desse currículo não estar datado, podemos ressaltar que nas páginas 166 a 169 da mesma obra citada, no ano de 1883 o Liceu de Artes e Ofícios já apresentava no seu corpo de oficinas, os cursos de gravura e fotografia. Isso nos possibilita perceber o desenvolvimento dessas competências dentro dessa instituição para afirmar que o Álbum aqui analisado fora impresso por uma das sociedades em que tinha como diretor o próprio Ramos de Azevedo.

<sup>57</sup> CODY, Jeffrey. **Exporting American Architecture, 1876-2000**. London and New York: Routledge, 2006.

<sup>58</sup> BARBUY, Heloisa Maria S. **Cidade-Exposição**: comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006, p.78.

<sup>59</sup> PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

<sup>60</sup> Idem, p.28.

<sup>61</sup> MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil**: crafting Modernity. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 185.

companhias que atuavam na cidade, no mesmo momento de produção do Álbum, produziam coleções de imagens que também se tornavam demonstrações de poder. Sobre a Light, Neuman propõe:

Claramente, a companhia usava a fotografia como uma ilustração de suas realizações para seus investidores e para exercer controle sobre sua imagem pública.<sup>62</sup>

No desenvolvimento da pesquisa, nos deparamos com alguns obstáculos, sendo o primeiro deles, a identificação do nome de cada um dos proprietários, já que as legendas não traziam estas informações em completude. Produzido nos primeiros anos do século XX, o álbum de construções era destinado, assim acreditamos, para uma pequena parcela da sociedade paulista abastada e que se reconhecia círculos sociais. Naquele século, o álbum fazia todo o sentido, pois seus leitores possuíam as diretrizes para a compressão daquela impressão sobre o papel. Estavam habituados com o passar pelas ruas e olharem para essas residências. Não havia necessidade de se colocar um endereço e nem de especificar tanto a propriedade. Era uma cidade (burguesa) de clientes recortada dentre a cidade (maior). Trazido para estudo no presente, o álbum não apresenta nenhuma referência dos locais que esses palacetes estavam inseridos, e, assim, foi necessário o cruzamento de fontes variadas, tais como, mapas, imagens, almanaques, notícias em jornais e revistas para reconstituirmos uma parcela da São Paulo *fin de siècle*. Pensar a cidade em perspectiva histórica nos coloca em uma situação emblemática, com questões que às vezes pensamos serem as mesmas que nos permeiam hoje. Dito isso, nos debruçamos em outras fontes e autores que já haviam se dedicado aos estudos desses palacetes em suas pesquisas.

Logo, o entrecruzamento do álbum com as fontes de jornais e de memorialistas nos permitiu compreender os logradouros nos quais estas residenciais foram construídas, assim, foi possível relacioná-las com seu entorno compreendendo o processo de urbanização em que se inseriram.

Ao final deste capítulo, apresentaremos um mapa feito a partir das referências dessas casas no espaço geográfico da cidade de São Paulo utilizando-se da metodologia do SIG histórico. Portanto os endereços que aqui apresentaremos estarão indicados como

---

<sup>62</sup> NEUMANN, Petty Dietrich. **Cities of Light**: two centuries of Urban Illumination. Nova Iorque: Routledge, 2015.

aproximados, diante das pesquisas que levantamos em fontes de jornais, principalmente no Correio Paulistano <sup>63</sup>, no Arquivo Histórico de São Paulo e em bibliografia sobre o tema.

A análise que aqui nos propomos fazer para o álbum-catálogo do escritório abrange as residências, identificadas nas próprias legendas das fotografias. Seguiremos, portanto com a intenção de identificar quais eram esses proprietários e então revelar a que camada da sociedade o escritório Ramos de Azevedo esteve direcionado para produzir habitação neste período.

### 1.2.1 Figuras do Álbum: os proprietários dos palacetes

A despeito do interesse das famílias abastadas de São Paulo, ditas de elite, Maria Cecília Naclério Homem reflete sobre a vida desses indivíduos devido ao comércio e aos interesses políticos que desempenhavam na cidade. Quando chegaram cidade-sede da Província, estavam interessados no investimento de seu capital em outros ramos financeiros, tais com a ferrovia, bancos e indústrias que estivessem ligados à cafeicultura, tal como a administração de terras para os próprios núcleos de imigrantes que viriam para trabalhar na lavoura.<sup>64</sup> Dentre as famílias que ela aponta, destacamos um trecho em que ela faz essa descrição:

Do ponto de vista social, deu-se o encontro das famílias mais ricas, dispersas pelo Interior, com as que aqui residiam. Diversos titulares do Império transferiram-se para cá, tais como o Barão de Piracicaba II, o Marquês de Itu, o Conde de Pinhal, os barões de Parnaíba, a Baronesa de Arari e o Barão de Tatuí. Até o final do século, chegaram as famílias Cunha Bueno, Cerqueira César, Toledo Piza, Lara Campos, Sampaio Moreira, Lacerda Soares, Estanislau do Amaral, os irmãos Almeida Prado, José Paulino Nogueira e outros.<sup>65</sup>

Alguns nomes pertencentes a estas famílias fazem parte da pesquisa aqui desenvolvida. A procura dos endereços dos palacetes foi laboriosa e o primeiro obstáculo encontrado foi o nome de cada um dos proprietários já que o mesmo não se encontrava por inteiro no Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo.

---

<sup>63</sup> Em 1908, o jornal o Correio Paulistano elaborou um outro álbum para presentear seus assinantes, e o Álbum do Brasil circula com imagens do Palacete da Exma Marquesa de Ytú, Palacete Lacerda Soares, Palacete Padua Salles, Palacete Almeida Netto e Propriedade Ramos de Azevedo.

<sup>64</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 87

<sup>65</sup> Idem, p. 87.

O Álbum apresenta fotografias de espaços internos e externos. As fotografias correspondentes à decoração de interiores, conforme Adrian Forty, estavam alinhadas com o que era praticado no exterior:

Até a década de 1860, muitos lares de classe média na Grã-Bretanha, na Europa e na América buscaram imitar o gosto aristocrático, embora, em geral, se tratasse antes do gosto do passado do que do presente; o gosto aristocrático contemporâneo permitia pouco espaço para ilusão, enquanto o do passado era menos inibidor.<sup>66</sup>

O autor da citação acima contribui para as reflexões sobre o comportamento da clientela das residências do álbum, ao mostrar que os palacetes riscados por Ramos de Azevedo faziam referências aos Palácios aristocráticos francês e inglês, revelando que, a despeito de grande parcela dos clientes serem republicanos, e demandantes daquelas casas sobre a República implantada no Brasil, o universo decorativo pressupunha um vínculo com o passado. Assim, como mostra Vânia Carneiro de Carvalho,

A conquista da paz interior enunciada pela casa bem decorada, que era o pressuposto mínimo, entendido como valor universal para a nova sociedade burguesa e efetivamente praticado por amplos segmentos médios na Europa e nos Estados Unidos, torna-se uma forma de ostentação de *status* superior em uma cidade como São Paulo, onde o número de pobres não proprietários e em situação crônica de instabilidade financeira e profissional era muito maior que o número daqueles que tinham como alcançar essas condições de vida. O que deveria definir uma situação fragmentária pertinente a cada indivíduo – dividido entre uma utopia pessoal e a sua própria realidade – passa a definir também uma situação de profunda divisão social.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> FORTY, Adrian. *Op. Cit.* p. 143.

<sup>67</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Op. Cit.*, p. 296.



**Figura 4.** Palacete Lacerda Soares.  
Fonte: Instituto Moreira Salles

Esta imagem nos revela uma seqüência de signos burgueses internacionais. O mais importante, à primeira vista, é o fato de que não há desnudamento. Todas as paredes são revestidas, com barrado de *boiserie*, e na metade superior com papel de parede. A iluminação a gás é enfatizada como elemento de modernidade, na medida em que os dois grandes lustres de bronze pendem do teto, e são enquadrados pelo fotógrafo. No chão notam-se tapetes. A mesa, ocupando o primeiro plano, é coberta por toalha pesada, provavelmente de veludo, e uma seqüência de objetos decorativos e funcionais, como fruteiras de prata, vasos e castiçais se mostram cuidadosamente dispostos. A presença de dois grandes espelhos, um sobre a lareira, e, outro, no interstício entre as portas, valem-se de uma “técnica” antiga, que era a de posicionar esses objetos à frente de candelabros e outras fontes de iluminação de maneira a multiplicar a luminância. Como podemos perceber, neste ambiente os espelhos multiplicam a iluminação de uma janela de parede externa, e, também, de um dos lustres pendentes. Extremamente opulento, o cômodo mostra decoro – no sentido mais antigo da expressão, ou seja: sem desnudamento – e enfatizava o caráter higiênico e limpo da habitação produzida por Ramos de Azevedo para a família de Lacerda Soares.

A respeito do sistema de iluminação a gás dentro dos palacetes, o historiador João Luiz Máximo da Silva nos diz sobre uma empresa com capital britânico que esteve à frente das primeiras instalações no espaço público:



A The San Paulo Gas Company iniciou suas atividades em 1870 com a instalação de encanamentos de gás na região central, ligados à usina construída na várzea do Carmo. O assentamento dos canos causou um grande transtorno na área central esburacando as ruas, já que seriam subterrâneos. O gás produzido na usina era acondicionado em gasômetros e fornecido por tubulações de ferro fundido, sob pressão. Como no início não havia compressores (instalados apenas em 1912), o fornecimento era feito sob baixa pressão, o que não permitia que a distribuição atingisse os locais mais distantes da cidade.<sup>68</sup>

E não somente a The San Paulo Gas Company era responsável pela iluminação pública, mas também atuava nas residências com o fornecimento distinto de gás para os espaços da cozinha e para o aquecimento geral da casa:

A companhia possuía dados referentes à extensão das redes e ao número de consumidores de iluminação particular, mas foi como início do fornecimento de gás para fins residenciais (cozinha e aquecimento) que as redes passaram a interferir diretamente na habitação. A regulamentação do uso de gás para cozinha e aquecimento foi feita em 1901, e por meio dela podemos perceber o grau de interferência da empresa no espaço privado.<sup>69</sup>

A ideia de um lar equipado com objetos funcionais crescia na virada do século, no mundo todo, como mostra François Beguin:

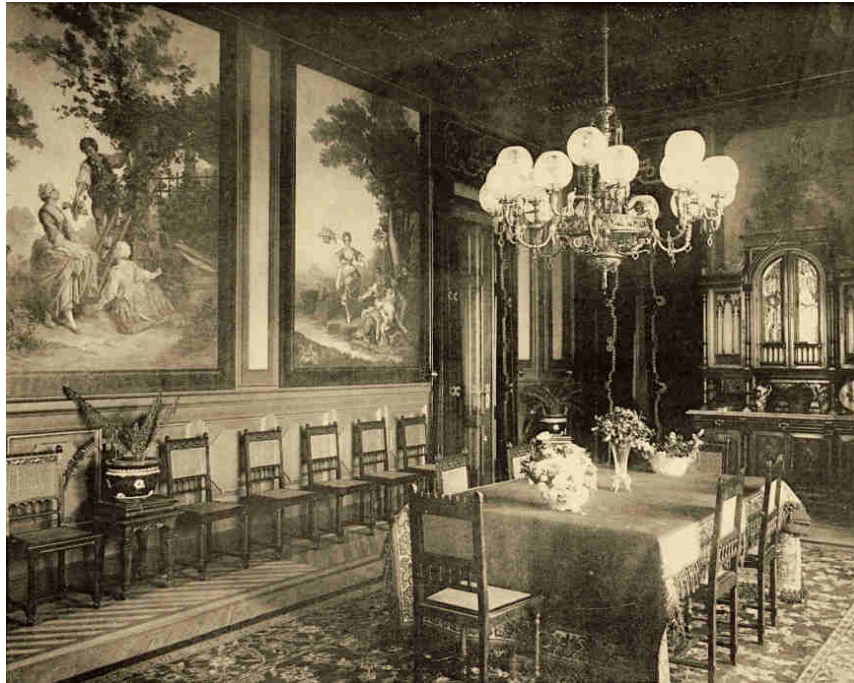
Os equipamentos domésticos, cuja série sem fim constitui o registro autorizado de todas as modalidades de conforto possível, são outras tantas linhas de fuga interiores em torno das quais se faz e se reconstrói sem cessar “a casa”.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> SILVA, João Luiz Máximo da. *Op. Cit.*, p.81.

<sup>69</sup> SILVA, João Luiz Máximo da. *Op. Cit.*, p.82.

<sup>70</sup> BEGUIN, François. **As maquinarias inglesas do conforto (1977)**. Espaço e Debates, n. 34, São Paulo: Cortez, 1991, p. 49.



**Figura 5.** Palacete Paes de Barros.  
Fonte: Instituto Moreira Salles

Esta imagem da sala de jantar da família Paes de Barros também se presta à difusão dos preceitos higiênicos e morais típicos de uma habitação burguesa, repletas de objetos de conforto, como mostra Beguin.<sup>71</sup> O elevado pé-direito permite a criação de paredes pensadas na proporção de dois terços para 1. Os dois primeiros terços possuem imagens com motivos árcades, provavelmente tapeçarias executadas à moda Gobelins.<sup>72</sup> O terço inferior é ocupado por *boiserie*, que protege as paredes da movimentação de cadeiras. Essas, cuidadosamente alinhadas, revelam que o cômodo se presta a jantares e recepções para muitos convidados. O piso, em madeira bicolor, evoca trabalho de marchetaria, e é recoberto por um tapete com motivos florais, no centro do qual está disposta a mesa de jantar, um signo inegável do mundo burguês e da casa especializada oitocentista. Esta, está recoberta por pesada toalha de veludo, com franjas, e possui, sobre ela, vasos com flores. Um grande lustre a gás é protagonista da cena, e foi enquadrado pelo fotógrafo como símbolo de modernidade. O teto, executado em madeira escura, permite ver quadrados executados por tachas, o que evoca um ambiente renascentista, compatível com os gobelins das paredes. Há certa funcionalidade moderna no mobiliário, contudo. As cadeiras encostadas à parede, são as mesmas que estão também dispostas ao redor da mesa. Isto denota que a mesa é desdobrável, também chamada de

<sup>71</sup> BEGUIN, François. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>72</sup> Disponível em < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo881/manufatura-dos-gobelins> > Acesso em 16 de novembro de 2017

elástica, o que permitia acomodar vários comensais. Também a cristaleira, ao fundo, de grande proporção, acomodaria, ao certo as louças e os talheres destinados a servir a todos os convidados.

Estes elementos enquadrados na fotografia revelam uma versatilidade composicional de Ramos de Azevedo e seu escritório, capaz de atestar a compreensão dos motivos historicistas com que a elite paulistana procurava edificar suas casas.



**Figura 6.** Palacete Aguiar Barros.  
Fonte: Instituto Moreira Salles

A imagem da escada do palacete Aguiar Barros, curiosamente, mostra uma evocação árabe. Com dois grandes arcos e um sistema de pintura e marcenaria vinculados ao imaginário *mudéjares*, a residência promove a inserção de mais uma possibilidade decorativa e de opulência no catálogo de Ramos de Azevedo. Curiosamente, a família de sobrenome português, nada possuía de vinculação oriental, capaz de levar a uma associação de formas com etnia dos proprietários.

Permeados por uma decoração opulenta, como Vânia Carvalho bem apontou, esses palacetes revelam a distinção social que impulsionou o comércio de bens importados e a própria busca pelo aprimoramento de profissionais ligados ao setor de móveis e ornamentação. Sendo assim, quem estaria envolvido com essa decoração dos palacetes? Havia

profissionais responsáveis para esse ofício? Sobre a decoração de interiores em que as mulheres desempenhavam funções específicas para essa função, Adrian Forty salienta:

No final do século XIX, era o caráter principalmente das mulheres que se revelava pela escolha da mobília. As pressões sobre as mulheres para participar dessa charada burguesa eram consideráveis. Tão próxima se tornara a identificação entre mulher e casa que aquela que não conseguisse expressar sua personalidade dessa maneira corria o risco de ser vista como pouco feminina.<sup>73</sup>

Mas sabemos, também, que este papel feminino, nas casas de elite projetadas por Ramos de Azevedo, era assessorado, ou mesmo delegado, ao escritório. A família Nogueira, conforme relato de um de seus membros, Paulo Nogueira Filho, mostra como uma família de clientes de Ramos de Azevedo operacionalizava a decoração de um palacete riscado por Domiziano Rossi, e construído por Ramos de Azevedo em 1895, na rua Conselheiro Crispiniano. Em 1914, ao regressarem da Europa, promoveram uma “atualização” de produtos, conforme o gosto verificado no Velho Continente, tomando a matriarca da família, papel ativo na redecoração:

No palacete de José Paulino, onde nasci e sempre até então vivera, a chegada dos viajores provocou o reboiço que se pode imaginar numa próspera casa burguesa. Minha mãe [Esther Nogueira] trazia da Europa idéias e meios radicais de reforma, pondo mãos à oba sem demora. Lembro-me de que foram retiradas das salas as últimas cadeiras de balanço austríacas, as cortinas velhas e alguns oleados, colocando-se, em seus lugares, poltronas, cortinas de tafetá e tapetes orientais. O salão nobre ficara esplendido! Mobília à Luís XV ou XVI, não me lembro bem, jarras de Sèvres, quadros de paisagistas clássicos e dois bronzes que me pareciam enormes: um de Diógenes e outro de Sócrates. Mas, não só dentro de casa se operaram transformações, para mim fabulosas. A antiga cocheira passou a funcionar como garagem, onde se abrigou outro Renault; calçaram-se os caminhos do jardim e do quintal. As estufas das avencas e os viveiros das orquídeas foram ampliados e pintados.<sup>74</sup>

Muitos desses produtos descritos acima, quer numa fase, quer noutra, poderiam ser encomendados ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, uma importante instituição que modelou o gosto da elite paulistana, conferindo a muitas residências produtos afinados com os postulados “modernos” da “decoração de interiores”. Abaixo apresentamos uma listagem com os nomes de proprietários cujas casas foram decoradas por essa instituição em uma publicação organizada pelo engenheiro português Ricardo Severo até o ano de 1934.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> FORTY, Adrian. *Op. Cit.*, p.146

<sup>74</sup> NOGUEIRA FILHO, Paulo. **Ideias e lutas de um burguês progressista**. São Paulo, Anhâmbi, 1965, p.42.

<sup>75</sup> SEVERO, Ricardo. *Op. Cit.*, pp. 231-233.

TABELA 2  
*Relação Proprietários das Residências Mobiliadas pelo LAO até o ano de 1934*  
 Fonte: Severo, 1934. Elaboração: Carlos Thaniel Moura, 2017

1	Dr. Antonio Prado Junior	2	Cel. França Pinto
3	Da. Olivia Guedes Penteadado	4	Daniel Dhelomme
5	Dr. Fernando Cardoso	6	José Maria Whitacker
7	Dr. Leonidas Garcia da Rosa	8	Dr. Zeferino Guimarães
9	Dr. J. Cardoso de Almeida	10	Dr. Fastão Rachou
11	Cel. Lupercio Teixeira de Camargo	12	Basilio Jafet
13	Braz Altieri	14	Ismael Chaves Barcellos (Porto Alegre)
15	Dr. Manoel Pereira Guimarães	16	Da. Ottilia Soares Moreira Lima
17	Dr. Reynaldo Porchat	18	Da. Izabel de Paula Leite
19	Antonio de Araujo Costa	20	João Jorge Figueiredo
21	Angelo Cibella	22	Bernardo M. Catarino Junior (Bahia)
23	Juvenal Penteadado Filho	24	Helio Monziona
25	Dr. Caio Prado	26	Edgard Conceição
27	Dr. Alfredo Pujol	28	Dr. José Cassio Macedo Soares
29	Dr. Fabio Prado	30	Commendador José Giorgi
31	Comendador Giuseppe Tomasselli	32	Abilio Ribeiro de Barros
33	Dr. Paulo Nogueira	34	Nagib Cattini Maluf
35	Raul da Cunha Bueno	36	Dr. Roberto Simonsen
37	Alberto M. Catarino (Bahia)	38	Dr. Carolino da Motta e Silva
39	Lineu de Paula Machado	40	Pedro Bacellar de Sá
41	Dr. Fonseca Rodrigues	42	Cel. Bento José de Carvalho
43	Antonio Duarte Martins	44	Dr. Nestor de Barros
45	Snra. Da. Mercedes Quirino Bueno	46	Dr. Oscar Rodrigues Alves
47	Dr. Alecebiades Toledo Piza	48	José Martins Borges
49	Dr. Erasmo de Assumpção Filho	50	Francisco Sampaio Bueno Netto
51	Cel. Lacerda Franco	52	Sampaio Moreira
53	Conde Rodolfo Crespi	54	Waldemar Ortiz
55	Paulino Chaves (Porto Alegre)	56	Manoel de Almeida
57	Bento de Abreu Sampaio	58	Dr. Carlos Schimidt de Barros
59	Vidal Luiz Santos Dumont	60	José Figueiredo Junior
61	João Ferreira dos Santos (Rio)	62	Commendador Eduardo Freire
63	Joaquim Bento Alves Lima	64	Luiz Franco do Amaral
65	Lauro Cardoso de Almeida	66	Horacio Cunha
67	João Baptista Pereira de Almeida	68	Nagib Salem
69	Cunha Bueno Neto	70	Octacilio D. Martins
71	Roberto Nioac	72	Ruy Nogueira
73	Antonio Alves Lima	74	Eugenio Gomes do Val
75	Dr. Alvaro Ramos (Rio)	76	Rodrigo Lacerda Soares
77	Joaquim Pinto de Almeida	78	Mario Albuquerque Salles
79	Dr. Vicente de Almeida Prado	80	Dr. Mario Dias de Castro
81	Joaquim Lebre Filho	82	Amadeu Gomes de Souza
83	Rodolfo Lara Campos	84	Antonio Pereira Ignacio
85	Dr. Vieira Marcondes	86	Dr. Armando de Salles Oliveira
87	P. G. Meirelles	88	Dr. Paulo Rodrigues Alves

89	Dr. J. M. Azevedo Marques	90	Dr. Fernando de Almeida Prado
91	Benjamim Jafet	92	Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos
93	Jaime da Silva Telles	94	Urbano Procopio de Souza Meirelles
95	Da. Ofelia Ferreira	96	Felix Guisard
97	Dr. Claudio de Souza (Rio)	98	Dr. Luiz do Rego
99	Dr. Eloy Chaves	100	Comandante Junqueira
101	Dr. Paulo Prado	102	Torres Neves
103	Dr. Mendonça Filho	104	Afrodisio Sampaio Coelho
105	Dr. Firmino Witacker	106	Dr. Cincinato Braga
107	Namy Jafet	108	Antonio Augusto dos Santos
109	Octaviano Alves de Lima	110	Francisco Andrade Junqueira
111	Conde Ttilio Matarazzo	112	Horacio espidola
113	José Monteiro Pinheiro Junior	114	José Egmydio de Barros
115	Dr. Ernesto de Castro	116	Da. Sebastiana de Queiroz
117	Hugo Piratinino de Almeida (Pelotas)	118	Antonio Ribeiro Seabra
119	Julio vilela (Rio)	120	Thomaz Speers
121	Joaquim Pedro dos Santos	122	Willian E. Lee
123	Manoel de Barros Loureiro	124	João de Barros
125	Rodrigo Octavio (Rio)	126	Cel. Francisco de Andrade Coutinho
127	Numa de Oliveira	128	Conde André Matarazzo
129	Octaviano de Almeida Prado	130	Vicente Scandura
131	Com. Bruno Belli	132	Conde Armando Alvares Penteado
133	Dr. Eptácio Pessôa	134	Plinio Uchôa
135	Dr. Silvio Portugal	136	Pedro Morganti
137	Dr. Jorge Chaves	138	Francisco Claudio de Almeida Prado
139	Dr. Arrojado Lisbôa (Rio)	140	Commandante Alvaro Alberto (Rio)
141	Snra. Condessa Penteado	142	Dr. Ovidio Pires de campos
143	Dr. Ricardo Severo	144	Affonso Ferreira da Rosa
145	Sr. José Franco de Camargo	146	Alcides Ribeiro de Barros
147	Pio de Almeida Prado	148	Godofredo de Faria
149	Luiz Alberto Cariola (Chile)	150	Consulado Italiano
151	Decio de Paula Machado	152	Celso Torquato Junqueira

Apresentando um total de 152 proprietários, essas casas ainda que desprovidas de uma datação específica, podem ser inseridas nas três primeiras décadas do século XX. Tais residências estão configuradas dentro de uma composição de lar elitizado e, portanto, condutor das inovações desse modo de morar para o qual Ramos de Azevedo se mostrava especialista.

O Liceu, conforme apontou Carlos Lemos, era especialista na produção de mobiliário diverso, tendo recebido premiações em diversas feiras internacionais<sup>76</sup>. É importante notar, assim, que o Liceu comercializava produtos e mercenaria encomendados por Ramos de

---




<sup>76</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 53.







Azevedo visando a decoração das casas e das repartições públicas que projetava. Estabelecia-se, dessa maneira, uma ligação umbilical entre o escritório e a instituição que Ramos também dirigia. Pode-se notar, assim, que Ramos de Azevedo e seu escritório já estavam vinculados, na virada dos séculos, a três espaços de produção: o escritório, a Escola Politécnica, onde lecionava, e o Liceu de Artes e Ofícios. Esta rede seria ainda aumentada até a morte do engenheiro-arquiteto, em 1928.

Curioso perceber que da lista preparada por Severo, algumas residências já constavam do Álbum que estamos analisando.




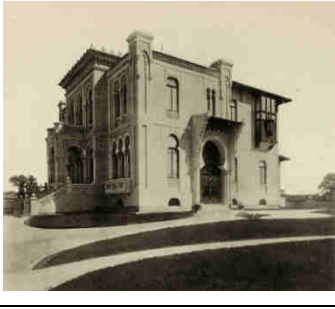
TABELA 3

*Localização das residências do Álbum de Construções entrecruzadas com indicação de mobiliário do LAO de São Paulo, conforme indicação de Ricardo Severo.  
Preparação: Carlos Thaniel Moura, 2017.*

Fotografia de Otto R. Quaes	Residência	Ano	Proprietário	Endereço	Mobiliário LAO
	Palacete da Exma Marquessa de Ytú	1889	Antonia de Aguiar Barros	Rua Florêncio de Abreu, 160	Não
	Palacete Paes de Barros	1888-1890	Antonio Paes de Barros	Rua Florêncio de Abreu, 136	Não
	Palacete Lacerda Soares	1892	José de Lacerda Soares	Praça da República, 60	Não

	Palacete Padua Sales	1900	Antonio de Padua Salles	Alameda do Triumpho, 39	Não
	Palacete Mello e Oliveira	n/c	Barão Mello e Oliveira (Luis José de Mello e Oliveira)	Rua Brigadeiro Tobias, s/n	Não
	Palacete Mello e Oliveira	n/c	Barão Mello e Oliveira (Luis José de Mello e Oliveira)	Rua Ypiranga, 2.	Não
	Palacete Almeida Prado	1888-1890	José Vasconcelos de Almeida Prado	Travessa da Beneficência, atual Rua Beneficência Portuguesa, 29	Não
	Palacete Ignacio Pentead	1899	Olívia e Ignacio Pentead	Rua Conselheiro Nebias, 61/65.	Sim
	Propriedade Ramos de Azevedo	1891	Francisco de Paula Ramos de Azevedo	Rua Pirapitingui, 111	Não



	Palacete Barboza de Oliveira	n/c	Luis Barbosa de Oliveira Albino	Avenida Tiradentes, s/n	Não
	Palacete José Paulino	1895	José Paulino Nogueira Filho	Rua Conselheiro Crispiniano, 11.	Sim
	Palacete Almeida Neto	n/c	João Ribeiro de Almeida Netto	Rua Ypiranga, 11	Não
	Palacete Aguiar de Barros	n/c	Sr. Antonio Francisco de Aguiar de Barros	Avenida Brigadeiro Luis Antonio, s/n.	Não

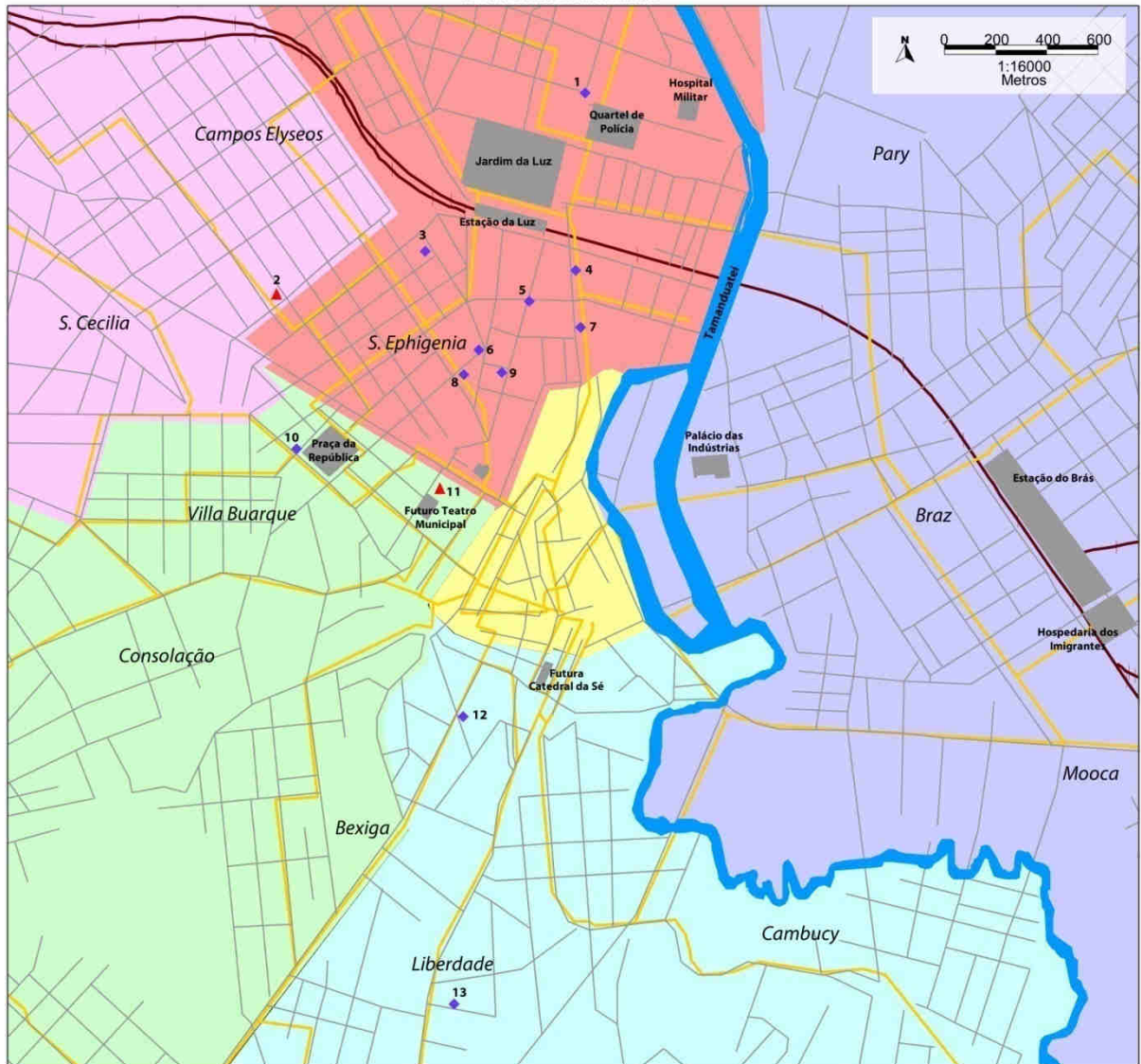
Em seguida apresentaremos um mapa, produzido a partir das informações sistematizadas da tabela acima:

## MAPA 1

*Palacetes do Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo (c. 1900)*  
Elaboração do autor.

### Palacetes do Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo (c. 1900)

Autor: Carlos Thaniel Moura



Mapa construído a partir da "Planta da Cidade de São Paulo" de 1905 (APESP); localização de endereços e numeração da "Planta Cadastral e Commercial da Cidade de São Paulo" de 1911 (Museu Paulista); vetores de arruamento, toponímia, hidrografia, ferrovias do Grupo Himaco, disponível em <http://www2.unifesp.br/himaco/>; endereços com base na obra de CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Ramos de Azevedo. São Paulo: EDUSP, 2000 e HOMEM, Maria Cecília Naclério. O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996; no Arquivo Histórico de São Paulo no fundo, "Diretoria de Obras"; nos anúncios do Almanak Laemmert e do jornal Correio Paulistano, da Biblioteca Nacional.

#### LEGENDA

	Palacetes
	Palacetes Mobilizados pelo Liceu de Artes e Ofícios
	Equipamentos
	Hidrografia
	Linha de bonde em 1905
	Ferrovia

1. Palacete Barboza de Oliveira	8. Palacete Almeida Netto
2. Palacete Ignacio Penteado	9. Palacete Almeida Prado
3. Palacete Padua Salles	10. Palacete Lacerda Soares
4. Palacete da Exma. Marquiza de Ytu	11. Palacete José Paulino
5. 1º Palacete Mello e Oliveira	12. Palacete Aguiar de Barros
6. 2º Palacete Mello e Oliveira	13. Propriedade Ramos de Azevedo
7. Palacete Paes de Barros	

DISTRITOS DE PAZ	
	1. Norte da Sé
	2. Sul da Sé
	4. Brás
	5. Consolação
	6. Santa Ifigenia
	7. Santa Cecilia

Este mapa permite visualizarmos para o período em que foi publicado o álbum-catálogo, por volta de 1900, o perímetro central da cidade, correspondente ao distrito norte da Sé, sem a presença de palacetes. Heloisa Barbuy diz que no *triângulo central* até o final do século XIX, alguns edifícios ainda configuravam a distribuição entre comércio e residência, esta última no primeiro andar. E mesmo com a crescente verticalização de edifícios nessa região no início do século XX, alguns andares eram destinadas a algumas residências<sup>77</sup>. Logo, verificamos que o lugar para a construção de residências mudara, assim como o perímetro central se expandia conforme o passar dos anos.

Sendo assim, a maior concentração de palacetes pode ser percebida no distrito de Santa Efigênia, com apenas um na região dos Campos Elíseos. A ausência desses casas luxuosas na região leste da cidade, também configura, segundo Philippe Arthur dos Reis, a disparidade dos setores médios para os loteamentos dessa região e a construção de residências para aluguel, destinada a trabalhadores, impulsionando o mercado imobiliário para o outro lado do tamanduateí, pois segundo o historiador, “construir, morar e viver num bairro como Brás entre finais do oitocentos até meados da Primeira Guerra Mundial, significou a inserção de novos grupos na dinâmica espacial e social da cidade de São Paulo”<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> BARBUY, Heloisa. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>78</sup> REIS, Philippe Arthur dos. **Construir , morar e viver para além do centro de São Paulo**: os setores médios entre a urbanização e as relações sociais do Brás (1870-1915). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017, p. 4.

## Capítulo 2

### *Para além da Arquitetura:*

#### *a pulverização de negócios de Ramos de Azevedo e o aparecimento de estratégias de um mercado imobiliário*

*Ao mesmo tempo que configuram os territórios da riqueza, a concentração de investimentos em “melhoramentos” e a legislação também definem aqueles lugares onde deverá se instalar a pobreza.*

ROLNIK, Raquel<sup>79</sup>

Dentre os agentes dos setores da construção civil e do mercado imobiliário na cidade de São Paulo entre as décadas finais dos séculos XIX e começo do século XX, identificamos um engenheiro-arquiteto responsável por realizar alianças em seus negócios urbanos, mantendo-se inserido com predominância: Francisco de Paula Ramos de Azevedo. O engenheiro-arquiteto esteve à frente não somente de um escritório de arquitetura, mas também de outras instituições e empresas ligadas ao processo de urbanização da cidade de São Paulo no momento em que seu crescimento demográfico exponencial, entre as décadas finais do século XIX e as primeiras do XX demandaram profissionais e ações construtivas. Este capítulo permite explorar as ligações simbólicas e empresariais tecidas por Ramos de Azevedo, de maneira a contribuir com a compreensão de sua imagem de empreendedor e onipresente construtor no imaginário urbano de São Paulo.

### **2.1 Algumas estratégias para o mercado imobiliário em São Paulo**

Para a cidade de São Paulo, a historiadora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, nos deixa evidente que muito antes do *boom* imobiliário e das trocas comerciais impulsionados pela II Revolução Industrial, já havia um mercado de exploração de imóveis. Como aponta a pesquisadora, São Paulo começou a ser alvo dos “capitalistas” e da oligarquia paulistana, devido ao:

temor das conseqüências de uma emergente instabilidade política, no Segundo Império foram indutores da expansão física da cidade, na medida em que os empreendedores, membros dos grupos sociais mais abastados ou estrangeiros recém-

---

<sup>79</sup> ROLNIK, Raquel. Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 26.

chegados, se viram estimulados a investir em bens de raiz – prédios e terrenos na capital. Uma nova racionalidade “capitalista” tomou conta dos investidores urbanos.<sup>80</sup>

Isso estimulou a organização de um mercado imobiliário fazendo com que os donos de chácaras loteassem suas propriedades e até mesmo comprassem outras terras para investir em empreendimentos imobiliários com o auxílio de estrangeiros com habilidades para tais negócios.<sup>81</sup>

Não há dúvidas de que Ramos de Azevedo esteve envolvido em muitas atividades ao longo de sua vida. Se a sua arquitetura era múltipla, operando em diversos planos de referências estilísticas, a qual historiografia tradicional chamou pejorativamente de “eclética”, podemos dizer que sua atuação profissional também era. Partindo de várias frentes de trabalho que iam da decoração de fachadas, de interiores, até atividades de infraestruturação, em grande medida seu alvo final era o mercado imobiliário que adentrava numa nova fase após a II Revolução Industrial.

Bueno ainda nos diz que uma forte tendência especulativa para as novas regiões da cidade se acentuou a partir de 1880:

Novos bairros surgiram em lugar das velhas chácaras, a maioria delas concedidas antes das Leis de Terras, transmitidas por herança ou obtidas por compra de terceiros [...]. O próprio intendente das obras municipais [Gomes Cardim] envolveu-se no *frenesi*, tornando-se proprietário do loteamento denominado Vila Gomes Cardim, situado junto da “quinta e da sexta parada” da Estrada de Ferro Central do Brasil. Afinal, desde então, trata-se de um excelente negócio.<sup>82</sup>

A “elite urbana” que a cidade de São Paulo começou a ver habitando-a mais intensamente nas últimas décadas do século XIX, enriqueceu-se por meio de outras fontes de renda, tais como o tráfico de escravos, engenhos, comércio de condimentos, e o comércio do café na região oeste do Estado. Estas fontes de riqueza impulsionaram o mercado imobiliário da capital da Província.<sup>83</sup> Com isso, percebemos que São Paulo antes mesmo de 1870, estava em um processo de “captação” de recursos para uma diversificação de riquezas, o que nos leva a afirmar a solidificação de um mercado imobiliário e a expansão dos perímetros do

---

<sup>80</sup> BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Aspectos do Mercado Imobiliário em perspectiva histórica**: São Paulo (1809-1950). 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 124.

<sup>81</sup> Idem, p. 124.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 137 e 138.

centro urbano até então confinados, de fato, ao Triângulo, muito embora ocupações em várias regiões da cidade já existissem, quer na forma de distritos, quer na de núcleos adensados.

Nesta mesma linha, a historiadora Clara Carvalho apresenta o fluxo das práticas capitalistas no que tange ao processo de uso da terra como fonte de renda em meio à grave crise no governo de Campos Salles e no surgimento de novos bairros para além do “perímetro urbano”:

Assim, as práticas de especulação liberais foram incrementadas pela necessidade de investimentos mais estáveis, pela disponibilidade de capital do setor agroexportador, coadunando com a carência de moradias agravada pelo crescimento populacional. A produção do espaço urbano passou a ser uma opção vantajosa para a iniciativa privada que negociava lotes, parcelando suas chácaras em área suburbanas, construindo moradias e produzindo novos bairros em regiões adjacentes ao centro da cidade, como foi o caso da Vila Mariana.<sup>84</sup>

Sendo assim, tratando-se de Ramos de Azevedo, podemos reunir sua via de negócios para este período em três frentes. Destacamos as instituições e empresas que marcaram o processo de reunião de oportunidades circunscritos na cidade de São Paulo<sup>85</sup>, que teceram uma rede de negócios urbanos com seus colaboradores que gravitaram em torno de seu escritório técnico, o que pode ser lido como uma auto-representação do seu nome diante da sociedade, constituindo, sem dúvida alguma, conforme pontua Pierre Bourdieu, “um círculo privilegiado”.<sup>86</sup>

Em seu trabalho já citado, *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil*, Cristina Merthens elencou algumas empresas que fizeram parte da rede de Ramos de Azevedo para suas práticas urbanas, sendo elas: o Liceu de Artes e Ofícios, a Casa Ernesto de Castro, a Iniciadora Predial Co., a Cerâmica Vila Prudente, o Banco Ítalo-Belga, a Companhia Suburbana Paulista e a Serraria Azevedo Miranda ou Serraria Central.<sup>87</sup> Estes negócios também fazem parte de uma tabela, produzida pelo Arquivo Histórico de São Paulo, com as informações obtidas do arquivo da Junta Comercial do Estado de São Paulo, elencando os negócios e empreendimentos que se destacavam no ramo imobiliário.

---

<sup>84</sup> CARVALHO, C. C. V. A. de. **Os setores médios e a urbanização de São Paulo: Vila Mariana 1890 a 1914.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015, p. 164-167.

<sup>85</sup> Sabemos que Ramos de Azevedo atuou em outras cidades do estado de São Paulo, como Campinas e Jundiaí, mas o recorte aqui proposto foi direcionado para a capital paulista.

<sup>86</sup> STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

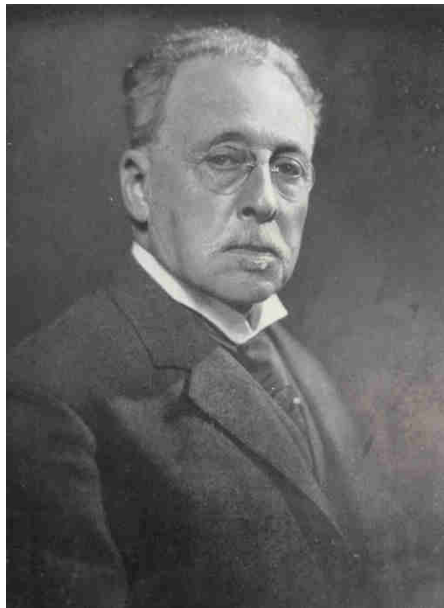
<sup>87</sup> MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity.** New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 27.

TABELA 3  
*Sócios Mais frequentes de F. P. Ramos de Azevedo, por empresa*  
 Elaboração do Arquivo Histórico de São Paulo  
 Fonte: Atas da Assembleia, JUCESP.

FAMÍLIAS/ EMPRESAS	RAMOS DE AZEVEDO	DIAS DE CASTRO	PUGLISI CARBONE	FALCHI	VILLARES
<i>Ernesto de Castro &amp; Cia</i>	Francisco de Paula (1903 a 1917) F. Paula Filho (1917)	Ernesto (1903) Mario (1910)			Arnaldo Dummont (1917)
<i>Cerâmica Villa Prudente</i>	F. de Paula (19010 a 1928)	Ernesto (1926) Mario (1921 /1923 /1926 / 1929)	Nicola (1909) Giuseppe (1910 à 1920)	Emídio (1909/14/18) Bernadino (1909/14) Panphilho (1909/14) Menotti (1909/14/20) Giusepe (1909)	Arnaldo Dummont (1926)
<i>Cia Iniciadora Predial</i>	Francisco de Paula (1908/1914/1918) F. de Paula Filho (1914/1918)	Ernesto (1918) Mario (1918) Ernesto de C. & Cia. (1918)			Guilherme D' Andrade (1918/1914/?)
<i>Cia. Suburbana Paulista</i>	Francisco de Paula (1913/1924 à 1928)	Ernesto (1924 a 1928) Mario (1924 a 1928)			Arnaldo Dummont (1924 a 192?)
<i>Azevedo, Miranda &amp; Cia.</i>	Francisco de Paula (1925) F. de Paula Filho (1915 à 1928)	Ernesto (1925) Mario (1925/28) Ernesto de Castro & Cia (1915) Carlos Eugenio (1925 a 1928)			Arnaldo Dumoont (1925/1928)
<i>Empresa Eletricidade SP e RJ</i>	Francisco de Paula (1912)	Ernesto (1912)			

Realizamos uma divisão desses negócios por categorias, tais como: bancos, setor imobiliário, ensino e instituições, gerência de fábricas e o setor comercial. Sendo assim, sistematizamos as informações obtidas em bibliografia, consulta ao Arquivo Histórico de São Paulo, e do acervo online da Junta Comercial de São Paulo para apresentar os principais negócios e instituições de ensino que estiveram associadas com o nome de Ramos de Azevedo.

### 2.1.1 Políticas de um engenheiro



**Figura 07.** Ramos de Azevedo, c. 1920  
Fonte: Anuario da Escola Polytechnica para o ano de 1933

Ramos de Azevedo esteve envolvido com nomes importantes de sua época de atuação profissional. Como alguns autores têm aponado, como Ana Paula Farah<sup>88</sup> e Carlos Lemos, sua introdução no mercado de produção arquitetônica de São Paulo também esteve vinculada à maçonaria. Lemos mostrou que o General Francisco Glycerio, irmão das cunhadas de Ramos, teria sido o responsável por ter iniciado Ramos na maçonaria, e além de ter se tornado um amigo e protetor. Lemos ainda comenta que Ramos de Azevedo esteve ligado a essas sociedades secretas “trazidas da Europa, sobretudo da Alemanha, para São Paulo, onde seus membros cultivaram o hábito de se ajudar mutuamente na vida profissional mesmo depois de formados.”<sup>89</sup> Thaís Carneiro Mendonça, diz que Ramos teria outro iniciador nos círculos macônicos, Bento Quirino dos Santos,<sup>90</sup> político campineiro de projeção. Mendonça comenta que

Bento Quirino dos Santos que, além de formalizar a entrada daquele jovem de 22 anos na maçonaria em outubro de 1873, teria lhe pedido um projeto da fachada da

---

<sup>88</sup> FARAH, Ana Paula. **A Produção do Engenheiro-Arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo na Província de São Paulo.** (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2003.

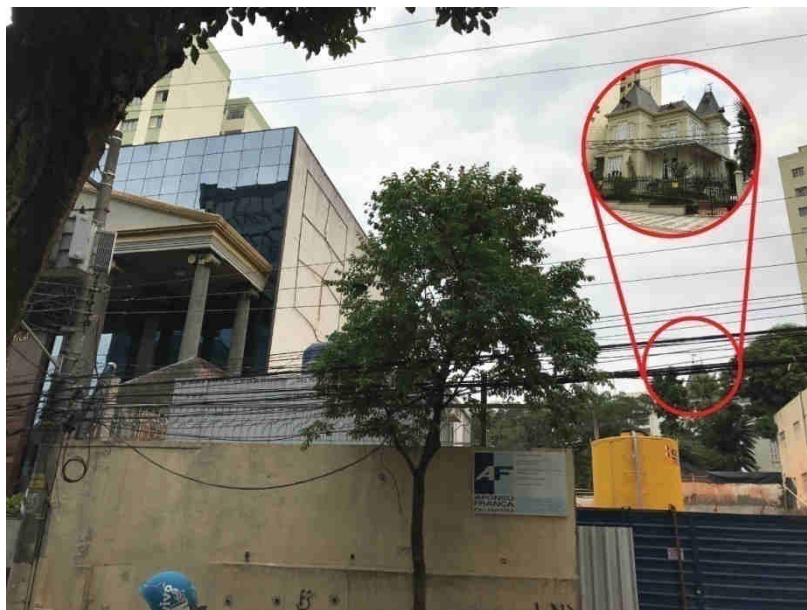
<sup>89</sup> LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório.** Editora: Pini, 1993, p. 4.

<sup>90</sup> Bento Quirino do Santos seria uma provável parente de Hyppolito Quirino dos Santos, com quem Ramos de Azevedo embarcou junto para a Bélgica no ano de 1878.



Loja Maçônica. Não se sabe se esse projeto foi realizado. É bastante certo, contudo que esse envolvimento com a maçonaria também contribuiria para a formação de Ramos, tanto quanto para o agenciamento de suas relações profissionais (são inúmeros os integrantes da maçonaria que, no futuro, atuarão ombro a ombro com Ramos de Azevedo), como quanto para a composição de um rol bastante poderoso de clientes.<sup>91</sup>

Curioso notar que aos fundos da residência que pertenceu ao engenheiro-arquiteto, na rua Pirpitingui, em São Paulo, instalou-se, no ano de 1962,<sup>92</sup> após ter ocupado diversos outros endereços em São Paulo, a *Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo* e que pode ser percebida na foto abaixo, visualizada a partir da Rua São Joaquim, no bairro da Liberdade.



**Figura 8.** Loja Maçônica e o Palacete Ramos de Azevedo.  
Fonte: Acervo do autor, 2017.

Como pode ser visto na imagem acima, temos a Grande Loja maçônica à esquerda, e o Palacete Ramos de Azevedo aos fundos, que pode ser percebido por meio de uma intervenção construtiva ao lado da loja. Não sabemos, porém, se o terreno da Loja era de propriedade de Ramos, mas mesmo assim é interessante notar como de imediato sua prática arquitetônica trouxe para esse endereço a sede da Loja Maçônica. Em outra imagem dos vitrais da casa, identificamos algumas figuras que remetem a essa prática. Em especial o vitral da direita, em que o esquadro, o martelo e o alicate para além de evocarem a prática profissional de Ramos –

<sup>91</sup> MENDONÇA, Thaís Carneiro de. **Técnica e Construção em Ramos de Azevedo. A construção civil em Campinas.** (Dissertação de Mestrado). São Carlos: IAU-USP, 2010, p. 19.

<sup>92</sup> Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo. Disponível em: < [https://www.glesp.org.br/?page\\_id=31](https://www.glesp.org.br/?page_id=31) > Acesso em 17 de setembro de 2017.

explicitamente marcadas pelas palavras latinas *Ars* (Arte) e *Labor* (trabalho) no vitral central, são também símbolos maçônicos.



**Figura 8.** Vitral da antiga residência de F. P. Ramos de Azevedo.  
Fonte: Acervo do autor, 2014.

Ramos de Azevedo foi eleito Senador Estadual em 4 de junho de 1904, por um período de 1 ano e seis meses. Sua curta passagem pelo cargo, segundo Carlos Lemos, se deu por Ramos “discordar da então política de protecionismo em relação ao café, mas que a causa real da saída do senado foi mais ética, ou interesseira, pois havia ficado impedido de empreitar obras do governo”.<sup>93</sup> Atividade que ele praticava em grande proporção há alguns anos.

Mesmo depois de sua renúncia como senador, Ramos de Azevedo não se distanciou dos assuntos políticos. Em 1917 participou da Liga Nacionalista de São Paulo,<sup>94</sup> formada por

<sup>93</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>94</sup> A Liga Nacionalista de São Paulo surgiu vinculada às escolas superiores de São Paulo, como a Faculdade de Direito, a Escola Politécnica, por meio de Antonio Francisco de Paula Souza, e de Arnaldo Vieira de Carvalho da Faculdade de Medicina. Esta *Liga* tinha como objetivos “lutar pelo voto secreto e obrigatório, pela efetiva aplicação da lei da obrigatoriedade do serviço militar e pela difusão da instrução e desenvolvimento da educação em todo país”, além do forte apelo à identidade nacional. No mesmo ano, em 1917, é importante frisar que as crises econômicas influenciaram para o surgimento de insatisfação dos trabalhadores e o fortalecimento de seu movimento, manifestando-se por meio de greves tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. Sobre A Liga Nacionalista de São Paulo e o seu percurso culminando no seu fechamento em 1924, ver em: LEVI-MOREIRA,

uma elite paulistana, ligado a nomes como Armando Salles de Oliveira, Rodolfo de San Tiago e Otávio Ferraz Sampaio, alunos de Ramos e outros companheiros de sua geração, como Arnaldo Vieira de Carvalho, Frederico Vergueiro Steidel, Júlio de Mesquita, Nestor Rangel Pestana, Reynaldo Porchat e outros.<sup>95</sup>

### 2.1.2 Ensino, prática e profissão em Ramos de Azevedo

A divisão que propomos aglutina a participação de Ramos de Azevedo nas instituições ligadas à instrução: o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, a Escola Politécnica de São Paulo e o Instituto de Engenharia.

Ramos de Azevedo esteve à frente da “reestruturação” da Sociedade Propagadora da Instrução Popular no que conhecemos hoje por Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo - LAO. Conforme Ricardo Severo, o LAO teve origem com Carlos Leôncio da Silva Carvalho que conduziu uma reunião no dia 14 de dezembro de 1873, juntamente com seus sócios para a fundação da Sociedade Propagadora da Instrução Popular, criada com a finalidade promover aulas gratuitas destinadas à formação de aprendizado de disciplinas elementares, tais como línguas e cálculos. Mas o registro de funcionamento se deu, oficialmente, apenas no dia 5 de janeiro de 1874.<sup>96</sup>

Em 1º de setembro de 1882, a instituição passou por um processo de ampliação e reorganização, alterando seu registro para *Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo*. Sua grade de ensino foi reorganizada com cursos mais específicos para as ciências práticas, artísticas e profissionais.<sup>97</sup> Efetivamente, Ramos de Azevedo assumiu a diretoria do Liceu apenas em 1895, quando esta instituição passava por uma crise política e econômica:

Após as dificuldades atravessadas com a proclamação da República e a Revolta da Armada, [...] uma nova diretoria é indicada e, afirmando retomar os objetivos iniciais do Liceu, imprime nova orientação aos cursos. O plano elaborado apoia-se

---

Silvia. Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924). **Revista de História**, São Paulo, n. 116, p. 67-74, junho, 1984. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61361>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

<sup>95</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 84.

<sup>96</sup> SEVERO, Ricardo. **Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo**: Histórico, Estatutos, Regulamentos, Programas, Diplomas. 1873-1934. São Paulo: Liceu de Artes e Ofícios, 1934, p. 9.

<sup>97</sup> Idem, pp, 13 e 14.

na abertura de oficinas próprias onde o trabalho prático passa a ser o núcleo de formação oferecida. Mas as mudanças atingem também os programas dos cursos.<sup>98</sup>

O LAO de São Paulo, sob a orientação de Ramos de Azevedo, tomou outras perspectivas no que tange aos trabalhos artesanais. Seus objetivos em relação a essa instituição eram de “fazê-la, não um centro genérico de cultura como havia sido até então, mas uma escola de artes e ofícios, apta para preparar uma eficiente mão-de-obra para a cidade industrial em pleno desenvolvimento”.<sup>99</sup> A atuação de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, ainda é mais evidente com a chegada de Domiziano Rossi, que passa a dar aulas na instituição e assim como outros amigos imigrantes italianos. Para a sobrepujança de valores arquitetônicos de interiores, o Liceu articulava o *gosto* da sociedade de elite paulistana da época:

As mobílias, decorações de interiores e trabalhos em madeiras ou metais finos, que logo se tornariam produtos afamados do Liceu, eram vistos quase que como um prolongamento das construções e edifícios. Realmente, na época, os ramos do mobiliário e da construção civil não pareciam tão separados quanto hoje.<sup>100</sup>

Esta escola de ofícios tornou-se um centro de referência exportador de mobília entre os anos de 1929 e 1934, sendo “o segundo maior estabelecimento do ramo mobiliário do Estado de São Paulo, em número de operários, passando a primeiro lugar, se considerarmos a força motriz”.<sup>101</sup> Ricardo Severo que esteve à frente da instituição, em seu Relatório de atividades datado de 1934, diz do *prestígio* que a *marca* do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo deteve:

por esses motivos, a marca do Liceu de Artes e Ofícios representa nos seus produtos um sinal de garantia e de valorização, assim como o seu diploma constitui para os possuidores uma pluralia que dignifica o operário e lhe garante na profissão a máxima escala de salário e de proveito moral.<sup>102</sup>

Tais palavras, para Severo, dignificavam a instituição por apresentar à sociedade paulistana e em algumas capitais do Brasil, “desde o objeto mais mezinho até á luxuosa

---

<sup>98</sup> RIBEIRO, M. A. R. ; CAETANO, C. G. ; GITAHY, M. L. C. . **Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional**. Campinas: UNICAMP, 1986, pp. 44-45.

<sup>99</sup> SALMONI, A.; DEBENEDETTI, E. **Arquitetura Italiana em São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, p. 81.

<sup>100</sup> RIBEIRO, M. A. R. ; CAETANO, C. G. ; GITAHY, M. L. C. . *Op. Cit.*, p. 45.

<sup>101</sup> Idem, p. 47.

<sup>102</sup> SEVERO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 61.

peça de grande estilo”.<sup>103</sup> A sociedade paulistana irá fazer do LAO, um espaço de referência no quesito mobiliário, trazendo para nossas reflexões as conexões com o Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo:

Na verdade, podemos afirmar que o auge do prestígio do Liceu deu-se mesmo na década de [19]20 com Ramos ainda vivo, quando a escola foi a fornecedora de todas as obras do arquiteto, desde construções oficiais até casa de aluguel destinadas à classe média. Toda a elite paulistana iria, por sua vez, fazer ali suas encomendas de mobiliário de madeiras nobres. Marchetaria rica. Estofados esplêndidos de tecidos especiais e de couro alemão. Um luxo só.<sup>104</sup>

Somente na década de 1950 o Liceu perde mercado para outras lojas de móveis do ramo. Vimos que essa instituição estava intimamente ligada ao escritório, alinhada ao desejo de uma parcela da população que estava a par dos estilos arquitetônicos,<sup>105</sup> que era próprio “de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o “progresso” (especialmente quando melhorava suas condições de vida), buscava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto.<sup>106</sup> Essas representações “progressistas” e laudatórias da burguesia paulista servia, como pano de fundo, para explicar porque determinadas parcelas da sociedade paulistano consumiam estes produtos “extravagantes” e opulentos, enquanto à outra cabia o papel de operários, disciplinados e regrados nas frentes de produção industrial de São Paulo. O LAO, assim, revelava um duplo investimento: criar operários e justificar a produção industrial para produtos de luxo, feitos por esses operários.

O Liceu funcionava na Avenida Tiradentes, número 1. Em 1896 estava instalada no prédio projetado por Ramos de Azevedo, o qual abriga, hoje, a Pinacoteca do Estado de São Paulo (Figura XX). Mas em 1906 o LAO mudou-se para uma nova sede,<sup>107</sup> construída para abrigar as oficinas com um espaço bem maior que a primeira na Rua João Teodoro 11.

---

<sup>103</sup> SEVERO, Ricardo. *Op. Cit.*, p.61.

<sup>104</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.* p.53

<sup>105</sup> Para Fernando Atique, a arquitetura eclética é “aquela que permite e escolhe” e assim está envolta nas mais variadas formas e estilos arquitetônicos. In: SALVADORE, Waldir. **Italiano e nosso: Felizberto Ranzini e o “estilo florentino”**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 17.

<sup>106</sup> FABRIS, Annateresa (Org.). **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 13.

<sup>107</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 52.



**Figura 9.** Liceu de Artes e Ofícios

Fonte: Acervo de Negativos de Vidro do Fundo Ramos de Azevedo, Biblioteca da FAU-USP.

No ensino profissional Ramos de Azevedo ocuparia ainda outro patamar: seria o vice-diretor da instituição de ensino de engenheiros de São Paulo: a Escola Politécnica.

Antonio Francisco de Paula Souza e Francisco de Paula Ramos de Azevedo “dividiram empreendimentos, discutiram com governantes o futuro de empresas [...], e juntos decidiram quais seriam os rumos que a Escola Politécnica deveria seguir.”<sup>108</sup> Esta citação de Cristina de Campos mostra como Paula Souza e Ramos de Azevedo pensaram a Escola Politécnica não apenas como um local de produção de bacharéis, mas, antes, como um catalisador de negócios, uma dimensão que viam como pertinente e necessária ao campo de ação dos engenheiros.

Com o cargo de presidente do Congresso Estadual em 1892, Paula Souza aprovou a Lei Estadual de 11 de maio de 1892 para a criação do Instituto Politécnico, voltado para o ensino de matemática e ciências aplicadas à indústria.<sup>109</sup> Na ausência do engenheiro, Francisco Sales de Oliveira e Teodoro Sampaio integraram antigas leis que diziam respeito à criação dos cursos de engenharia civil e industrial e o curso de engenharia agrícola. Com sua saída do Gabinete, Paula Souza foi nomeado diretor da Escola Politécnica em 1894, pelo presidente Bernardino de Campos. O arquiteto Candido Malta Campos Neto, nos informa sobre a formação dos alunos que ingressavam nessa escola:

<sup>108</sup> CAMPOS, Cristina. *Op. Cit.*, p. 219.

<sup>109</sup> CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade:** urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 64.

A influência germânica fez-se sentir na linha adotada para a Politécnica de São Paulo, na qual a estruturação da escola se pautou pela divisão da carreira em uma série de especialidades (engenharia civil, industrial, agronomia e arquitetura) após o período básico que ocupava os primeiros anos do curso. O aluno poderia, se quisesse, acumular mais de uma especialidade.<sup>110</sup>

O edifício para as aulas ficava no antigo solar do Marquês de Três Rios, com o logradouro de mesmo nome. Em 1895, Ramos de Azevedo projetara um novo edifício ao lado como projeto de expansão para abrigar as novas instalações dos Laboratórios Gerais, que terminou de ser construído em 24 de junho de 1899, e hoje conhecido por “Edifício Paula Souza”<sup>111</sup>.

Como professor, Ramos de Azevedo, defendia que o arquiteto precisava dominar a “arte de construir”<sup>112</sup>, e em relação a isso esteve à frente das aulas de Arquitetura Civil, Higiene das Habitações e Elementos dos Edifícios e Composição Geral, na Politécnica. Em especial, temos um trecho da aula do próprio Ramos de Azevedo por um de seus alunos Alexandre Albuquerque:

Há relações indispensáveis que devem ser satisfeitas na disposição das diversas peças. Assim o salão de refeições, a sala de jantar etc devem possuir ingressos faceis; a ordem e as comunicações entre os diversos comodos devem ser compatíveis com o fim a que se destinam, assim por exemplo a sala de jantar deve estar proxima das salas de preparação dos alimentos, como a copa etc.; as salas de vestir junto aos dormitórios; e muitas outras coisas, que dependem das exigências dos proprietários. Convem dizer, frisar mesmo que um programa bem organizado é um meio projeto feito.<sup>113</sup>

Nota-se nesse trecho, a composição dos espaços para o planejamento da casa que nas análises de alguns projetos e plantas dos palacetes e residências do seu escritório profissional durante essa pesquisa, a estrutura apresentada é semelhante com a descrição acima.

Das instituições de ensino em que Ramos de Azevedo esteve na direção percebe-se o fluxo de alunos das mesmas, para trabalhar sem seus empreendimentos, como o caso de Felizberto Ranzini<sup>114</sup> e Ernesto Dias de Castro.

---

<sup>110</sup> CAMPOS, Candido Malta. *Op. Cit. p. 64 e 65.*

<sup>111</sup> CARAM, André Luis Balsante. **Arquitetura e educação superior**: projetos e realizações dos engenheiros-arquitetos da Poli. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014, p. 137.

<sup>112</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p, 103.

<sup>113</sup> Texto transcrito do caderno de aula do curso de *Engenharia Civil*, ministrado por F. P. Ramos de Azevedo, de Alexandre Albuquerque. Fonte disponibilizada por sua neta Beatriz Portugal Albuquerque.

<sup>114</sup> Felisberto Ranzini estudou no Liceu Coração de Jesus e no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Segundo Salmoni e Debenedetti, “estudou com [Domiziano] Rossi, a quem substituiu mais tarde como professor de desenho arquitetônico no Liceu e como professor de composição decorativa e moldagem na Politécnica.”

Embora valesse-se de profissionais que não possuíam títulos de bacharéis em arquitetura ou engenharia, em seu escritório, Ramos de Azevedo transformou seu *bureau* num espaço de empregabilidade garantida a profissionais recém-formados, e isto levou-o a envolver-se, ainda, com regulamentação das profissões. Vejamos como.

A fundação do Instituto de Engenharia, segundo Carlos Lemos, “não passou da continuação natural da Sociedade de Arquitetos e Engenheiros de São Paulo [...], fundada em 1911”,<sup>115</sup> mas foi no ano de 1916 em defesa das práticas profissionais dos engenheiros, que um grupo destes se reuniu com objetivo de criar o Instituto de Engenharia. Sobre os engenheiros que estiveram à frente dessa agremiação, Lemos diz:

Em fevereiro do ano seguinte, surge oficialmente o Instituto de Engenharia e seu primeiro presidente foi Paula Souza que, por sinal, faleceu dois meses depois, em 13 de abril. Ramos é guindado à presidência por duas vezes consecutivas, tendo como vice Victor Freire. Em 1921, no entanto, envia uma circular aos associados dizendo que não mais aceita a reeleição pretendida porque entende absolutamente necessária a troca de dirigentes e de correntes de pensamento, para o fortalecimento da instituição.<sup>116</sup>

Com sua oficialização em 1917, o Estatuto previa a assistência a qualquer ordem técnica, a regulamentação da profissão e a administração de uma publicação voltada para a divulgação de trabalhos dos profissionais, bem como notícias do próprio Instituto. Para este ano, o Instituto de Engenharia contava com 276 associados.<sup>117</sup>

Regulamentar a profissão, assim, mostrava-se como um campo de reserva de oportunidades de atuação a Ramos de Azevedo. Isto o levaria a ampliar ainda mais sua atuação no mercado imobiliário.

### 2.1.3 Administrações para um mercado imobiliário

Detectamos por auxílio de bibliografia, como livro de Carlos Lemos, *Ramos de Azevedo e seu escritório*, e também de pesquisa em periódicos, diversas iniciativas empresariais que contaram com a participação de Ramos de Azevedo, seja na condução

Desenhou também diversos elementos decorativos para as obras de Ramos de Azevedo, tanto para palacetes, como para sua própria residência, para o Mercado Municipal e tantos outros edifícios em estilo florentino e *Art Nouveau*, de acordo com as autoras. In.: SALMONI, A.; DEBENEDETTI, E. **Arquitetura Italiana em São Paulo. São Paulo**: Editora Perspectiva, 2ª ed. 2007, p. 80

<sup>115</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 83.

<sup>116</sup> *Idem*, p. 83.

<sup>117</sup> INSTITUTO DE ENGENHARIA. Disponível em: < [https://institutedeengenharia.org.br/site/instituto/index/id\\_sessao/18/id\\_texto/14](https://institutedeengenharia.org.br/site/instituto/index/id_sessao/18/id_texto/14) > Acesso em 05 de maio de 2017.



direta, ou mesmo como associado. A seguir monamos uma breve descrição em ordem cronológica dessas empresas, as quais serão, depois, analisadas.

Principiemos pela Cia. Melhoramentos, que tinha como objetivos “negociar terrenos e casas ‘nesta capital ou em seus subúrbios’, empreitando, fazendo hipotecas, empréstimos e corretagens em geral.”<sup>118</sup> Esta era a definição do campo de atuação que uma das empresas que contou com atuação de Ramos de Azevedo, a partir de 1889, apresentava à cidade de São Paulo. Sua diretoria era composta Joaquim José Vieira de Carvalho, como presidente, F. P. Ramos de Azevedo, Antonio Pais de Barros, João Baptista de Mello Oliveira e José Vicente de Azevedo, como superintendentes.<sup>119</sup> Mas foi nos escritórios dessa companhia que se criou em meados de 1890 o Banco União de São Paulo, que absorveu todos os bens da Companhia Melhoramentos.<sup>120</sup> Em sua diretoria constava, como presidente, Antonio de Lacerda Franco, os diretores, João Batista de Mello Oliveira, Joaquim Lopes Chaves, Antonio Pais de Barros, Victoriano Gonçalves Carmillo, Bento Quirino dos Santos e João Tobias de Aguiar e Castro.<sup>121</sup> Ramos de Azevedo ocupou neste Banco o cargo de Engenheiro-chefe no escritório técnico.<sup>122</sup>

O Banco União de São Paulo atuou tanto como banco de emissão quanto hipotecário e comercial, dedicando-se mais a este último setor para o desenvolvimento urbano da capital.<sup>123</sup> Sua sede era na Rua Boa vista, 27 ao lado dos escritórios da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro.

Em 1911 foi criado o Banco Ítalo Belga, que se situava à Rua Álvares Penteado, 37 em São Paulo e com filiais em Campinas, Santos e Rio de Janeiro, sob a direção de Eugenio Terroir e Umberto Lombroso. Ramos de Azevedo fazia parte do conselho local consultivo, ao lado do Coronel Antonio Carlos da Silva Telles, Francisco Ferreira Ramos e o Comendador Hermelindo Matarazzo.<sup>124</sup>

---

<sup>118</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 32.

<sup>119</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 21 de janeiro de 1890.

<sup>120</sup> Esta companhia mudou em 1900 sua razão social para Companhia Melhoramentos de São Paulo – Indústrias de Papel, localizada na Rua Tito, 479, Vila Romana. Fonte: Atas da JUCESP.

<sup>121</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 36.

<sup>122</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 18 de abril de 1892.

<sup>123</sup> MARCONDES, Renato Leite; HANLEY, Anne G.. Bancos na transição republicana em São Paulo: o financiamento hipotecário (1888-1901) .**Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 103-131 , mar. 2010.

<sup>124</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1919.

Suas atividades de banqueiro também abrangeram outras repartições bancárias importantes do governo, como a própria Caixa Econômica Federal. Segundo Carlos Lemos, Ramos de Azevedo “em 1917 foi eleito vice-presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, passando a presidente em 1925, cargo que ocupou até a sua morte em 1928”.<sup>125</sup> A sede da qual Ramos exerceu seu ofício, era localizada na Travessa da Sé, 5 e 7, atual Rua Venceslau Brás, 174.

O Banco de Crédito Popular de São Paulo (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada), do qual Ramos de Azevedo também fazia parte do Conselho Fiscal, tinha como objetivo “operações de monte de socorro de empréstimos a funcionários públicos.”<sup>126</sup> Iniciou suas atividades nos andares superiores do edifício da Caixa Econômica, na Travessa da Sé.

Em 1903, inaugurou a *Ernesto de Castro & Cia*, sua sociedade com o engenheiro civil Ernesto Dias de Castro. Esta loja de importação seguia o mesmo fluxo de comércio que a Azevedo Bueno & Cia da qual era sócio. O que Ramos de Azevedo fez foi incorporar novos sócios e se lançar no mercado da construção civil com uma nova razão social, que estava ligada aos insumos dos projetos de seu escritório. Esta empresa tinha escritório na Rua Boa vista, 26 com armazéns e serraria situados à Travessa Paula Souza e Travessa Ernesto de Castro, respectivamente, na Mooca. Sobre a Serraria, “o arquiteto” a fundou, conforme Lemos, “para ser gerida pelo único filho Francisco de Paula Ramos de Azevedo Junior que, embora formado pela Politécnica, nunca praticou a profissão”.<sup>127</sup> Lemos ainda informa que esta serraria também era chamada de Central.<sup>128</sup>

A Ernesto de Castro & Cia era uma distribuidora dos produtos da Cerâmica da Vila Pudente, tais como o cimento impermeabilizante Puddle.<sup>129</sup> Fica clara a rede de distribuição que Ramos projetou, pois este fazia parte da diretoria desta Cerâmica ao lado dos fundadores, Giuseppe Puglisi Carbone, Emídio Falchi e Julio Michelli, fundada em 23 de julho de 1910.<sup>130</sup>

---

<sup>125</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 77

<sup>126</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 05 de março de 1918.

<sup>127</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 77.

<sup>128</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>129</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1925.

<sup>130</sup> Segundo informações da Ficha de Breve relato da JUCESP.

A Cia. Iniciadora Predial segundo Lemos estava sob a direção de Ricardo Severo, outro sócio do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, que funcionava como outro escritório “paralelo”, angariando para o seu corpo de funcionários vários colaboradores, dentre eles Arnaldo Dumont Villares e Alfredo de Aranha Miranda que “foram auxiliares prestimosos chefiando engenheiros e empreiteiros. [...] Os desenhistas, no entanto, eram os mesmos do escritório principal”.<sup>131</sup>

A Cia. Suburbana Paulista foi fundada em 1913, com a sociedade de Ramos com Richard Lacourciere e Francisco Ferreira Ramos e era “destinada a retalhar chácaras, lotes residenciais e glebas industriais em imensa área de terras situada entre o Instituto Butantã e Osasco”.<sup>132</sup>

Outra empreitada em que Ramos de Azevedo contou com seu amigo Paula Souza, foi a de estabelecimento da Companhia Paraná Industrial, em 1890, uma serraria responsável pela extração de madeiras do tipo araucária no Paraná, sob a direção de Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva. Ramos de Azevedo era responsável pela aquisição do maquinário da serraria, enquanto Paula Souza ficou a cargo do projeto do engenho central e do depósito da empresa.<sup>133</sup>

A Cia Jardim da Aclimação – Zoológico e Botânico de São Paulo foi criada em 1890 por Carlos Botelho, e tinha como um de seus associados, Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Sua principal destinação era “implantar o parque para a reprodução de animais e plantas, bem como explorar as compra e venda de lotes”.<sup>134</sup> Seu escritório situava-se à rua 15 de novembro, 29, 2º andar.

Em 1904, Ramos de Azevedo dirigiu a Companhia Mogyana de Estradas de Ferro, ao lado de Carlos Norberto de Souza Aranha, Barão de Ibitinga e o Comendador Manoel José Gomes que ficava na Rua São Bento, 63.<sup>135</sup>

A Empresa Eletricidade São Paulo e Rio, segundo a ficha de breve relato da Junta Comercial do Estado de São Paulo, estava situada à Rua Coronel Xavier de Toledo, 23, próximo do antigo edifício da *The São Paulo Light e Power*, no viaduto do Chá, construído pelo Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo & Villares.

---

<sup>131</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 86.

<sup>132</sup> *Idem*, p. 77.

<sup>133</sup> CAMPOS, Cristina, p. 220.

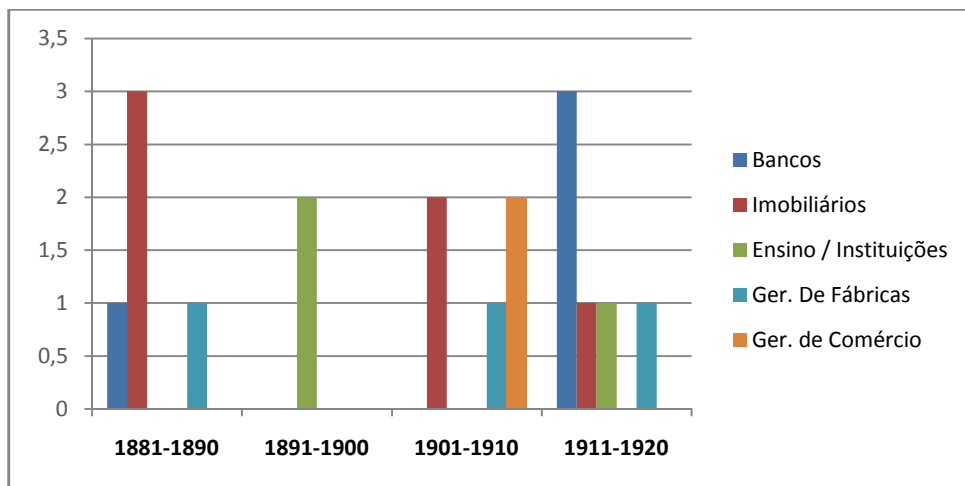
<sup>134</sup> BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Op. Cit.*, p. 151.

<sup>135</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1904.

## 2.2 Mapeamento dos Negócios Urbanos de Ramos de Azevedo em São Paulo

Produzimos um gráfico a partir de *Tabela 4*, que configura os períodos em que Ramos de Azevedo esteve envolvido com outras sociedades:

GRÁFICO 1.  
*Índice de quantitativo dos Negócios e Instituições ligados à Ramos de Azevedo.*  
Elaboração do Autor.



Como pode ser visto, entre os anos de 1891 a 1900, Ramos de Azevedo não esteve associado a outras iniciativas comerciais ou industriais, dedicando-se exclusivamente ao escritório técnico do Banco União de São Paulo<sup>136</sup>, fundado em 1890, além de seu escritório de construção civil.

Porém, conforme adentra ao século XX, Ramos de Azevedo inicia uma diversificação de atividades e empresas significativa. Julgamos que dentre várias situações explicativas encontra-se o ambiente macroeconômico, que na primeira década do século enfretava o Encilhamento. Diversificar negócios parecia, então, ser estratégico. Paralelamente, também notamos que Ramos de Azevedo procurou inserir-se em atividades que fornecessem insumos ou produtos à sua atividade principal: a construção civil. Dessa maneira, a análise de Carlos Lemos corrobora nossa investigação, quando afirma que

Assim, vemos que Ramos de Azevedo conseguiu garantir maiores lucros, nas várias etapas das construções em geral, ganhando além dos valores das empreitadas originais. Fornecia terrenos; financiava obras, principalmente através de sua

<sup>136</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 36.

Companhia Iniciadora Predial [...] administrada por Ricardo Severo; fornecia materiais de construções através da Casa Ernesto de Castro, Cerâmica Vila Prudente e da Serraria Central.<sup>137</sup>

TABELA 4  
Negócios e Instituições associados à F. P. Ramos de Azevedo  
Elaboração do autor

	Negócios	Tipo de Sociedade	Tipo de Negócio	Endereço	Ano
1	Liceu de Artes e Ofícios	Diretor	Ensino	Av. Tiradentes, 1 / Oficina: Rua João Teodoro, 11	1896
2	Escola Politécnica de São Paulo	Vice diretor / Diretor	Ensino	Rua Três Rios, s/n.	1894
3	Instituto de Engenharia	Presidente	Instituições	A sede foi instalada no Largo da Sé, 3 (1922), posteriormente transferida para a Rua da Quitanda, 12 (1924), Rua Christovam Colombo, 1 (1926), à Rua Libero Badaró, 54 (1936) / Av. Dr. Dante Pazzanese, 120 (Atual)	1917
4	Companhia Melhoramentos de São Paulo	Superintendente	Imobiliário	Rua 15 de Novembro	1889
5	Banco União de São Paulo	Diretor Técnico	Banco	Rua do Rosário, 27	1890
6	Banco Ítalo Belga	Conselho Local Consultivo	Banco	Rua Alvares Penteado, 37	1911
7	Banco de Crédito Popular de São Paulo (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada)	Membro do Conselho Fiscal	Banco	Rua José Bonifácio, 7 / Travessa da Sé, 5 e 7 em 1918 (Atual Rua Venceslau Brás)	1918
8	Caixa Econômica do Estado de São Paulo	Vice-presidente do Conselho Administrativo / Presidente	Banco	Travessa da Sé, 5 e 7 (Atual Rua Venceslau Brás)	1917/1925
9	Azevedo, Miranda e Cia (Serraria Central)	Sócio	Gerenciamento de Comércio	Travessa Paula Sousa, 1 (1903) - Atual Plínio Ramos / Travessa Ernesto de Castro, 3 (Serraria)	1903*
10	Ernesto de Castro & Cia (Azevedo, Bueno & Cia, E. P. Bueno & Cia)	Comanditário	Gerenciamento de Comércio	Rua do Rosário / Rua Boa Vista, 26 (1921) / Alameda Barão de Limeira, 500	1903
11	Cerâmica Vila Prudente	Membro da Diretoria	Gerenciamento de Fábricas	Rua Boa Vista, 16 - 5º andar	1910
12	Companhia Iniciadora Predial	Diretor	Imobiliário	Alameda Santos, 960, 19º andar / Escritório - Rua Boa Vista, 26 (sobrado)	1908
13	Companhia Suburbana Paulista	Sócio	Imobiliário	Rua Boa Vista, 26 / Rua Boa Vista, 2	1912

<sup>137</sup> LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, p. 77.

14	Companhia Paraná Industrial**	Sócio	Gerenciamento de Fábricas	Rua 15 de Novembro / Rua do Rosário, 10	1890
15	Companhia Mogiana de Estrada de Ferro	Diretor	Imobiliário	São Bento, 63	1904
16	Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo	Presidente	Imobiliário	Rua Boa Vista, 26	1886
17	Cia Jardim da Aclimação – Zoológico e Botânico de São Paulo	Acionista	Imobiliário	Rua 15 de Novembro, 59 2º andar,	1890
18	Empresa Eletricidade São Paulo e Rio	Sócio	Gerenciamento de Fábricas	Rua [Coronel] Xavier de Toledo, 23	1911

Fonte: DPH/ PMSP, AHSP, JUCESP, Almanak Laemmert e Correio Paulistano.

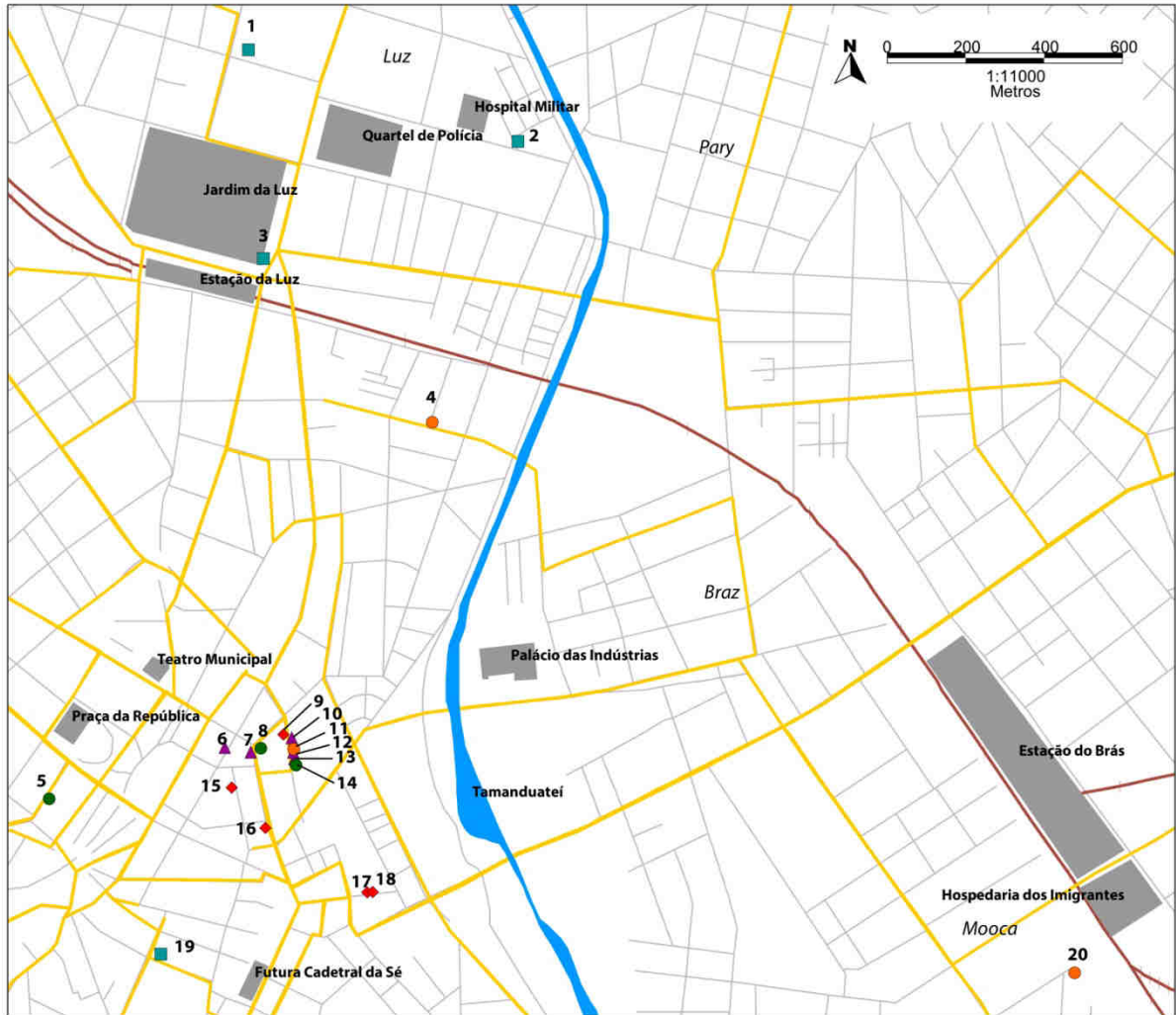
*\*Esta data refere-se ao mesmo ano em que a Ernesto de Castro & Cia iniciou suas atividades contando com uma Serraria Central, no endereço situado à travessa Paula Souza, em anúncio de Jornal do Correio Paulistano em 03 de maio de 1903.*

*\*\* Esta empresa não compreende a atuação de Ramos de Azevedo em São Paulo, mas sim no Paraná.*

A partir dos dados sistematizados da tabela acima, elaboramos um mapa por meio do software gvSIG, que trabalha com o sistema de informações geográficas e que nos permitiu espacializar os negócios e instituições em que Ramos de Azevedo se associou.

MAPA 2.  
*Negócios e Instituições ligadas a F. P. Ramos de Azevedo*  
 Elaboração do Autor

**Negócios e Instituições ligados a F. P. Ramos de Azevedo**  
 Autor: Carlos Thaniel Moura



Mapa construído a partir da "Planta da Cidade de São Paulo" de 1928 (APESP); localização de endereços e numeração da "Planta Cadastral e Comercial da Cidade de São Paulo" de 1911 (Museu Paulista); vetores de arruamento, hidrografia, ferrovias, linha de bondes do Grupo Himaco, disponível em <http://www2.unifesp.br/himaco/>; Endereços com base na obra de LEMOS, Carlos A. C. Ramos de Azevedo e seu escritório. São Paulo: Pini, 1993; no Acervo da Junta Comercial do Estado de São Paulo; e anúncios do Almanak Laemmert e do jornal Correio Paulistano, da Biblioteca Nacional.

LEGENDAS

	Gerenciamento de Comércio
	Imobiliário
	Gerenciamento de Fábricas
	Bancos
	Ensino e Instituições
	Equipamentos
	Hidrografia
	Linha de bonde
	Ferrovia

1. Escola Politécnica de São Paulo	11. Ernesto de Castro & Cia.
2. Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo	12. Companhia Iniciadora Predial
3. Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo – Oficina	13. Companhia Suburbana
4. Azevedo, Miranda & Cia.	14. Cerâmica Vila Prudente – Escritório
5. Empresa Eletricidade São Paulo e Rio	15. Banto Ítalo-Belga
6. Companhia Mogiana de Estradas de Ferro - Escritório	16. Companhia Melhoramentos de São Paulo
7. Companhia Jardim da Aclimação – Zoológico e botânico de São Paulo - Escritório	17. Banco de Crédito Popular de São Paulo
8. Companhia Paraná Industrial - Escritório	18. Caixa Econômica do Estado de São Paulo
9. Banco União de São Paulo	19. Instituto de Engenharia (1926)
10. Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo (1886)	20. Azevedo, Miranda e Cia. – Serraria Central

Ao contrário do mapa em que apresentamos os palacetes do Album-catálogo do Escritório de Ramos de Azevedo no primeiro capítulo, neste segundo mapa é possível percebermos que os negócios, na maioria representados por seus escritórios, estavam localizados na região da Sé, em ruas como Quinze de Novembro, Boa Vista e Álvares Penteado, principais vias do comércio de São Paulo. O único empreendimento que estaria distante desse centro seriam os pontos 4 e 20, que representam respectivamente os dois endereços da Azevedo, Miranda & Cia (Serraria Central). Por serem depósitos de distribuição, podemos indicar que foram pontos estratégicos para atender os dois lados do Tamanduateí e ambos próximos das duas estações ferroviárias da cidade que recebiam mercadorias dos portos de Santos e Rio de Janeiro.<sup>138</sup>

Os demais pontos, que são dados ao ensino e às instituições, estão distribuídos na região da Luz, próximo dos palacetes projetados pelos arquitetos do Escritório Técnico.

Importante salientar que a associação de Ramos de Azevedo com Ernesto Dias de Castro esteve formalizada não somente na empresa de importação, Ernesto de Castro, mas em muitas outras, como bem mostrou a tabela 2. Sendo assim, percebemos que os negócios da família de Ramos de Azevedo estariam assegurados tanto por um genro Ernesto, no ramo de materiais para a construção civil, quanto pelo outro, Arnaldo Dummont Villares, que após a morte de Ramos irá assumir a diretoria do escritório, que passará a ser conhecido por Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo e Villares.

---

<sup>138</sup> GITAHY, Maria Lúcia Caira. **Ventos do mar**: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.



### Capítulo 3

#### *Um engenheiro na vida comercial:*

#### *Ernesto Dias de Castro e a formação de um comércio de importação para a construção civil*

*Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama.*

REVEL, Jacques<sup>139</sup>

A historiografia recentemente vem adotando uma nova ênfase tanto para a construção de biografias, quanto para a compreensão de fatos históricos em diferentes escalas. A biografia traz do macro para o micro fatos despercebidos em abordagens tradicionais. Esta mudança de escala descortina aspectos importantes da vida urbana, apresentando a cidade como um campo de percepção e objeto pelos agentes históricos biografados.<sup>140</sup>

Diferentemente do que muito se criticou do gênero biográfico aplicado à história, isto é, aquela em que a moral prevalecia a título de se projetar uma figura ilustríssima para servir de modelo e inspiração para outros, encontramos, hoje, uma perspectiva que tenta entrelaçar a história-problema com o gênero narrativo da biografia. Benito Schmit indica:

Entretanto, outros historiadores – com o uso de muita criatividade na localização e leitura de novas fontes ou na releitura de documentos conhecidos – têm conseguido iluminar as vidas de indivíduos comuns, de populares. Isso vem ocorrendo sobretudo por inspiração da micro-história italiana (Ginzburg, 1987), mas também em alguns trabalhos de historiadores franceses (Vovelle; Corbin, 1985, 1998).<sup>141</sup>

Na produção da biografia de Rizkallah Jorge Tahan, a historiadora Renata Geraissati Castro de Almeida revela o que é necessário para não cair nas armadilhas da escrita biográfica:

A relação entre as escalas é um desafio na construção das narrativas, pois ao intentar, a partir da perspectiva do micro, chegar ao macro, isto é: com a análise do individual chegar à sociedade mais ampla, abordando o espaço social do particular sem perder de vista as estruturas sociais mais complexas em que o mesmo se insere, criando uma relação circular entre o micro e o macro, encontra-se a armadilha de abordar o indivíduo como autônomo da sociedade, utilizando-a apenas como pano

<sup>139</sup> REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 20

<sup>140</sup> CERASOLI, Josianne Franca. A formação do campo conceitual de estudos sobre a cidade: (im)possibilidades de uma abordagem biográfica. In.: FÁRIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (Orgs.). **Urbanistas e urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias**. São Paulo: Alameda, 2014.

<sup>141</sup> SCHMIDT, B. B. **Biografia e regimes de historicidade**. Métis (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n. 3, 2003, p.67.

de fundo ou cenário para o desenrolar de suas ações, ou identificar que todas as decisões dos agentes são determinadas por estruturas que escapam de seu controle.<sup>142</sup>

Apresentaremos a atuação e biografia profissional<sup>143</sup> de Ernesto Dias de Castro, em seu contexto social, bem como sua interferência no mesmo. A sociedade com Ramos de Azevedo na Ernesto de Castro & Cia é um primeiro indício das relações de Castro para se entender a estrutura da importação de bens materiais, e também, sua comercialização ao lado de insumos da construção civil nacionais em São Paulo.

Assim como mostrou Rodrigo Santos de Faria, percebemos que a biografia profissional é uma estratégia historiográfica importante. Pois, para o autor,

a vida contém a trajetória profissional, que está contida na biografia, mesmo não sendo a vida em si, mas parte dela. Até porque ninguém nasce atuando profissionalmente, mas são percursos da vida pessoal que geralmente informam sobre a contínua construção profissional desde a formação acadêmica. E mesmo essa construção profissional (do objeto) não pode mais que informar sobre as possibilidades e alternativas a quem empreenderá (o biógrafo) o ofício da escrita biográfica. Tanto é assim que as possibilidades e alternativas estão no documento, e pelo documento o autor-biógrafo delinea na sua trajetória interpretativa.<sup>144</sup>

Desta forma, a carreira profissional é parte da construção do indivíduo, assim com outras etapas percorridas por ele mesmo. Esta reflexão nos leva a apontar, então, nosso recorte temporal: 1899, ano em que Castro se forma engenheiro civil, e 1955, em que falece.

### 3.1 Um gaúcho na Pauliceia

O engenheiro Ernesto Dias de Castro nasceu em 13 de março de 1873 na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Era filho do casal Elibia Antunes Maciel e Pedro Dias de Castro, este por sua vez, exercia a profissão de administrador de Rendas.<sup>145</sup> Imigrantes advindos de algumas regiões da Europa para o sudeste do Brasil também se fixaram naquela cidade,

---

<sup>142</sup> ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. **Um artífice da urbanização paulistana**: Rizkallah Jorge Tahan (1895 - 1949). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016, p. 23.

<sup>143</sup> A escolha desse recurso é baseado nas ideias de Rodrigo Faria que entende Biografia profissional como um aspecto que “reconhece a trajetória profissional como inerente a própria vida, inerência repleta de fragmentações que não permitem ilusões”. FÁRIA, Rodrigo Santos de. Biografia, não mais trajetória: para (re)pensar argumentos de outrora na pesquisa sobre o engenheiro José de Oliveiras Reis. In.: FÁRIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (Orgs.). **Urbanistas e urbanismo no Brasil**: entre trajetórias e biografias. São Paulo: Alameda, 2014, p. 62.

<sup>144</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>145</sup> A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 21 de dezembro de 1889.

formando um núcleo de espanhóis, italianos e portugueses, sendo esses últimos os prováveis ascendentes da família Dias de Castro na região.<sup>146</sup>



**Figura 10.** Ernesto Dias de Castro, c. 1910.  
Fonte: Impressões do Brasil, 1923

Os primeiros registros da vida escolar de Ernesto de Castro em Bagé não são tão claros, mas apontam para o seu ingresso no colégio militar em 1890,<sup>147</sup> e após ser aluno em Montevideu, retornou ao Brasil em 1895 com outros colegas de carreira, como consta em um telegrama registrado no jornal *El País*.<sup>148</sup> Por meio de um requerimento pedindo o exame de *trigonometria esférica e escrituração mercantil* para a completar o curso preliminar, já que havia sido deferido no curso da Escola Politécnica, é possível perceber, ainda:

A certidão anexa passada pelo Comm. ° da E. Militar do Rio Grande do Sul prova que o peticionário prestou de 1890 ate 1892 os exames necessários p<sup>a</sup> completar o curso preliminar do curso preparatorio , bem como o exame do 1º anno do curso geral daquella escola, q' comprehende geometria analitica e álgebra superior, calculo refferencial e integral e geometria descriptiva.<sup>149</sup>

Naquele mesmo ano, no mês de junho, temos documentado no jornal *A Federação*, o seu interesse no curso de engenharia na Escola Politécnica de São Paulo. Através de um

---

<sup>146</sup> RAMOS, Waldir Alves. **A importância da imigração em Bagé.** Disponível em: < <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=36442> >. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<sup>147</sup> A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 10 de janeiro de 1890.

<sup>148</sup> A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 7 de fevereiro de 1895.

<sup>149</sup> Requerimento de Exame por Ernesto Dias de Castro. 27 de junho de 1895. Pasta de ex-alunos. Acervo da Escola Politécnica da USP.

comprovante de matrícula no mês de agosto, podemos comprovar o seu ingresso no curso<sup>150</sup> e o primeiro contato com seu futuro professor Francisco de Paula Ramos de Azevedo. No mesmo ano ocupou o cargo de engenheiro condutor na Secretaria de Agricultura da capital, na comissão de Saneamento, acompanhado de Manoel Barros de Carvalho, Frederico Ferreira da Silva Santos, Joaquim Leocadio Freire e Haus Ravache.<sup>151</sup>

No primeiro ano de estudos no curso de Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo, 1896, recebeu o título de engenheiro geógrafo e continuou os estudos para sua formação de engenheiro civil. Em 1897 passou a cursar junto com Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho, Mario de Campos e Carlos Kiehl nas 1ª e 2ª cadeiras do curso de Engenharia Civil.<sup>152</sup>

Na tarde do dia 24 de junho de 1899, ocorreu a 1ª colação de grau da Escola Politécnica de São Paulo com os alunos: Carlos Kiehl, Francisco de Paula Ramos, Antonio de Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Eduardo Kiehl, Francisco de Godoy Moreira e Costa, Ernesto Dias de Castro, Aureliano Ignacio Botelho, Francisco Octaviano Teixeira de Almeida e João Moreira Maciel, formando assim a 1ª turma de engenheiros diplomados em São Paulo. Na ocasião, o diretor Paula Sousa proferiu um discurso aos alunos formados que inspirava a independência de produtos estrangeiros e a valorização da indústria local;<sup>153</sup> seguido do discurso do orador da turma, Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho.

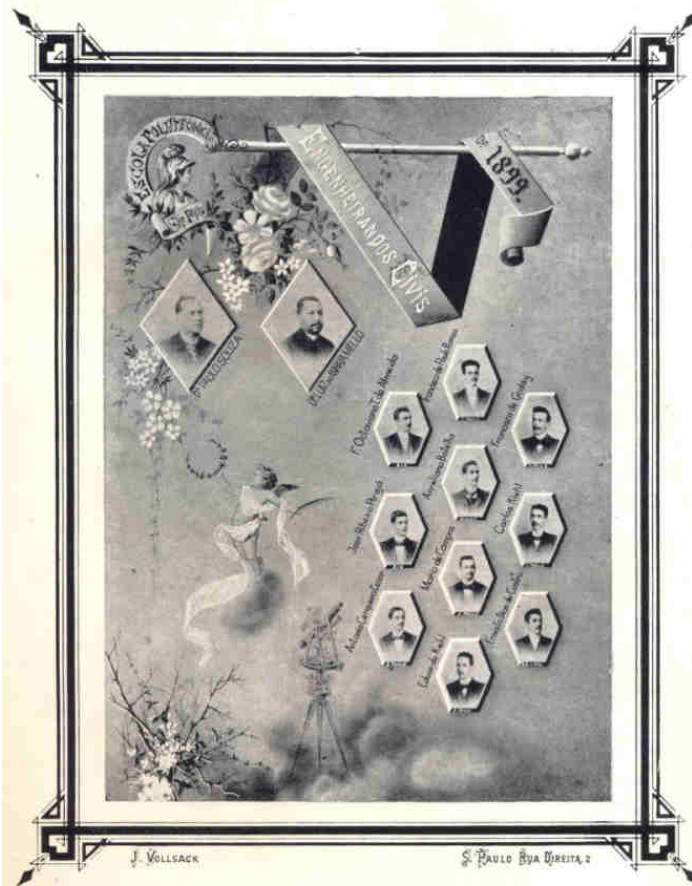
---

<sup>150</sup> CASTRO, Ernesto Dias de. Pasta de Ex-alunos. São Paulo, Arquivo EPUSP.

<sup>151</sup> O COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo. 21 de outubro de 1895.

<sup>152</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 10 de junho de 1897.

<sup>153</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. 25 de junho de 1899.



**Figura 11.** 1ª turma de Engenheiros Civis formados pela Escola Politécnica de São Paulo. Da esquerda para direita temos os Diretores Dr. Paula Souza e Dr. Luiz de Anhaia Mello, os alunos F. Octaviano T. de Almeida, Francisco de Paula Ramos, Francisco de Godoy, José Ribeiro Pirajá, Anreliano Botelho, Carlos Kiehl, Antonio Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Ernesto Dias de Castro e Eduardo Kiehl.  
Fonte: Anuário da Escola Polytechnica para o ano de 1934, III ano, 2ª Série.

No ano de 1901, o *Almanak Laemmert* apresenta o nome de Ernesto Dias de Castro no corpo docente do Ginásio da Capital, com os demais professores daquela escola e todo o corpo administrativo.<sup>154</sup> Durante a administração da capital pelo prefeito Antonio da Silva Prado,<sup>155</sup> Ernesto de Castro ocupou o cargo de 2º engenheiro ao lado de nomes como Lúcio

<sup>154</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1901.

<sup>155</sup> A gestão de Antonio Silva Prado se deu entre os de 1899 a 1911, isto é, 12 anos como prefeito da cidade. Mesmo período em que Pereira Passos realizava grandes reformulações urbanas para a capital do país, no Rio de Janeiro, Antonio Prado também realizou seus projetos urbanísticos na Paulicéia, conforme o arquiteto Candido Malta Campos nos diz: “[...] as realizações paulistanas foram consideráveis, começando por projetos de cunho paisagístico: remodelação do Jardim da Luz, urbanização e arborização da avenida Tiradentes, ajardinamento da praça da República (1902 a 1905), novo arranjo do largo do Arouche, acerto das margens do Tamanduateí, na várzea do Carmo com o plantio de grama e árvores. [...] A partir de 1901, a rua Quinze de Novembro, a mais elegante via comercial da cidade, foi alargada. O largo do Rosário (atual praça Antônio Prado), situado na desembocadura daquela rua em direção aos novos bairros “nobres” do quadrante Oeste, foi ampliado e regularizado geometricamente entre 1903 e 1906. Para tanto foi demolida a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, pólo de atração da comunidade negra, transferida para o lardo do Paissandu, também remodelado e ajardinado. [...] Iniciou-se um intervenção ‘saneadora’ na área da praça da Sé, com a

Martins Rodrigues, Francisco de Paulo Santos Rodrigues e João Esteves Ribeiro da Silva, sob a direção de Victor da Silva Freire na Diretoria de Obras.<sup>156</sup> Percebemos, aqui, um movimento das relações que conduziram os caminhos para sua atuação no comércio da cidade de São Paulo e do exercício de sua profissão de engenheiro (mesmo que breve) e professor.

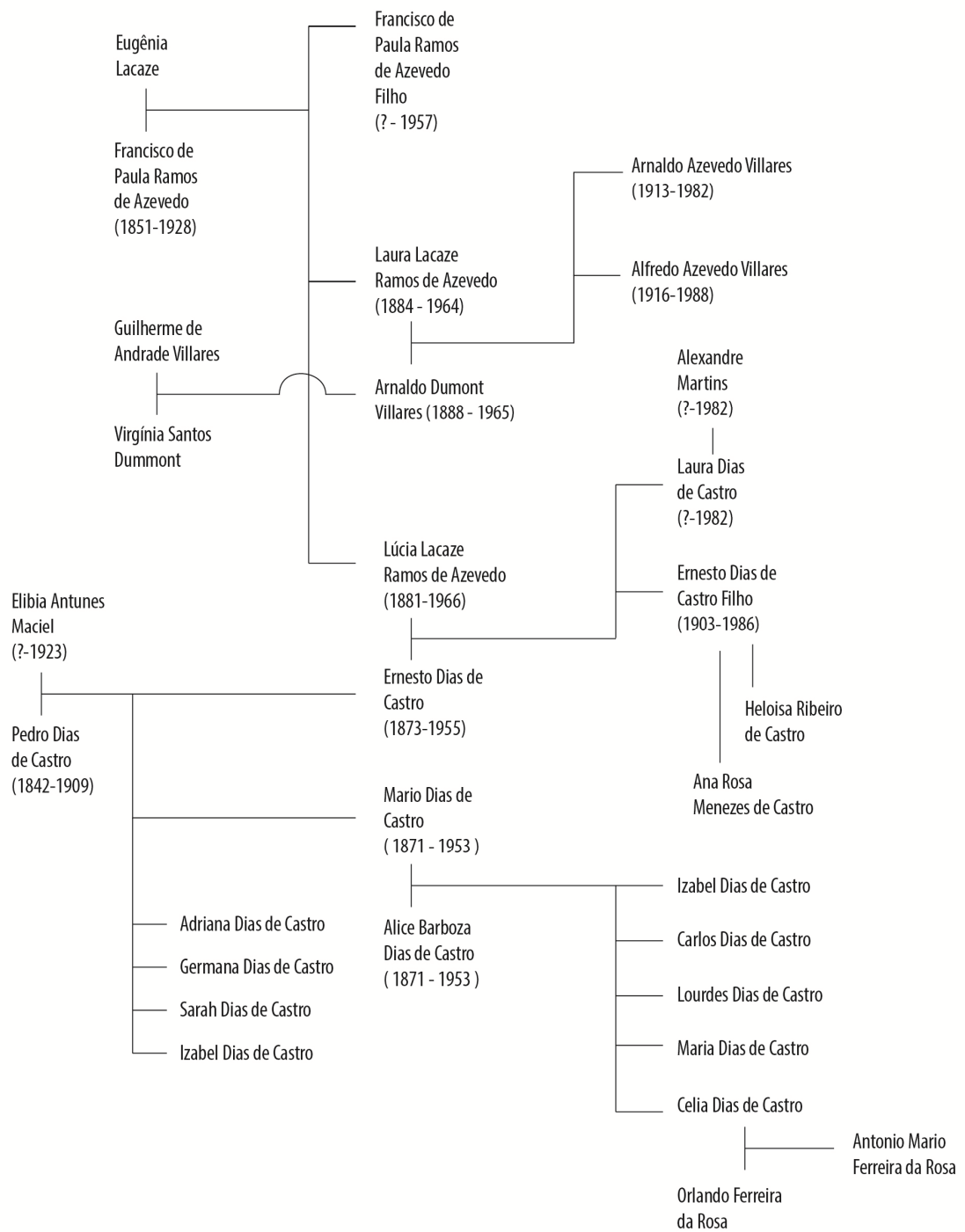
Seu endereço como professor nas cadeiras de geometria e trigonometria aparece no *Almanak Laemmert* para o ano de 1905. Ele residia à Rua Pirapitingui, 15. A rua era a mesma em que Ramos de Azevedo residia, e o número era próximo. A razão? Ernesto Dias de Castro era casado com Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo<sup>157</sup>, filha de seu antigo professor na Politécnica, e residia em uma das casas que Ramos de Azevedo havia projetado para as filhas no mesmo terreno de sua propriedade. Os poucos estudos que fazem referência a Ernesto Dias de Castro, apresentam-no como genro do “ilustre” arquiteto Ramos de Azevedo, obliterando sua trajetória como engenheiro e como comerciante.

---

demolição, pelo governo estadual, de dois quarteirões ocupados por usos indesejáveis: casinhas, cortiços e pontos de prostituição”. E conforme os planos da Avenida Central no Rio de Janeiro, Antonio Prado também seguiu o epíteto de criar avenidas que fossem vitrine do ar europeizante da Pauliceia, com a construção do Teatro Municipal no Vale do Anhangabáú e a urbanização dos arredores. Conhecido por suas “melhorias urbanas”, Prado, devido a um embate político e partidário relacionado a renovação do contrato da Light Power e Co. (companhia responsável pelo transporte público por meio de bondes até então) não concorreu as eleições para o ano de 1910. Para saber mais ver em: CAMPOS, Candido Malta. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p.82 à 93.

<sup>156</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1901.

<sup>157</sup> O casamento ocorreu em dezembro de 1899, segundo Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de Casamento da Paróquia de Cambucí, cota: 5-1-6, p.29.



Genealogia das Famílias Ramos de Azevedo e Dias de Castro.

Fontes: *Jornal Correio Paulistano*; *O Estado de São Paulo*; Site: [www.myheritage.com.br](http://www.myheritage.com.br).

Elaboração: Carlos Thaniel Moura, 2017



**Figura 11.** Residências das filhas de Ramos de Azevedo, atuais números 141 e 159 na Rua Pirapintigui.  
Fonte: Acervo do autor, 2014.



**Figura 12.** Residência, número 141 vista dos jardins do antigo palacete de Ramos de Azevedo.  
Fonte: Acervo do autor, 2014.

A residência de número 141, segundo o processo de tombamento,<sup>158</sup> apresenta Ernesto Dias de Castro Filho como o proprietário do imóvel e, possivelmente, o endereço dos pais em 1905. Já em 1903, Ernesto Dias de Castro associou-se à F. P. Ramos de Azevedo para juntos, inaugurarem a *Ernesto de Castro & Cia.*

---

<sup>158</sup> Processo de Tombamento, CONDEPHAAT, 1982, fls. 7



### 3.2 A Casa comercial *Ernesto de Castro & Cia*

Inaugurada e firmada em 18 de janeiro de 1903<sup>159</sup>, a *Ernesto de Castro & Cia* seguiu o mesmo negócio de importação que Ramos de Azevedo já administrava na *E. P. Bueno & Cia*, como pode ser visto em anúncio de jornal no dia 11 de março de 1903:

**Ao commercio**

Ernesto de Castro & Cia., sucessores de E. P. Bueno & Cia., comunicam ao commercio em geral, que continuam explorando o mesmo ramo de negocio, assumindo a responsabilidade de todo o activo e passivo da extincta firma.

S. Paulo, 10 de março de 1903.

(assignado) *Ernesto de Castro & Cia.*<sup>160</sup>

Como apontado no capítulo anterior, Ramos de Azevedo passou a constituir uma série de atividades ligadas ao fornecimento de materiais de construção. Um dos primeiros registros encontrados está no Correio Paulistano.<sup>161</sup> A notícia informa que a empresa *Azevedo & Bueno* substituiu, “em virtude da nova sociedade mercantil”, a *Azevedo Bueno & Comp.* situada na Rua do Rosário, 10, mas garantia que a nova razão social continuaria operando no mesmo ramo de “importação e commissões de conformidade com o contracto registrado na Junta Comercial”.<sup>162</sup> A nova sociedade era composta por João Azevedo e Eugenio Pereira Bueno como solidários; e Francisco de Paula Ramos de Azevedo e Joaquim F. de Camargo Junior<sup>163</sup> como comanditários.

Este empreendimento ao qual Ramos de Azevedo se associou nos revela uma parcela de importância das casas importadoras para o Estado de São Paulo e, principalmente, para a capital paulista. O projeto político republicano estava assentado sobre a ideia do *laissez-faire*, o que, em termos administrativos, levou a um processo crescente de concessões de serviços públicos – bondes, trens, iluminação urbana, água etc – e, em termos arquitetônicos, a um pronunciamento duplo: as fachadas eram ressignificadas com materiais industriais ou produzidos em seriações por moldes, evocando formas historicistas, e as construções passaram a expressar normas higiênicas impostas pelo poder público a partir de códigos que

---

<sup>159</sup> JUCESP, Atas da Assembleias, doc. 4788, 18 jan. 1903.

<sup>160</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 11 de março de 1903.

<sup>161</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 19 de fevereiro de 1891.

<sup>162</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>163</sup> Antigo Barão de Ibitinga.

isolavam as casas nos lotes urbanos e forçavam a uma gradual transformação das habitações.<sup>164</sup>

As lojas de importação que se instalaram em São Paulo nas duas últimas décadas do século XIX, mas que se expandiram após a instalação da República, permitiram a criação de um mercado especializado para dar conta das edificações do poder público, da antiga nobreza agrícola que passou a construir novas casas na capital, e, também, de um grupo de imigrantes que conseguiram repatriar recursos financeiros ou alcançaram um grau de desenvolvimento econômico.<sup>165</sup> Ao avançar do século XX, contudo, em função da incidência das regras para construções, que redefiniram as áreas para preparação de alimentos, asseio e permanência, nas edificações, essas lojas passaram a vender produtos também às classes laboriosas.

Investir, então, no mercado de materiais de construção mostrou-se como algo lucrativo. Ramos de Azevedo, assim, além de comandar firma de importação, passou a produzir insumos para a construção civil no Brasil, associando-se a fábricas diversas de materiais, como aponta a pesquisadora Thaís Carneiro de Mendonça:

Ramos [de Azevedo] passou a atuar no comércio de materiais como madeira, cal, mármore e granito, ou seja, na promoção de empreendimentos comerciais relacionados ao fornecimento de materiais para construção civil. Também empresariou empreendimentos de grande e pequeno porte, ligados a bancos, serraria e cerâmica, entre outros, abrindo caminho para que a matéria prima fosse produzida aqui mesmo no Brasil.<sup>166</sup>

A *Ernesto de Castro & Cia*, portanto, tinha Ramos de Azevedo como comanditário e Ernesto Dias de Castro como solidário<sup>167</sup>. Nas obras para o Teatro Municipal, Richard Santiago Costa nos apresenta Ramos de Azevedo em sua nova sociedade com seu genro e como esteve ligado indiretamente no fornecimento de materiais para a construção do teatro:

Ao findar o ano de 1903, a municipalidade já publicava edital para construção dos muros e abobadas do teatro a partir do plano do embasamento geral. Orçado em 135:025\$838, o serviço seria feito com andaimes e tijolos fornecidos pela prefeitura. Aqui, Ramos reporta que tais andaimes seriam fornecidos pela empresa do senhor

---

<sup>164</sup> Os códigos aqui citados como os códigos sanitários e o de obras, podem ser vistos na obra de CARVALHO, C. C. V. A. de. **Os setores médios e a urbanização de São Paulo**: Vila Mariana 1890 a 1914. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: EFLCH-UNIFESP, 2015.

<sup>165</sup> ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de Almeida. **Um artífice da urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895 - 1949)**. (Dissertação de Mestrado). Guarulhos: EFLCH-UNIFESP, 2016.

<sup>166</sup> MENDONÇA, Thaís Carneiro de. **Técnica e Construção em Ramos de Azevedo. A construção civil em Campinas**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: IAU-USP, 2010, p. 32.

<sup>167</sup> Em uma comandita simples, o comanditário é aquele cuja única participação é no seu investimento inicial e nos lucros da empresa, enquanto o comanditário solidário é aquele que responde pela empresa socialmente, como pessoa física. Ver em: <http://www.normaslegais.com.br/guia/sociedade-em-comandita-simples.htm>.

Ernesto de Casrlo & Co., que por sinal era seu genro e com o qual abrira tal negócio naquele mesmo ano.<sup>168</sup>

A firma também angariou outro membro familiar, agora da parte de Ernesto em 11 de fevereiro de 1910, com a admissão de Mário Dias de Castro como sócio-comanditário da empresa.<sup>169</sup> Anterior a este período, Mário de Castro trabalhava na loja de importação João Aydos & Cia, na cidade de Porto Alegre, com o comércio de “gêneros de estiva e outras mercadorias, em grande escala, da Europa, da América do Norte e dos Estados do Norte do Brazil, - de vendas em Porto Alegre e em todo interior do Estado do Rio Grande do Sul, por meio dos seus caixeiros viajantes e dos seus commissionários.”<sup>170</sup> A partir de 1910, a atuação de Mário Dias de Castro nos negócios da família mostra-se cada vez maior. No *Almanak Laemmert* para o ano de 1925 podemos ler que ele ocupava o cargo de tesoureiro do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, na época em que Ramos de Azevedo era vice-diretor. Mais tarde, vemos no balanço da Serraria Azevedo, Miranda S/A, o nome de Mário de Castro como Diretor-presidente.<sup>171</sup>

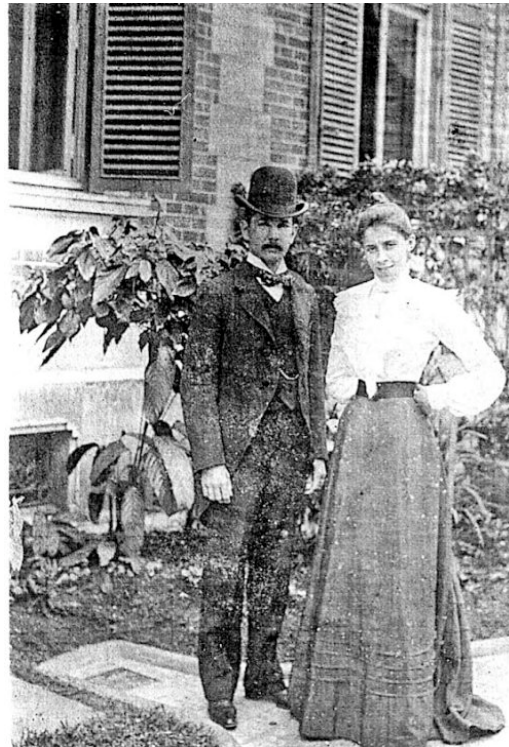
---

<sup>168</sup> COSTA, Richard Santiago. **Parnaso Paulistano**: história, arquitetura e decoração do Teatro Municipal de Paulo. (Tese de doutoramento). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017, p.114.

<sup>169</sup> Conseguimos detectar que em visita a cidade de Porto Alegre, Ernesto Dias de Castro, esteve à frente das negociações para formar a sociedade com o irmão, pois em 1910 Mario Dias de Castro foi admitido à empresa Ernesto de Castro & Cia. No período da visita, Mário trabalhava como comerciante na Loja João Aydos & Cia conforme notícia no jornal **A Federação**, de 20 outubro de 1908.

<sup>170</sup> MONTE DOMECCQ' & Cia. **O Estado do Rio Grande do Sul** Barcelona: Thomas, 1916, p. 136.

<sup>171</sup> Jornal de Noticias. São Paulo. 26 de fevereiro de 1948.



**Figura 13.** O casal Mario e Alice Barbosa Dias de Castro.  
Fonte: [www.spcity.com.br](http://www.spcity.com.br)

O Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, projetou a nova residência de Ernesto e Lúcia Dias de Castro, na Avenida Paulista. A construção teve início em 1927 e terminou apenas em 1934, 6 anos após a morte de Ramos de Azevedo, em 1928. Ao lado dela, o irmão Mário, também fixara residência na mesma avenida, com projeto e mobília das duas firmas de Ramos de Azevedo, do próprio escritório e do Liceu de Artes e Ofícios.<sup>172</sup>

---

<sup>172</sup> Conforme as informações obtidas de uma publicação de Ricardo Severo onde consta uma lista com as residências mobiliadas pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Lá aparecem os proprietários Ernesto e Mário Dias de Castro. A casa outrora pertencente a Mário Dias de Castro hoje abriga o SESC Paulista.



**Figura 14.** Residência de Ernesto Dias de Castro (Atual *Casa das Rosas*).  
Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2017.



**Figura 15.** Residência de Mário Dias de Castro.  
Fonte: [www.spcity.com.br](http://www.spcity.com.br)

Em 1917 a administração da *Ernesto de Castro & Cia* passou por uma reestruturação e a direção foi alterada com a admissão de Arnaldo Dumont Villares e Francisco de Paula Ramos Filho como sócios. No mesmo ano, Ramos de Azevedo saiu da empresa para assumir o cargo de Diretor da Escola Politécnica de São Paulo.

A trajetória comercial do engenheiro Ernesto de Castro pode ser percebida na sua relação com a Associação Comercial de São Paulo que sofre algumas alterações nas estruturas administrativas entre Indústria e Comércio e com sua própria direção para o ano de 1917. Segundo o *Estado de São Paulo* a fusão entre as duas sociedades ocorreu no mesmo ano:

Em virtude desse resultado, passaram o “Centro do Commercio Industria de São Paulo” e a “Associação Commercial” a constituir uma única sociedade, sob a denominação de *Associação Commercial de São Paulo* (Centro de Commercio e Industria).<sup>173</sup>

Interessante notar que em meados da década de 1920 houve uma cisão entre comerciantes e industrialistas. Amparados pela mesma Associação Commercial do Estado de São Paulo, os industriais criaram uma força protetora para suas tarifas referente à produção nacional com a fundação da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) em 1931.<sup>174</sup>

No ano de 1953, a *Ernesto de Castro & Cia* alterou sua razão social para *Ernesto de Castro S/A Comercial e Importadora*, configurando uma nova diretoria, sendo ela formada pelos seguintes senhores: Ernesto Dias de Castro, diretor presidente; Mario Dias de Castro, diretor vice-presidente; Carlos Eugênio Dias de Castro e Orlando Ferreira da Rosa, diretores dirigentes; Ernesto Dias de Castro Filho, diretor-secretário e Moacyr Toledo das Dores como diretor adjunto.

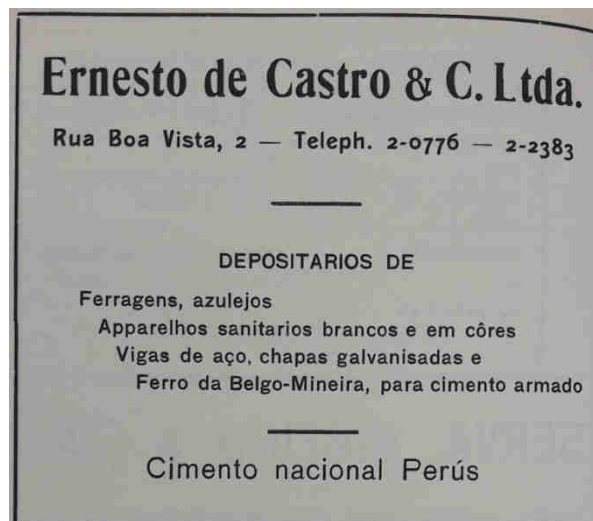
A empresa de importação contava com diversos artigos para construção, tais como “ferragens, tintas, vigas de ferro, cerâmica, artigos sanitários, aparelhos para gás e eletricidade, tubos para água, óleos, cimento, madeiras, maquinismos para lavoura, indústrias, estradas de ferro etc”<sup>175</sup>; ao mesmo tempo que possuíam uma Serraria Central, a *Azevedo, Miranda & Cia* onde eram trabalhadas as madeiras de lei e pinho nacional, e também o pinho de resina importado da América do Norte e pinho da Suécia. Em alguns anúncios de jornais pudemos perceber o investimento que a empresa tinha com propaganda, que também podia ser vista nas empenas cegas dos arranha-céus da cidade.

---

<sup>173</sup> Société de publicite sud-américaine Monte Domecq et cie . **O Estado de São Paulo**. Barcelona: Graphico Tomas, 1918, p. 150.

<sup>174</sup> WEISNTEIN, Barbara. **(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil, 1920-1964**. São Paulo: Cortez: CDAPH-IFAN – Universidade São Francisco, 2000.

<sup>175</sup> Lloyd, Reginadl (dir.) **Impressões do Brasil no século Vinte**: Sua Historia, Seo Povo, Commercio, Industrias e Recursos. Londres, Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, 1913, p. 709.



**Figura 16.** Anúncio da Ernesto de Castro & Cia.  
 Fonte: Anuario da Escola Polytechnica da Universidade de São Paulo, 1936, V anno, 2º série.



**Figura 17.** Propaganda da Ernesto de Castro & Cia na empena cega do edifício Casa Ramos de Azevedo na Rua Boa Vista, 26.

Fonte: Acervo de Negativos de Vidro do Fundo Ramos de Azevedo, Biblioteca da FAU-USP.



**Figura 18.** Propaganda da Ernesto de Castro & Cia na outra empena cega do edifício Casa Ramos de Azevedo entendendo para todo o edifício na Rua Boa Vista, 26.

Fonte: Acervo de Negativos de Vidro do Fundo Ramos de Azevedo, Biblioteca da FAU-USP.

O armazém da *Ernesto de Castro & Cia*, que era utilizado para depósito dos materiais estava localizado na atual Rua André de Leão, 55, na esquina com a Rua Ernesto de Castro, na região do Brás, próximo da linha férrea. Este edifício teve seu projeto assinado pelo Escritório Técnico Samuel e Christiano da Neves em 1920 e mais tarde reformado pelo Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo e Villares em 1938<sup>176</sup>.

---

<sup>176</sup> Acervo de Projetos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Existem alguns pedidos de alinhamento do fundo “Diretoria de Obras” do Arquivo Histórico de São Paulo, nos seguintes endereços: Travessa Paula Souza, Rua Visconde de Parnayba, Rua Affonso Penna, Rua Antonio Paes e Rua Cruz Brancos que tinha como interessado a empresa *Ernesto de Castro & Cia*.





**Figura 19.** Armazém da Ernesto de Castro & Cia com vista da Rua André Leão.  
Fonte: Acervo do autor, 2017.

Conforme consta na informação do livro *Impressões do Brasil*, em 1913 “a distribuição de mercadorias aos clientes [era] feita por 15 carroças, tendo a firma feito encomenda de alguns caminhões automóveis Orion, para ampliar os transportes”<sup>177</sup>, e neste trecho não apenas percebemos o fluxo de transporte, mas a quantidade de veículos e o futuro aumento da frota com veículos motorizados pela *Ernesto de Castro & Cia*. Nota-se a própria modernização dos meios de transporte utilizados pela empresa na distribuição de seus produtos pela cidade. A escolha pela região do Brás não foi por acaso, uma vez que o escritório estava na Rua Boa Vista, 10, esta localização pode ser entendida com a seguinte citação:

Havia todo um comércio de produtos básicos para construção mesmo no Triângulo Histórico (formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento) e adjacências — dividindo espaço com as casas importadoras, prestadoras de serviços e outras tipologias de comércio —, o que corrobora com a informação do surto de construção na cidade, ao menos no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Para os depósitos e oficinas, a região do Brás era a preferida por causa da proximidade com os ramais férreos, das grandes áreas disponíveis e por possuir mão de obra abundante [...].<sup>178</sup>

<sup>177</sup> Lloyd, Reginadl (dir.) *Op. Cit.*, p. 709.

<sup>178</sup> Ver em: NASCIMENTO, Ana Paula. Produtos, fornecedores e artesãos em obras do Escritório Técnico Samuel das Neves: 1909-1920. **Revista CPC**, São Paulo, n. 23, p. 135, aug. 2017.

Dessa forma, as exigências por materiais para construção civil se intensificaram nesse período de crescimento e urbanização em São Paulo. Trazendo como consequência uma maior movimentação no comércio construtor. Com a ampliação dos negócios no setor da construção civil, a Casa passou a comercializar também produtos nacionais, contudo, não temos a exata dimensão do catálogo e nem da procedência dos produtos comercializados.



**Figura 20.** Aquecedor a Gás importado pela Ernesto de Castro & Cia, na Residência de Felizberto Ranzini.  
Fonte: Acervo do Autor, 2017.

Pelo apurado, os irmãos Ernesto e Mario Dias de Castro mantiveram-se sócios até 1953, quando Mário falece, aos 82 anos, deixando esposa e filhos.<sup>179</sup> Após 3 anos da morte do irmão, Ernesto Dias de Castro morre, no dia 15 de novembro de 1955, e assim, sua importadora passou para as mãos de Orlando Ferreira da Rosa, casado com a filha de Mário, Célia Ferreira da Rosa. O senhor Rosa tornou-se o diretor presidente e seu cunhado, Ernesto de Castro Dias Filho, diretor vice-presidente. Este, também um politécnico, formou-se engenheiro-arquiteto em 1929.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> O Estado de São Paulo. São Paulo. 19 de dezembro de 1953.

<sup>180</sup> FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli:** ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005, p. 230.

### *Considerações finais*

No percurso desse trabalho, traçamos as principais alianças domésticas e espaciais da atuação do engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo em relação aos negócios urbanos que estiveram associados ao mercado de construção civil, imobiliário e a prática de ensino de ofícios e superior.

Percebemos com a publicação do álbum-catálogo de construções no final do Oitocentos, a representação e solidificação do Escritório que carregava o seu nome como *marca*. O processo de construção de residências luxuosas com espaços específicos e funcionais intensificou-se em um crescimento relacional entre os modos de vida *versus* a cidade urbana, que procurou com a interferência de políticas governamentais se alinhar aos “melhoramentos da cidade”.

Os registros dos edifícios construídos pelo escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo perpassa qualquer limite entre memória e história, pois o mesmo, enraizou-se no imaginário da população da cidade como o arquiteto de São Paulo, responsável pelas transformações e requintes que fizeram de São Paulo, uma cidade pertencente ao *hall* das *metrópoles* posteriormente.

Alinhados aos novos programas de habitação, os palacetes romperam com os modos de morar da província, e assim como as residências expandiam para além do perímetro urbano, o *frenesi* dos loteamentos de chácaras darão lugar a novos bairros na cidade. Os mapas aqui elaborados auxiliam na compreensão dos espaços de moradia dessa cidade e os configurados como espaços dedicados às trocas comerciais e distribuição de mercadorias.

A própria presença das linhas de bondes que já recortavam a cidade em 1905, com um trajeto que percorria a região do centro quanto outros bairros, como Campos Elíseos, Santa Cecília, Santa Efigênia, Villa Buarque, Brás, Liberdade e Cambuci, demonstra o encurtamento das distâncias dessas regiões. Isto representa uma passagem favorável para a transitoriedade da população diante das intransponibilidades deflagradas pelos rios, colinas e terrenos pantanosos que marcaram os séculos XVIII e XIX. Estas mesmas linhas estavam próximas desses palacetes e, portanto, elemento de distinção de modernidade e funciona como meio de transporte para os trabalhadores que atendiam a esse elite, com o trabalho doméstico e diversos serviços que estas casas luxuosos passaram a depender.

A profissão de engenheiro e de arquiteto, como pode ser vista neste trabalho, esteve alicerçada também para além do campo técnico, e revelou que as práticas comerciais e empreendedoras foram caminhos também seguidos por esses diplomados, levando, via de

regra, a inserção econômica e social. Para tanto, Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro foram dois profissionais que não se alinharam ao enquadramento técnico e projetista de suas áreas de concentração *apenas*. O primeiro foi engenheiro-arquiteto e pelo que se sabe projetou pouco; em seu escritório muitos projetos eram elaborados por outros arquitetos, pois a prática do chefe era *carimbar* todos eles apenas com a *marca* do Escritório, garantindo a primazia do comando institucional e o selo de respeitabilidade que efetivamente alcançou no imaginário paulista(no). Sendo assim, não há como saber quem era o autor dos desenhos. Não só esteve na direção de seu escritório, mas atuou como diretor e professor do LAO e da Politécnica, em diversos bancos e companhias que atendiam às demandas do mercado imobiliário e ao abastecimento de materiais para a construção civil. Na mesma via, Ernesto Dias de Castro formou-se Engenheiro civil pela Escola Politécnica e manteve-se pouco tempo na Diretoria de Obras da capital atuando profissionalmente como engenheiro. Pouco tempo depois aliou-se com seu sogro, Ramos de Azevedo, para entrar na iniciativa privada, com o comércio de materiais para a construção civil, já que este setor era aquecido pela demanda do mercado imobiliário. Não era apenas comerciante, mas antes mesmo disso, tornou-se professor no ginásio do Estado e não abriu mão de seu título, mesmo com os negócios paralelos.

Com isso demonstramos, ao longo da pesquisa, que a formação de engenheiro permitia outras vias de atuação, pelas próprias disciplinas que cursavam logo no primeiro ano abordando cálculos e escrituração mercantil, como foi o caso de Ernesto de Castro.

Interessante notarmos como Ramos de Azevedo associou-se aos seus dois genros para a manutenção de seu legado em duas firmas que estariam nos anos futuros presentes no processo de intensa verticalização da cidade de São Paulo. Enquanto Ernesto Dias de Castro atuou na função de diretor de uma das lojas mais importantes para o fornecimento de materiais da construção civil, Arnaldo Dummont Villares ficou responsável por gerenciar o escritório de projetos do sogro. As estratégias de Ramos de transferir para os dois genros o legado de suas duas maiores empresas que juntas continuariam a funcionar sobre a direção das famílias Severo e Villares, no caso do escritório e nos Rosa Castro, para a Ernesto de Castro & Cia abre uma questão difícil de ser respondida: o que houve com o primogênito de Ramos de Azevedo? Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho, também engenheiro, formado na mesma turma de Ernesto Dias de Castro, não esteve diretamente ligado ao escritório, ocupando em alguns momentos o cargo de vice de alguns empreendimentos de seu pai, pelo apurado, apenas de maneira *pro-forma*.

Como procuramos mostrar, o mercado da construção civil em São Paulo extrapola a compreensão meramente estilística. Estudar as alianças domésticas de Ramos de Azevedo é

mais que apenas estudar a domesticidade, perpassa a compreensão de um arranjo familiar de negócios, os quais, pelo que apuramos, expandiu-se sobre a cidade de São Paulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. **Um artífice da urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895 - 1949)**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.
- BARBUY, Heloisa Maria S. **Cidade-Exposição: comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: Edusp, 2006.
- BEGUIN, François. **As maquinarias inglesas do conforto (1977)**. Espaço e Debates, n. 34, São Paulo: Cortez, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 37.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Aspectos do Mercado Imobiliário em perspectiva histórica: São Paulo (1809-1950)**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade**. Catálogo da Exposição patrocinada pelos Correios. São Paulo: ECT, 2015.
- CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de; MENDES, Ricardo. **Fotografia: cultura e fotografia paulista no século XX**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- CAMPOS, Cristina. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2007.
- CAMPOS, Eudes. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 11-57, junho 2005.

CARAM, André Luis Balsante. **Arquitetura e educação superior**: projetos e realizações dos engenheiros-arquitetos da Poli. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014.

CARVALHO, C. C. V. A. de. **Os setores médios e a urbanização de São Paulo**: Vila Mariana 1890 a 1914. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, pp. 25-28.

\_\_\_\_\_. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 165-200, jan. 1996.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDUSP / FAPESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 293-324, jan. 2001.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO. **Adequação da ordem**: O Escritório Técnico Ramos de Azevedo e o processo de modernização da cidade de São Paulo. São Paulo: DPH/PMSP, 1991.

FARIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (Orgs.). **Urbanistas e urbanismo no Brasil**: entre trajetórias e biografias. São Paulo: Alameda, 2014.

CODY, Jeffrey. **Exporting American Architecture, 1876-2000**. London and New York: Routledge, 2006.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da Arquitetura desde 1889**: Uma história mundial. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

COSTA, Richard Santiago. **Parnaso Paulistano**: história, arquitetura e decoração do Teatro Municipal de Paulo. (Tese de doutoramento). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

DUTENKEFER, Eduardo. Metodologia para um saber e um fazer geo-histórico: análise de espacialidades pretéritas utilizando instrumentos computacionais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 65, p. 57-71, dez. 2016, p. 59.

- FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 13.
- FARAH, Ana Paula. **A Produção do Engenheiro-Arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo na Província de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2003.
- FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005.
- FORTY, Adrian. **Objetos do desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira. **Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- HOGANSON, Kristin. **Cosmopolitan Domesticity: Importing the American Dream, 1865-1920**. *The American Historical Review* 107, n. 1, 2002, p. 55-83 (57).
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEMOS, Carlos A. C. **Ecletismo atual**. CHIOZZINI, Daniel e GARDINI, André. Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN, n. 4, mar. / abr. de 2006.
- \_\_\_\_\_. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2016
- LEVI-MOREIRA, Sílvia. Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924). **Revista de História**, São Paulo, n. 116, p. 67-74, junho, 1984.
- MALTA, Marize. **O Olhar Decorativo: Ambientes Domésticos em fins do Século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X / FAPERJ, 2011.
- MARCONDES, Renato Leite; HANLEY, Anne G.. Bancos na transição republicana em São Paulo: o financiamento hipotecário (1888-1901). **Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 103-131, mar. 2010.
- MARINS, P. C. G.. Habitação e vizinhança - limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando A. (dir.). (Org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 3 (Da Belle Époque à Era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.



- MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- MENDONÇA, Thaís Carneiro de. **Técnica e Construção em Ramos de Azevedo. A construção civil em Campinas**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: IAU-USP, 2010.
- NASCIMENTO, Ana Paula. Produtos, fornecedores e artesãos em obras do Escritório Técnico Samuel das Neves: 1909-1920. **Revista CPC**, São Paulo, n. 23, p. 135, aug. 2017.
- NEUMANN, Petty Dietrich. **Cities of Light: two centuries of Urban Illumination**. Nova Iorque: Routledge, 2015.
- NOGUEIRA FILHO, Paulo. **Ideias e lutas de um burguês progressista**. São Paulo, Anhãmibi, 1965.
- PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Annablume, 2001.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p. 37.
- PERROT, Michelle. **História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- REIS, Philippe Arthur dos. **Construir , morar e viver para além do centro de São Paulo: os setores médios entre a urbanização e as relações sociais do Brás (1870-1915)**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIBEIRO, M. A. R. ; CAETANO, C. G. ; GITAHY, M. L. C. . **Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional**. Campinas: UNICAMP, 1986.
- ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- \_\_\_\_\_. **A Cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1997.

- RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena história de uma ideia.** Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SALMONI, A.; DEBENEDETTI, E. **Arquitetura Italiana em São Paulo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- SALVADORE, Waldir. **Italiano e nosso: Felizberto Ranzini e o “estilo florentino”.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- SCHMIDT, B. B. **Biografia e regimes de historicidade.** Métis (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n. 3, 2003.
- SILVA, João Luiz Máximo da. **Cozinha Modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903).** Mana, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 577-591, Oct. 2005.
- STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo, Tokyo: uma reflexão sobre a habilitação contemporânea.** (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1998.
- VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- WEISNTEIN, Barbara. **(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil, 1920-1964.** São Paulo: Cortez: CDAPH-IFAN – Universidade São Francisco, 2000.
- ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

## FONTES HISTÓRICAS

### *Instituições*

Arquivo Histórico de São Paulo

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Acervo Online)

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Biblioteca)

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Biblioteca e Setor de Projetos)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Biblioteca)

Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital e Acervo Online)

Junta Comercial do Estado de São Paulo

Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Arquivo e Biblioteca)

Secretaria da Cultura de São Paulo (CONDEPHAAT e UPPH)

Universidade Federal de São Paulo (Biblioteca)

### *Almanaques*

Almanach Administrativo, Industrial e Commercial da Província de São Paulo, São Paulo.

Almank Laemmert, Rio de Janeiro.

### *Jornais*

A Federação, Rio Grande do Sul

O Comércio, São Paulo.

O Correio Paulistano, São Paulo.

O Estado de São Paulo, São Paulo.

***Livros***

Lloyd, Reginadl (dir.) **Impressões do Brazil no século Vinte**: Sua Historia, Seo Povo, Comercio, Industrias e Recursos. Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

MONTE DOMECCQ' & Cia. **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Thomas, 1916.

SEVERO, Ricardo. **Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo**: Histórico, Estatutos, Regulamentos, Programas, Diplomas. 1873-1934. São Paulo: Liceu de Artes e Ofícios, 1934.

Société de publicite sud-américaine Monte Domecq et cie . **O Estado de São Paulo**. Barcelona: Graphico Tomas, 1918.

## ANEXOS

### *Breves biografias dos proprietários dos Palacetes*

Estas breves biografias apresentam informações pertinentes para a compreensão das personalidades, proprietárias dos palacetes do Álbum de Construções do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo e a espacialização de suas residências, com os prováveis endereços adquiridos. As informações que obtemos por meio de jornais e almanaques disponíveis em sua maior parte na Hemeroteca Digital da Biblioteca, consultas ao Arquivo Histórico de São Paulo, processos de tombamentos do órgão de preservação Estadual, CONDEPHAAT, foram essenciais na produção dos mapas e tabelas apresentados nesta pesquisa.

#### **Palacete da Exma Marquesa de Ytú**

Antonia Paes de Barros, nascida em 16 de fevereiro de 1838, era filha do Capitão Antonio Paes de Barros, 1º Barão de Piracicaba. Após seu casamento com Antônio de Aguiar Barros, o Marquês de Itu, passou a ser reconhecida por Antonia de Aguiar Barros, ou pelo seu título, Marquesa de Itu.



**Figura 21.** Antonia de Aguiar Barros  
Fonte: <http://photos.geni.com>

Em notícia do jornal *Correio Paulistano*, com o falecimento da Marquesa, a redação não poupou nas considerações de boa imagem que esta senhora tinha diante da sociedade paulistana:

Character adamantino, coração boníssimo, aberto a todas as sympathicas e nobres iniciativas, sempre prompta a socorrer a pobreza, a virtuosa senhora não deixava no desamparo todos os que recorriam aos seus sentimentos philanthropicos. Não só em S. Paulo, onde a extincta era protectora de varias associações beneficentes e religiosas, com em Itu', onde o seu nome, pelos innumerados beneficios prestados ás associações pias daquela cidade, era geralmente a acatado, profunda impressão causará a noticia da sua morte.<sup>181</sup>

A família Paes de Barros, da qual Antonia fazia parte, como as demais famílias quatrocentonas de São Paulo, eram os holofotes do período para seus pares. Diante disso, o próprio jornal explica que esta forte presença, permitia com que o círculo social da Marquesa fosse amplo, proporcionando assim seu reconhecimento diante de toda a sociedade paulistana.

A marquesa de Itu faleceu aos 80 anos em 19 de julho de 1917. Segundo o *Correio Paulistano*, o cortejo fúnebre saiu da Rua Florêncio de Abreu, 160. Ela não teve filhos, mas tratava seu sobrinho Eduardo Aguiar de Andrada e sua esposa Elisa Aguiar de Andrada como tais, com quem residia.

### **Palacete Paes de Barros**

Antonio Paes de Barros nascido em 1846 era casado e filho do 1º Barão de Piracicaba, sendo assim, irmão de Antonia Paes de Barros<sup>182</sup> e homônimo de seu pai. Possuiu o cargo político de vice-presidente da Câmara Municipal de São Paulo.

Segundo notícia sobre o pagamento de imposto de residência no dia 5 de outubro de 1888 no jornal *Correio Paulistano*, aparece em uma lista os residentes da Rua Florêncio de Abreu; o nome de Antonio Paes de Barros, no número 138. Interessante notar que em notícia de 14 de dezembro de 1886, este mesmo logradouro era conhecido por Rua da Constituição.

Ele, como muitos de seus pares sociais, mantinham escravos trabalhando para si até o ano de 1887, num total de 68. No mesmo ano, participou de uma reunião de fazendeiros para a formação de uma *Sociedade Emancipadora*, cuja finalidade era promover a libertação dos escravos sem que houvesse qualquer desorganização ou que viesse prejudicar os trabalhos

<sup>181</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 19 de julho de 1917, p. 2.

<sup>182</sup> CAMPOS, Eudes. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 11-57, junho 2005, p. 46.

agrícolas dos seus *ex-patrões*. No ano seguinte, em 1888, junto com Rafael Aguiar Paes de Barros, irmão de seu cunhado o Marquês de Itu, e Adolfo Julio de Aguiar Melchert *libertaram* um total de mais de 400 escravos, com cláusula de prestação de serviço.

A região da Luz, ao norte da cidade, abrigou ainda no Império os primeiros fazendeiros instalados em palacetes, semelhantes àqueles neoclássicos que povoavam as estradas do Botafogo e Flamengo, Vitória ou a várzea do Capibaribe. Afastados do alinhamento das ruas, e mobiliados e decorados de acordo com o gosto suntuoso do Segundo Império francês, diferiam já radicalmente da austeridade dos sobrados de taipa apiloada, cheios de escravos a servir, que pontuavam as ruas mais nobres do núcleo da cidade, como a Direita e São Bento.<sup>183</sup>

Fato curioso é o episódio em que um de seus escravos passa por uma cirurgia e lhe é prestado auxílio médico. O escravo, ao contrário dos primeiros séculos de escravidão, passa a valer muito com o fim do tráfico de escravos, como bem se nota na notícia:

Pirassununga - Lê se na Locomotiva de 6 do corrente:  
O distinto medido operador, dr. Marinho, ajudado pelos seus ilustrados collegas drs. Boyd e Castro Junio, tendo este vindo especialmente de Araras, procedeu no dia 28 de Maio, em um escravo do Sr. commendador Antonio Paes de Barros, de nome Joaquim, a extracção de Desmarres, modificado pelo professor de Groefe.  
A operação correu sem o menor accidente, ficando o doente em poucos segundos em estado de ver luz, recuperando a vista, prazer de que não gosava a três annos. [...] <sup>184</sup>

Em 1890 participou como um dos diretores da Companhia Melhoramentos de São Paulo, que era composta por seu presidente Joaquim José Vieira de Carvalho; os superintendentes Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Dr. Antonio Paes de Barros, João Baptista de Mello e Oliveira e o Dr. José Vicente de Azevedo.

Em uma das colunas do jornal Correio Paulistano denominada Berlinda, na primeira página, podemos ver a seguinte descrição sobre Antonio Paes de Barros:

#### **BERLINDA**

Dr. Antonio Paes de Barros  
XXXV

Barba á ingleza, nariz aquilino, olhos pardos. Seu traje costumeiro: paletot de flanella azul, collete e calças de casemira escura, chapéo duro, de panno preto, e guar-chuva. Tem um porte erecto, e a farda de corenel commandante superior da guarda nacional de S. Paulo lhe deve ir mater.

Foi vereador no antigo regimen, e intentente, quando governador o dr. Prudente de Moraes. Nesses cargos prestou relevandes serviços ao município da capotal. Ex-director da Companhia Ituana, é actualmente presente da Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluvial e director da Carteira Industrial do Banco União de São

<sup>183</sup> MARINS, P. C. G.. Habitação e vizinhança - limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando A. (dir.). (Org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 3 (Da Belle Époque à Era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 171.

<sup>184</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 09 de junho de 1880.

Paulo. Como prova de sua actividade nesse ultimo cargo teve o publico ensejo de apreciar a magnífica exposição artística e industrial realisada não há muitos dias nos salões daquelle banco.

Phillanthropo, dotado dos mais generosos sentimento, foi um dos promotores da fundação do Hospital Presbiteriano, de que é hoje thesoureiro.

Estudou na Allemnha o curso de engenharia, e é hoje um grande apreciador dos costumes militares daquelle paiz.

Particularidades: gosta de pescar e caçar. Numa caçada o macuco é o seu ideal, a sua mais bella aspiração na arte venatória.

Defeito: não convidar esta redacção, no tempo das fructas, com se costuma dizer, para saborear as preciosas e luzentissimas jaboticabas de sua chácara, onde se nota um dos mais bellos palacetes da capital.

Em resumo: prestante cidadão republicano e digno commandante superior da Guarda nacional da comarca da capital.<sup>185</sup>

Esse tipo de descrição de personalidades era comum, e aqui notamos o grande prestígio que possuía na sociedade da época. Desta forma, mesmo Antonio Paes de Barros não herdando o título nobiliárquico de seu pai, percebemos a importância de sua conduta destacada em uma coluna de jornal e a relação comercial com importantes nomes da época.

Antonio Paes de Barros era tio de outro importante engenheiro, Antonio Francisco de Paula Souza, que realizou os cursos desta profissão na Escola Politécnica de Zurich e Karlsruhe<sup>186</sup>. A. F. Paula Souza foi o responsável pela elaboração do projeto, fundação e direção da Escola Politécnica de São Paulo, com início em 1893 até o ano de 1917, quando falece. O Escritório Técnico do Banco União, do qual F. P. Ramos de Azevedo fazia parte, será o responsável pela construção de sua residência em 1889<sup>187</sup>, e da sua irmã, Francisca de Paula Souza, na Rua Paula Souza, 1, como pode ser visto na planta da Secretaria de Obras da cidade de São Paulo:

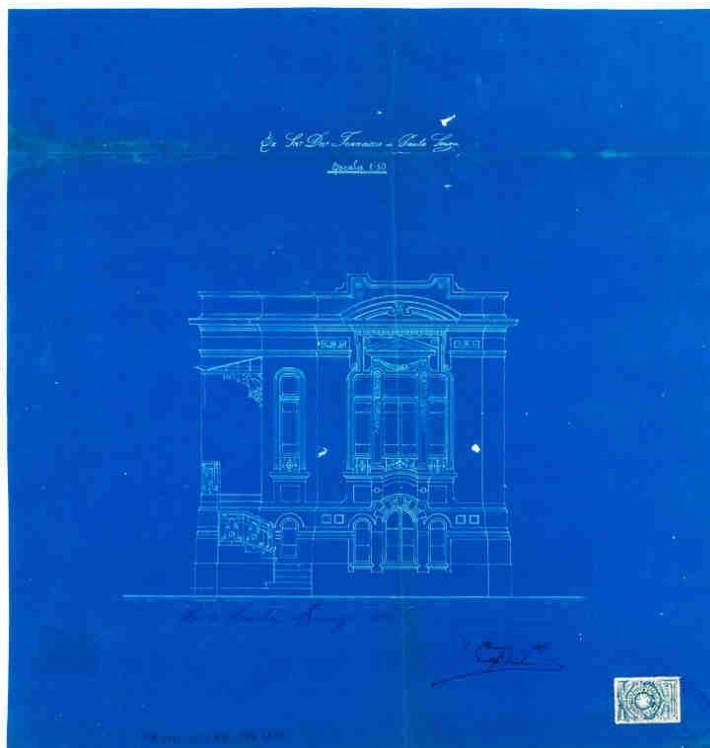
---

<sup>185</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 25 de janeiro de 1893.

<sup>186</sup> CAMPOS, Cristina. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2007, p. 67.

<sup>187</sup> CAMPOS, Eudes. *Op. Cit.*, p. 48.





**Figura 22.** Residência Francisa de Paula Souza, Rua Paula Souza  
Arquivo Histórico Municipal, Fundo “Diretoria de Obras” OP 1911.002.710.

### Palacete Lacerda Soares

José de Lacerda Soares, era filho do Coronel João Soares do Amaral e de Maria da Glória de Lacerda, filha do Barão de Arary. José foi diretor da Companhia Santista de Transportes em 1891 e residia na cidade de Santos. Quando tratava de negócios chegava a São Paulo pela ferrovia e hospedava-se no *Grande Hotel de França*. Em Ribeirão Preto, mantinha seus negócios como lavrador de café e notável capitalista <sup>188</sup>.

No ano de 1893 casou-se com Maria Flora Franco Soares, sua prima, após a morte de Fernão de Souza Queiroz, seu primeiro cônjuge. Segundo o Jornal O estado de São Paulo, José de Lacerda Soares foi tutor de Sebastiana Souza de Queiroz <sup>189</sup>, filha de Fernão e Maria Queiroz, que teve sua residência construída pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo <sup>190</sup> e atualmente sede da intendência do IPHAN-SP, na Avenida Angélica, 626. Em

<sup>188</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1905, p. 2003.

<sup>189</sup> O Estado de São Paulo. 27 de dezembro de 1904, p. 2.

<sup>190</sup> AHSP, Fundo “Diretoria de Obras” OP 1906.001.174, 31 de julho de 1906.

1906 casa-se com Maria Emília, filha de José Queiróz Lacerda, diretor do Banco do Comércio e Indústria.

O palacete que leva o sobrenome de sua família foi palco de muitas festas, como a de sua enteada, de outros parentes, e a própria comemoração de casamento da sua filha Florita Franco de Lacerda Soares na Praça da República, 60. Morreu no dia 24 de dezembro de 1915 com grande enfermidade, de acordo com notícia do *Correio Paulistano*<sup>191</sup>.

### **Palacete Pádua Salles**

Antonio Pádua Salles era um dos acionistas do Banco Ítalo-Brasileiro segundo informativo do Jornal Correio Paulistano do dia 3 de agosto de 1890. No mesmo ano, foi um dos incorporadores da Companhia Rural de São Paulo, que comprou terras no oeste e sul paulista para montar núcleos coloniais a fim de expandir o comércio pecuário e serrarias na região. Residia em Campinas ainda no ano de 1893 segundo informes do mesmo jornal.

No ano de 1898 um informativo do *Correio Paulistano* apresentou a autorização para a construção de uma casa situada à Alameda do Triunfo. No ano seguinte, em 1899, é vinculado na lista dos assinantes da *Companhia Telephonica do Estado de São Paulo*<sup>192</sup>, o nome de Antonio de Páduas Salles e seu endereço na *Alameda do Triumpho, 39*. Um pedido de construção para outra casa na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 83 pode ser consultado no fundo *Diretoria de Obras* do Arquivo Histórico de São Paulo, para o ano de 1909, e a confirmação de seu novo endereço residencial no *Almanak Laemmert*<sup>193</sup>.

---

<sup>191</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 25 de dezembro de 1915.

<sup>192</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 05 de dezembro de 1899.

<sup>193</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1910, seção Estado de São Paulo, p. 5.



**Figura 23.** Residência Antonio Padua Salles, Rua Brigadeiro Luis Antonio, 83 Arquivo Histórico Municipal, Fundo “Diretoria de Obras” OP 1909.000.499.

### Palacetes Mello e Oliveira

O Barão de Mello e Oliveira, Dr. Luiz José de Mello e Oliveira<sup>194</sup> de Rio Claro, residia conforme se apresenta no álbum do escritório em dois palacetes, que porventura foram construídos na última década do século XIX. Segundo informações de Carvalho, um dos palacetes situava-se na Rua Brigadeiro Tobias, enquanto o segundo supomos que estava localizado na Rua *Ypiranga*, 2, conforme dados do próprio *Almanach Administrativo, Industrial e Commercial da Província de São Paulo para 1887*.

Da mesma maneira que citado acima sobre Antonio Paes de Barros e a sua relação com os escravos, o Barão de Mello e Oliveira, possuía também cerca de 60 escravos que posteriormente foram libertos com a criação da *Sociedade Emancipadora*. Para compreendermos os laços familiares que possuía, apresentamos a seguir uma notícia de falecimento de seu irmão:

---

<sup>194</sup> *Almanach Administrativo, Industrial e Commercial da Província de São Paulo para 1887*, p. 49.

Por telegramma recebido hontem nesta capital sabemos que falleceu em Araras, victima de uma lesão cardíaca, o sr. Coronel Justiniano de Mello e Oliveira, abastado agricultor alli residente.

O illustre finado era pae do sr. Coronel Justiniano Witacker, irmão do estimado chefe republicano senador Mello e Oliveira, digno presidente da Comissão Central, do barão de Araraquara, barão de Mello e Olliveira, cunhado do conde do Pinhal e do barão de Piracicaba, e tio do sr. Dr. Firmiano Pinto, digno secretario dos negócios da Agricultura.<sup>195</sup>

Em 1890, o Barão era presidente da *Companhia Paulista de Materiais para Construção*. Fazia parte do conselho fiscal da Companhia Industrial Pyragibú em 1891, responsável pelo comércio de construção civil, obras correlativas, ornamentação e outros<sup>196</sup>.

Neste mesmo ano, no Jornal Correio Paulistano aparece um agradecimento dos editores do jornal Diário do Comércio, onde evidencia o Barão como um de seus fundadores:

[...] A vocação pela imprensa foi o que nos levou a fundarmos o *Diario do Comercio*.

Quando tratávamos desta empresa fomos auxiliados poderosamente pelo nosso sympathico e respeitável amigo exm, sr. barão de Mello Oliveira.

Aquelle honrado capitalista e estimado cavalheiro não poupou esforços nem sacrificios para o apparecimento do nosso jornal.

Foi elle o seu principal fundador.

Agradecemos-lhe o auxilio que nos prestou durante o tempo que dirigimos aquella folha.<sup>197</sup>

O papel que desempenhava nesta sociedade pode ser visto no que foi aqui descrito nas poucas informações que temos sobre sua atuação na área do comércio para materiais de construção.

### **Palacete Almeida Prado**

Sobre José Vasconcelos de Almeida Prado não há muitos registros sobre sua atuação na cidade de São Paulo. Temos no Almanak Laemmert o endereço que corresponde com o atual palacete na Rua Beneficência,1, mas no nome de seu filho José Vasconcelos de Almeida Prado Junior<sup>198</sup>.

---

<sup>195</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 09 de dezembro de 1897.

<sup>196</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 18 de abril de 1891.

<sup>197</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 11 de junho de 1890.

<sup>198</sup> *Almanak Laemmert*, edição de 1919, p. 4376.



**Figura 24.** José Vasconcelos de Almeida Prado  
Fonte: <http://photos.geni.com>

Baseamo-nos nas informações de Cecília Naclério Homem sobre o proprietário e a localização do palacete na *Travessa da Beneficência*<sup>199</sup>, atual *Rua Beneficência Portuguesa, nº 29* e das contribuições do arquiteto Eudes Campos sobre as origens ituanas de Almeida Prado. A seguir apresentamos um trecho em que Campos comenta sobre a aquisição do terreno para a construção do palacete:

Tendo adquirido a antiga chácara de Neves de Carvalho, Almeida Prado escolheu como local para a sua futura casa a parte da propriedade que lhe pareceu mais elegante, na esquina da Rua Brigadeiro Tobias com a futura Rua da Beneficência Portuguesa, e a poucos metros do hospital dessa instituição.<sup>200</sup>

O palacete é atualmente o Colégio Bilíngüe Dexin, que ensina Mandarim no ensino regular. A residência não possui mais os jardins que a cercavam, que dera lugar para outros edifícios no seu entorno. Algumas modificações foram feitas na estrutura do Palacete, mas muito se conservou da sua fachada original.

---

<sup>199</sup> CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo. EDUSP, 2000, p. 279.

<sup>200</sup> CAMPOS, Eudes. *Op. Cit.*, p. 43.



**Figura 25.** Colégio Bilíngüe Dexin, antiga Residência de Almeida Prado, vista da Rua Brigadeiro Tobias.  
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



**Figura 26.** Colégio Bilíngüe Dexin, antiga Residência Almeida Prado, vista da Rua Beneficência, 29.  
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

### **Palacete Ignacio Penteadó**

Este palacete pertenceu a Inácio e Olívia Guedes Penteadó. Segundo Homem, Inácio Álvares Penteadó era exportador de café, irmão de Antônio Álvares Penteadó, que por sua vez também era fazendeiro na região de Santa Cruz das Palmeiras e um industrial na capital de São Paulo. Olívia Guedes Penteadó nasceu no ano de 1872, na cidade de Campinas. Era filha

do casal José Guedes de Souza e Carolina Alves Guedes, Barões de Pirapitingui. Casou com seu primo Inácio Penteado, que tinha acabado de estudar Comércio na Inglaterra. Antes de residirem na capital moraram em Santos, cidade que Inácio possuía uma casa comissária de café. Com o surto de febre amarela mudaram para São Paulo onde construíram sua residência na Rua Conselheiro Nebias.<sup>201</sup>

Segundo uma coluna de jornal, denominada *Convertida ao Modernismo*, assinada por Maria Ignez Barbosa, a autora descreve a atuação de Olívia Guedes Penteado no círculo das obras de artes e sua contribuição e apoio aos artistas nos anos 1920, especificamente na Semana de Arte Moderna. Ainda retratou o aspecto do antigo palacete de Olívia em contraste com suas novas aquisições para o interior da residência:

sua casa em São Paulo, um palacete nos Campos Elísios, projetado por Ramos de Azevedo, com terminações em ferro forjado, cobertura de vidro na entrada principal e interiores decorados com móveis europeus, objetos rococó, muito petit point, tapetes persas e Aubussons, era coisa do século anterior. O belo Léger comprado na Galeria de L'Effort Moderne, Comptier de Poires, cuja chegada a São Paulo foi festejada com uma procissão nos jardins de sua mansão, nada teria a fazer em seus salões belle époque.<sup>202</sup>

### **Propriedade Ramos de Azevedo**

Francisco de Paula Ramos de Azevedo, nascido em São Paulo, em 1851, e falecido no Guarujá, cidade balneária paulista, em 1928, foi um engenheiro-arquiteto com formação internacional.

Ramos de Azevedo começou seu escritório paulistano individual, com auxiliares variados, entre 1886 e 1890. A partir de 1911 até seu falecimento, 1928, o *bureau* foi denominado *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo*, conforme a cronologia proposta por Carlos Lemos.<sup>203</sup>

Sua residência situada na Rua Pirapitingui, 111, em 1891, é hoje, sede da Editora Global. É um edifício tombado pelos órgãos de preservação municipal e estadual, sendo o primeiro, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e

---

<sup>201</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 175.

<sup>202</sup> BARBOSA, Maria Ignez. **Convertida ao Modernismo**. São Paulo: O Estado de São Paulo, Emais. 29 de maio de 2010. Disponível em: < <http://emails.estadao.com.br/noticias/casa-e-decoracao,convertida-ao-modernismo,558283> > Acesso em 22 de setembro de 2017.

<sup>203</sup> LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993, p. 59.

Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, e o segundo, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT.

### **Palacete Barboza de Oliveira**

A única informação que conseguimos sobre o proprietário deste palacete foi no Acervo de Projetos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que indica o seu nome e endereço apenas no título de busca deste projeto, isto é, Luis Barbosa de Oliveira Albino residente na Avenida Tiradentes. Na confecção no mapa optamos por deixar o ponto referente ao palacete no meio da avenida, de modo que não possuímos a localização correta.

### **Palacete José Paulino**

O Coronel José Paulino residia em Campinas e quando chegava a São Paulo hospedava-se no Grande Hotel de França na capital conforme notícia do *Correio Paulistano* para a edição de 27 de janeiro de 1891. José Paulino fazia parte da direção do Partido Republicano junto de seus pares, João Baptista de Mello Oliveira, Manoel Pessoa de Siqueira Campos e Dr. Rubião Junior segundo informações do mesmo jornal<sup>204</sup>.

Segundo Carvalho, o Cel. José Paulino residia na Rua Conselheiro Crispiniano, 90 e nos Registro de obras em que a mesma consultou, há um pedido de construção de cocheira assinado por Ramos de Azevedo no ano de 1896<sup>205</sup>. Supomos que o palacete fora construído entre as duas datas que temos registrado, isto é, desde sua hospedagem no Grande Hotel de França, até o registro da construção da cocheira, sendo, portanto entre 1891-1896.

### **Palacete Almeida Neto**

Na busca pelo proprietário desse palacete, nos deparamos com o nome João Ribeiro de Almeida Netto. Este residia em uma região próxima dos outros palacetes e por isso optamos por trabalhar com essa hipótese.

---

<sup>204</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 05 de junho de 1897.

<sup>205</sup> CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Op. Cit., p. 279.



Segundo o *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1886*<sup>206</sup>, o Tenente-cirurgião João Ribeiro de Almeida Netto residia na Rua Ypiranga, 11 e trabalhou como médico no Quartel no Convento do Carmo do corpo policial.

### **Palacete Aguiar de Barros**

Conforme consta no acervo da seção de projetos da Biblioteca da FAU, aparece o nome de Antonio Francisco Aguiar de Barros no título do projeto endereçado à Avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Aguiar de Barros era filho de Francisco Xavier Paes de Barros, o Barão de Tatuí<sup>207</sup>. Nas eleições para vereador na capital, aparece o seu nome como um dos candidatos e aparecendo na função de lavrador e residente na capital.

No *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1885*<sup>208</sup> Aguiar de Barros tinha residência fixa na Rua Florêncio de Abreu. Sendo assim, levantamos a hipótese de que se mudou para a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio.

---

<sup>206</sup> *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1885*, II Parte, Seção III, p. 58.

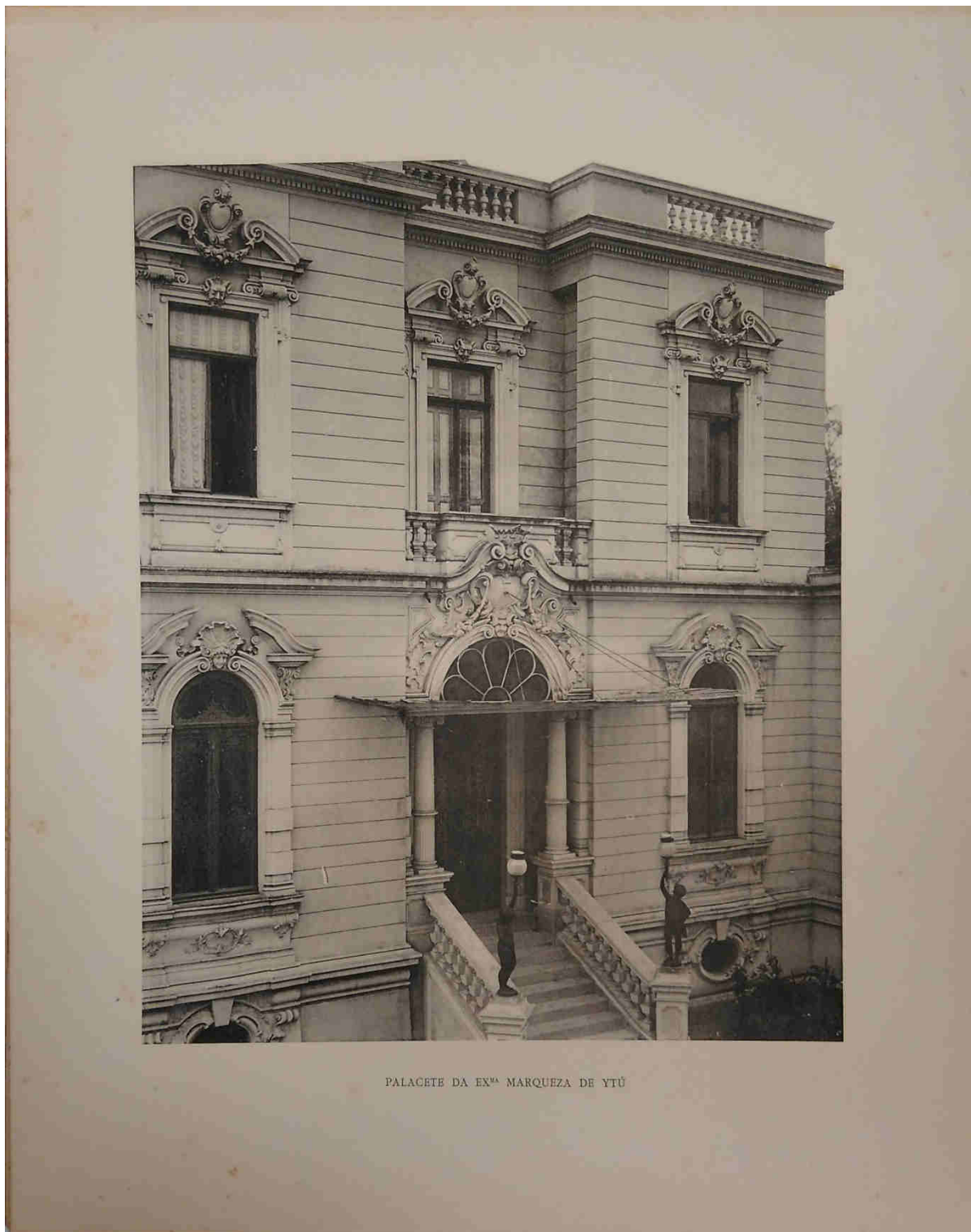
<sup>207</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 12 de fevereiro de 1919.

<sup>208</sup> *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1885*, III Parte, Seção IV, p. 92.

*Os 13 palacetes conforme a ordem estabelecida pelo Álbum de Construções do Escritório  
Técnico F. P. Ramos de Azevedo*



**Figura 27.** Palacete da Ex.ª Marqueza de Ytu. Posição 34  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



PALACETE DA EX.<sup>ma</sup> MARQUEZA DE YTU

**Figura 28.** Palacete da Ex.<sup>ma</sup> Marquiza de Ytu. Posição 35  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 29.** Palacete Paes de Barros. Posição 36  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 30.** Palacete Lacerda Soares. Posição 38  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 31.** Palacete Padua Salles. Posição 40  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



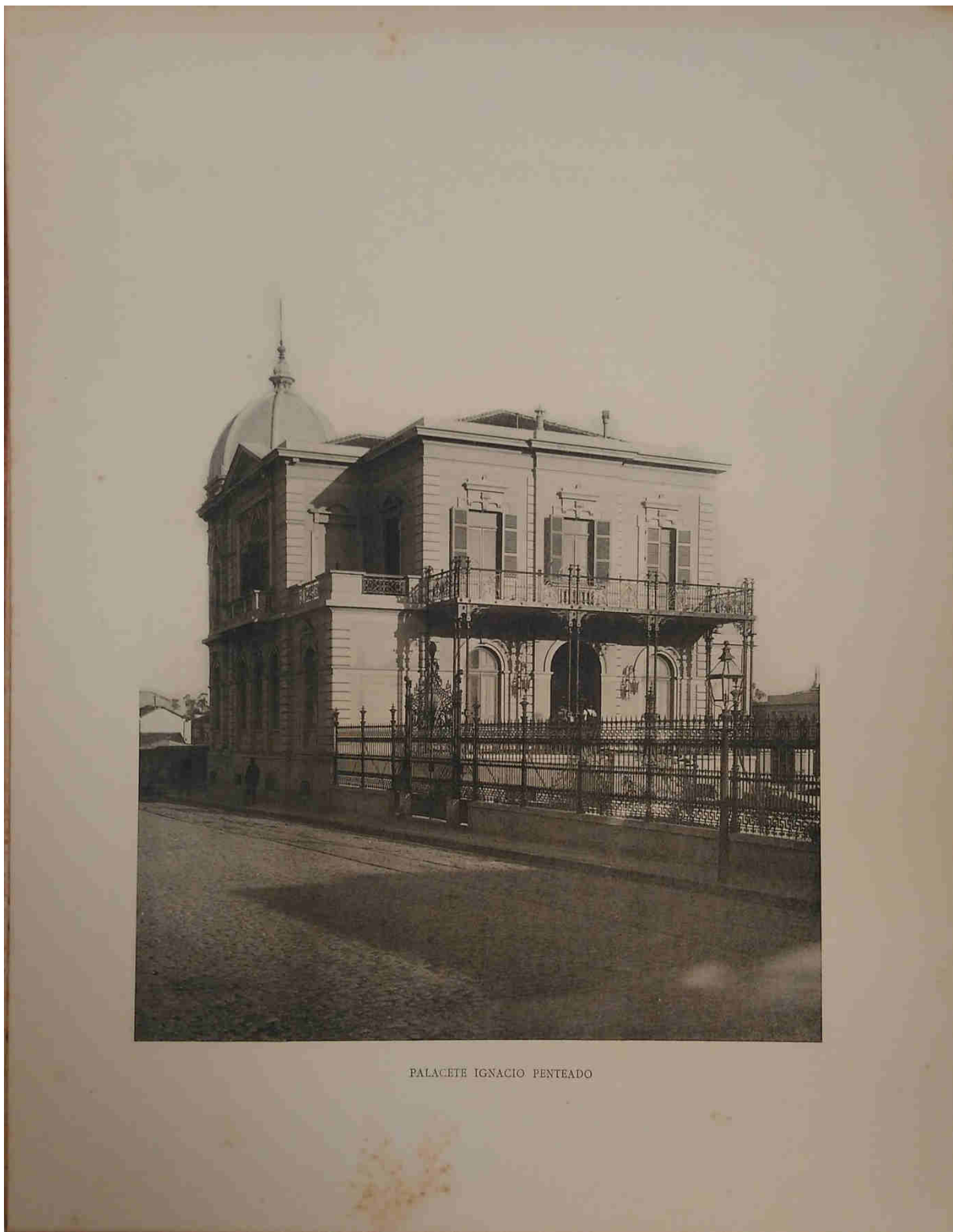
**Figura 32.** Palacete Mello e Oliveira. Posição 41  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



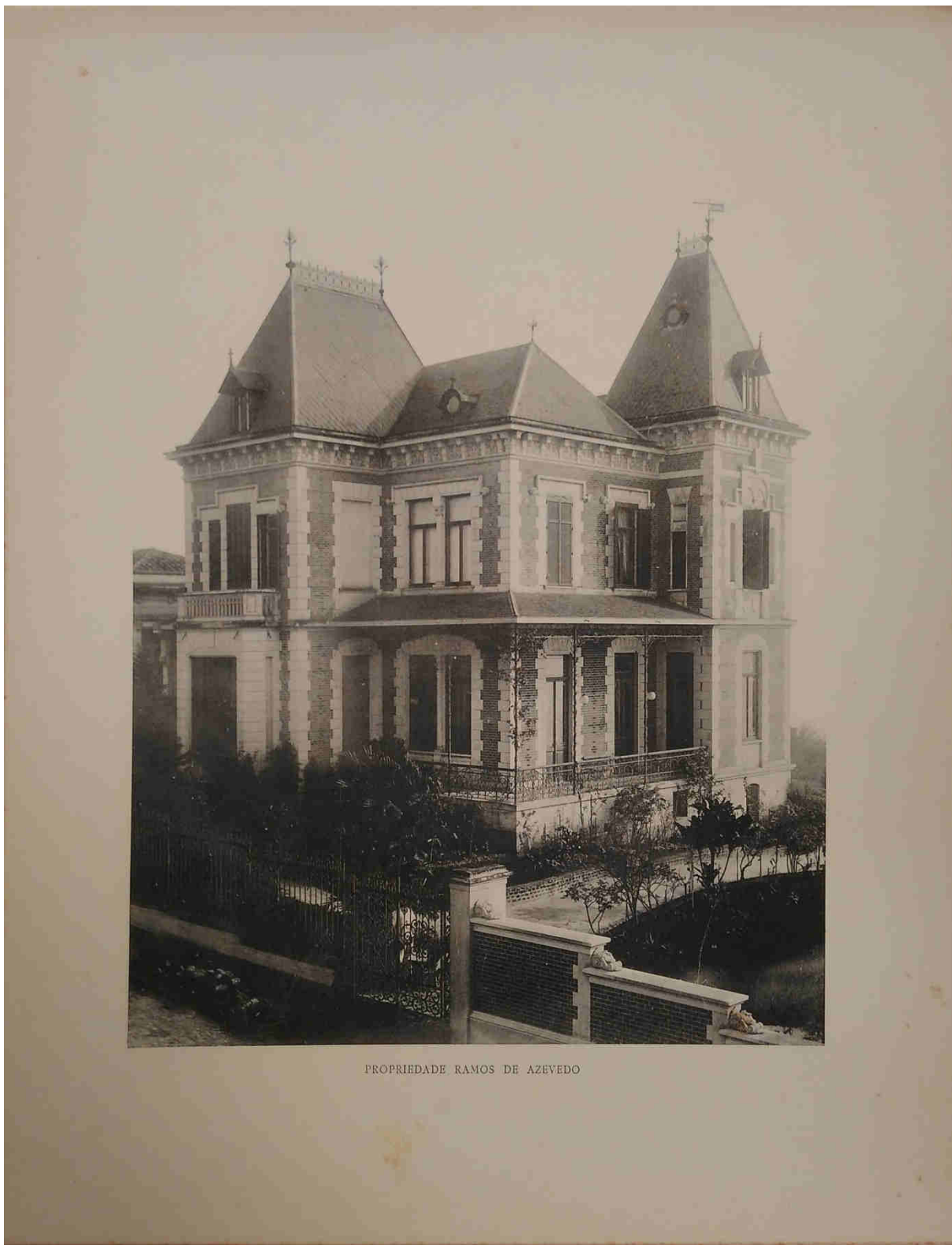
PALACETE ALMEIDA PRADO

**Figura 33.** Palacete Mello e Oliveira. Posição 42  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP





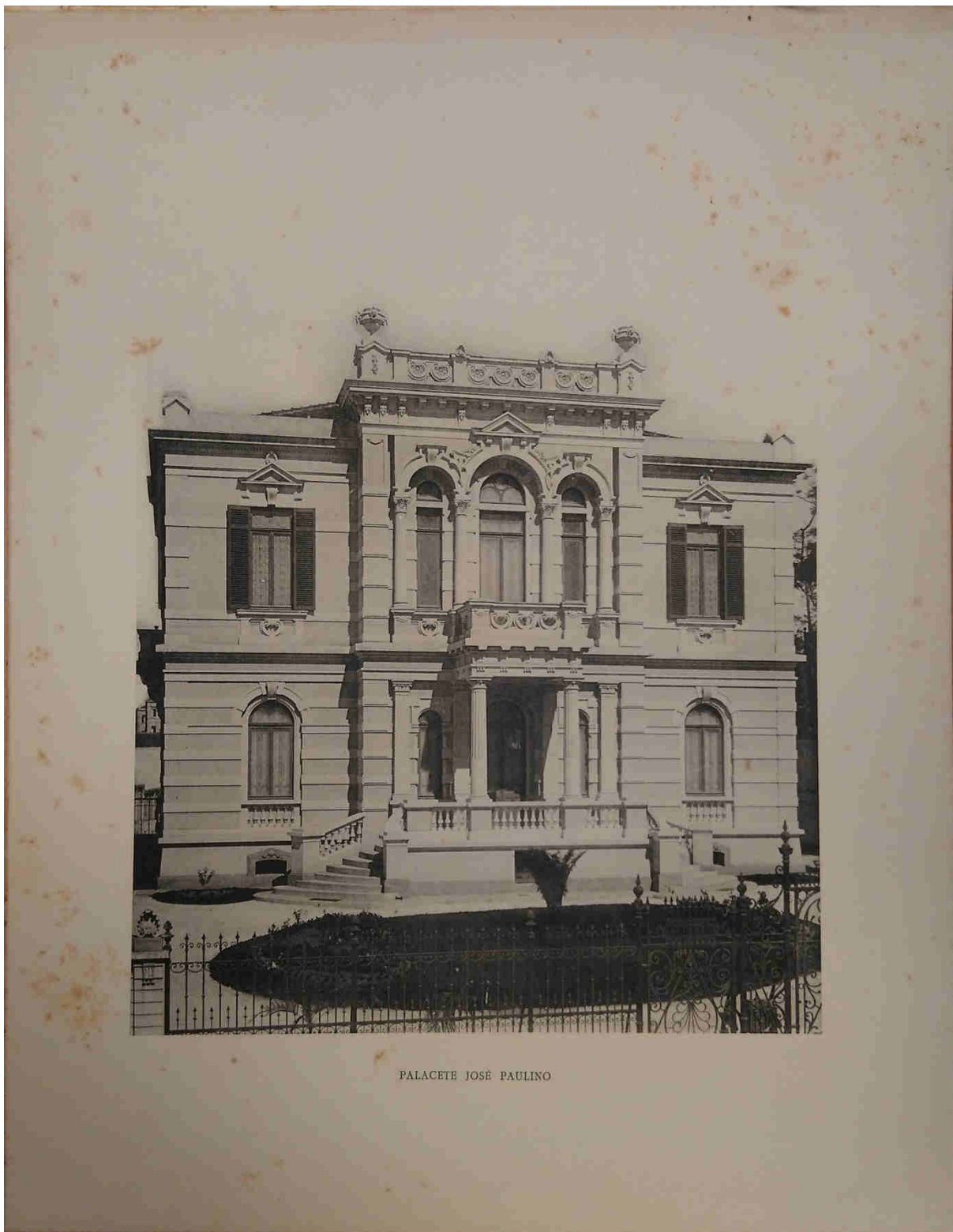
**Figura 34.** Palacete Ignacio Penteado. Posição 43  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 35.** Propriedade Ramos de Azevedo. Posição 44  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



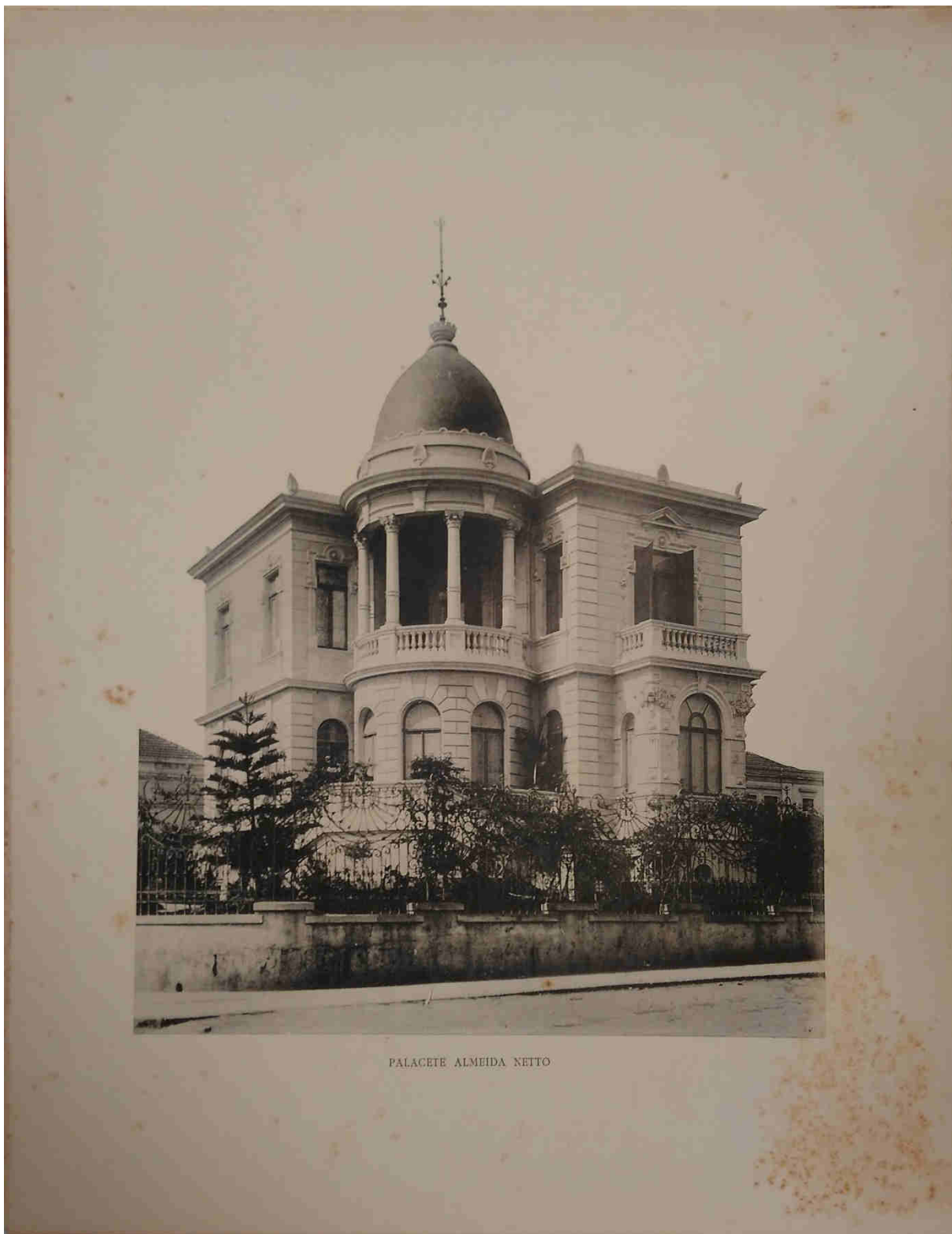
**Figura 36.** Palacete Barboza Oliveira. Posição 45  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 37.** Palacete José Paulino. Posição 46  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 38.** Palacete Mello e Oliveira. Posição 47  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 39.** Palacete Almeida Netto. Posição 48  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP



**Figura 40.** Palacete Aguiar de Barros. Posição 49  
Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca da FAU-USP